

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A CONJUGALIDADE EM RECÉM-CASADOS PELA ANÁLISE
SOCIETAL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE WILLEM DOISE.

Juliana Pereira Torres

Vitória

2015

JULIANA PEREIRA TORRES

A CONJUGALIDADE EM RECÉM-CASADOS PELA ANÁLISE
SOCIETAL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE WILLEM DOISE.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Psicologia da Universidade
Federal do Espírito Santo, como requisito
parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Psicologia, sob a orientação da Profa. Dra.
Priscilla de Oliveira Martins da Silva

UFES

Vitória, abril de 2015.

**A CONJUGALIDADE EM RECÉM-CASADOS PELA ANÁLISE SOCIETAL DAS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE WILLEM DOISE**

JULIANA PEREIRA TORRES

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Dissertação defendida e aprovada em 26 de maio de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Priscilla de Oliveira Martins Silva (Orientadora)

Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Dra. Kirlla Cristhine Almeida Dornellas

Faculdade Multivix

Prof. Dr. Paulo Rogério Meira Menandro

Universidade Federal do Espírito Santo

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha mãe Ana Maria Pereira Torres por todo aporte oferecido nesta existência e amparo incondicional.

Agradecimentos

Agradeço a todos que me proporcionaram leveza e alegria nestes dois anos, mas a companhia de algumas pessoas foi fundamental nesta caminhada.

Agradeço a minha família, mãe, Ana Maria Pereira Torres, seu companheiro e meu grande amigo Osmar Pinto da Costa, meu irmão Vinicius Pereira Torres e minha cunhada Andréia Ramos Vieira, pelos afetos compartilhados e o suporte necessário.

Agradeço ao meu namorado Rodolpho Soares Silva pela presente companhia, paciência e ajuda constante. Nosso amor sempre presente foi de grande aporte nestes dois anos.

Agradeço a minha orientadora, professora Dra Priscilla de Oliveira Martins da Silva pelo suporte na construção deste trabalho. Agradeço pela confiança e autonomia cedida e os maravilhosos sorrisos que me acalmaram.

Agradeço a toda equipe do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGP-UFES), professores e funcionários que colaboraram com o seu conhecimento e disponibilidade.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida nestes dois anos que possibilitaram e contribuíram para a realização do Mestrado.

Agradeço também aos meus participantes que fizeram essa pesquisa possível.

Agradeço aos amigos, familiares e toda forma de amparo que recebi nesta jornada. Meus sinceros agradecimentos,

Obrigada.

Resumo

Palavras-chave: conjugalidade, recém-casados, Análise Societal, Willem Doise.

A presente pesquisa se propôs a estudar a conjugalidade em recém-casados buscando compreender de que maneira as mudanças sociais interferem o início da conjugalidade. Utilizou-se como base a Teoria das Representações Sociais (TRS), que constitui um modelo teórico para compreensão e explicação da construção do conhecimento leigo. Dentro da TRS, enfatizou-se a abordagem Societal de Willem Doise, que propõe estudar o fenômeno a partir de quatro níveis de análise: intraindividuais; interindividuais e situacionais; intergrupais e societal. Participaram da pesquisa dez casais de classe média, selecionados a partir dos seguintes critérios: deveriam ter no máximo quatro anos de união civil registrada em cartório - sendo esta a primeira de ambos (1); não deveriam ter filhos (2) e deveriam ter morado com os pais antes do casamento (3). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas que tiveram duração de 13 a 51 minutos e foram gravadas em áudio com o consentimento dos participantes. Os resultados indicam que a conjugalidade atual é permeada tanto pelas antigas quanto pelas novas representações sociais, podendo coexistir na dinâmica marital. Vale ressaltar que um mesmo elemento de representação apresentou significados diferentes para homens e mulheres. Na análise intraindividual foram identificados os elementos 'mudança de status' e 'influência familiar' surgidos no convívio, até então, inédito. Nas análises interindividual e situacional destacou-se o elemento 'busca pela boa convivência', ou seja, verifica-se que diante dos desafios da

conjugalidade os casais buscam o equilíbrio recuperando e balanceando os aspectos positivos da relação, visando a manutenção satisfatória do casamento. Na análise intergrupai foram identificadas diferentes direções de influência das representações sociais na forma com que os casais representam o casamento em relação à família e às redes sociais. Quanto ao trabalho, notou-se que os casais já traziam representações que influenciam a forma como lidam com ele. Por fim, em relação aos amigos foram observados dois vieses: a forma como representam o casamento e os amigos solteiros. A análise societal possibilitou compreender as representações sociais identificadas nos três níveis de análise por meio da identificação de dois metas-sistemas (Doise, 2014). Foram eles: os padrões tradicionais, representados pelos papéis a serem desempenhados por homens e mulheres; e, em sentido contrário, os padrões emergentes, quebrando as fronteiras dos papéis exercidos e promovendo a busca da igualdade na relação no nível profissional, no cuidado com os filhos e com a casa, dentre outros. As representações sociais da conjugalidade apresentaram também elementos que caracterizam a afetividade positiva e a vontade dos casais na construção da vida em conjunto, seja no sentido da partilha do investimento na vida profissional, em busca de um padrão de vida melhor, seja no lazer e na perspectiva de dar boas condições aos filhos que pretendem ter. O desafio dos casais consiste em equilibrar as conquistas em meio aos diversos elementos que interferem na conjugalidade e promover os esforços necessários à conquista dessas metas.

Abstract

Key Words: conjugality, newly married, Societal Analysis, Willem Doise.

This research aimed to study the conjugality in newly married couples trying to understand how social changes affect the beginning of conjugality based on Social Representations (SR), a theoretical model for understanding and explaining the construction of layman's knowledge. Within the SR, we emphasized the Societal approach of Willem Doise, which proposes to study the phenomenon from four levels of analysis: intra-individual; interpersonal and situational; intergroup and societal. Ten middle-class couples were selected based on the following criteria: they should have a maximum of four years of civil union notarized - this being the first of both (1); should not have children (2) and should have lived with their parents before the wedding (3). Semi-structured interviews with 13-51 minutes were held and audio-recorded - with participants consent. Our findings indicate that the current conjugality is pervaded by both the ancients and the newest social representations, which may coexist in marital dynamics. It is noteworthy that the same representation element had different meanings for men and women. Intra-individual analysis identified the elements 'change of status' and 'family influence' arising in the familiarity hitherto unknown. Interindividual and Situational analysis stood out the element 'search for good familiarity', which means that, facing the challenges of conjugality, these couples seek to balance them with the positive aspects of the relationship, aiming to a satisfying marriage maintenance. The intergroup analysis identified different directions of

social representations influence in the way couples represent marriage regarding family and social networks. As for work, it was noticed that couples already carry representations that influence the way they deal with it. Finally, regarding friendships we observed two biases: how they represent marriage, and the unmarried friends. The societal analysis enabled us to understand the social representations identified in three levels of analysis by identifying two goal-systems (Doise, 2014). They were: traditional patterns, represented by the gender roles; and, on the other hand, emerging standards, breaking this boundaries and promoting the pursuit to equality in relationship, professional level, caring for children and domestic tasks, among others. The social representations of conjugality also showed elements that characterize the positive affection and the couples will of constructing a life together, either in the sense of sharing the investment in working life, in search of a better standard of living, in leisure or in prospect of giving good conditions for the children they wish to have. The challenge for couples is to balance the gains among the various elements that interfere with conjugality and to promote the necessary effort for the achievement of these goals.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 A EVOLUÇÃO DO RELACIONAMENTO ÍNTIMO DO CASAL.....	19
1.2 O SEXO, O GÊNERO E A CONJUGALIDADE PARA HOMENS E MULHERES	33
1.3 O NAMORO, A CONJUGALIDADE E OS RECÉM-CASADOS NA ATUALIDADE.....	36
2. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	52
2.1 A ABORDAGEM SOCIETAL DE WILLEM DOISE.....	59
3. OBJETIVOS	67
3.1 OBJETIVO GERAL	67
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	68
4. METODOLOGIA	69
4.1 PARTICIPANTES	69
4.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	70
4.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	71
4.4 CUIDADOS ÉTICOS	72
5. RESULTADOS	74
5.1 PROCESSOS INTRAINDIVIDUAIS - EXPERIÊNCIA PESSOAL COM A CONJUGALIDADE	78
5.2 PROCESSO INTERINDIVIDUAL E SITUACIONAL - A CONVIVÊNCIA CONJUGAL	84
5.3 PROCESSO GRUPAL - OS GRUPOS E A CONJUGALIDADE.....	105
5.4 PROCESSO SOCIETAL - OS METASSISTEMAS	122

6. DISCUSSÃO	128
6.1 A CONJUGALIDADE, O DESENVOLVIMENTO DOS PARCEIROS E O CONTEXTO FAMILIAR	129
6.2 O RELACIONAMENTO CONJUGAL E AS INTERAÇÕES CONJUGAIS - UM PARÂMETRO DA VIDA DOS RECÉM-CASADOS.....	136
6.3 A CONJUGALIDADE E OS GRUPOS QUE A COMPÕEM.....	149
6.4 A CONJUGALIDADE E OS METASSISTEMAS	157
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
8. REFERÊNCIAS	166
9. APÊNDICE	184
APÊNDICE I.....	184
APÊNDICE II	187

1. INTRODUÇÃO

A proposta da pesquisa é estudar a conjugalidade em recém-casados, pois nos últimos 50 anos as mudanças socioculturais impactaram a vida dos casais; dentre elas verifica-se aumento considerável de separações entre 1 a 4 anos de união (IBGE, 2011). Daí a relevância de compreender como esses processos psicossociais atualmente interferem no início do novo *status* social.

A conjugalidade em seu formato atual, em que os cônjuges escolhem seus parceiros com base no afeto e na intimidade, é recente na afetividade humana (Giddens, 1993). A forma como a vida do casal é observada atualmente decorreu de mudanças socioculturais que afetaram os papéis desempenhados por homens e mulheres e abriu espaço para novas formas de conjugalidade (Jablonski, 2010; Aboim, 2009). O casamento era contrato social entre as famílias, necessário à manutenção dos laços políticos, econômicos e à sobrevivência do casal. A afetividade entre os cônjuges não era requisito para sua manutenção (Araújo, 2002).

Quando a escolha conjugal e o elemento afetivo inserem-se no casamento eles mudam o significado da união dos parceiros. Passa a importar a satisfação mútua. Importam agora, na vida conjugal, o bem-estar, os afetos, a sexualidade erótica e a partilha da vida em comum (Féres-Carneiro & Magalhães, 2003; Araújo, 2002).

Essas inserções, porém, incrementaram à conjugalidade novos desafios. Uma das consequências foram os padrões culturais, de comportamentos esperados para homens e mulheres que passaram a ser questionados, tanto no nível social como na dinâmica conjugal (Jablonski, 2010). Além dessa necessidade de administrar as possibilidades de novos papéis na relação, passam a fazer parte da conjugalidade dialogar, ser empático com

o parceiro, compreendê-lo, trocar afetos, saber ceder, lidar com os conflitos, entre outros (Chung, 2014; Santos & Scorsolini-Comin, 2012; Féres-Carneiro, 1997). Ademais, faz-se necessário construir a identidade conjugal, o campo comum dos cônjuges que os identificam enquanto parte dessa união, e administrar a individualidade de cada parceiro na relação (Santos & Scorsolini-Comin, 2010; Lopes & Menezes, 2007; Aboim, 2006; Féres-Carneiro, 1998).

Diante desses aspectos ora prazerosos, ora desafiantes à vida em conjunto, nota-se que a conjugalidade ganhou conotação íntima na qual a interação do casal é fundamental a sua existência. Ao mesmo tempo, possíveis conflitos, quando mal administrados, podendo levar à separação. Isso porque

os casais sofrem pressão para manterem valores e padrões morais tradicionais, como a efetivação do contrato matrimonial e o exercício da parentalidade. O meio familiar é valorizado como o lócus de realização de todas as expectativas emocionais e pessoais. Homens e mulheres são estimulados a adotarem modelos tradicionais de sexualidade e uma divisão rígida de papéis e funções na família de acordo com o sexo. Por outro lado, são forçados a adequarem-se às transformações sociais, tais como as exigências do mercado de trabalho, a valorização do crescimento individual, da independência financeira e da flexibilidade no exercício dos papéis de gênero (Diniz & Perlin, 2005, pp. 16).

Assim, os casais estariam sentindo o peso do cotidiano e da sobrecarga de múltiplos papéis acompanhado de estilo de vida que visa conciliar vida pessoal, conjugal, familiar e as demandas do mundo do trabalho (Diniz & Perlin, 2005).

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) constata aumento de divórcios em casais com 5 a 9 anos de casamento (20,8%), seguidos de perto dos de 1 a 4

anos (19,0%). Aquele variou de 20,1% em 2006 para 20,8% em 2011 e para o último a diferença foi bem maior, de 8,0% em 2006 para 19,0% em 2011, evidenciando acréscimo considerável de separação nos primeiros anos de casados (IBGE, 2011). Esses dados justificam a presente pesquisa em recém-casados até 4 anos.

Em 2011 foram realizados 1 026 736 casamentos no civil, 5% a mais do que em 2010. Os processos judiciais ou escrituras públicas de divórcio foram 351 153, 45,6% a mais do que o ano anterior (IBGE, 2011). Ressalte-se que os dados do IBGE referem-se a registros em cartórios civis, desconsiderando, portanto, as demais uniões consensuais. Se os casamentos e as separações têm aumentado, os presentes dados apontam a importância de se investigar o início do casamento para buscar entender o que tem ocorrido no início da conjugalidade, já que esses dados evidenciam dificuldade na manutenção da relação, ou seja, na formação da conjugalidade, aparentemente contrariando o observado nos rituais de celebração do casamento, uma vez que, as festas de casamento deixaram de ser simples cerimônias, movimentando no Brasil cerca de R\$ 13,7 bilhões (ABEOC BRASIL, 2014). As pessoas têm-se casado, investido dinheiro, tempo com a organização das festas, embalando-se em rituais como feiras de casamento, chá de panela, ou barnela¹ e chá de lingerie, preocupando-se com a preparação da cerimônia, da festa, elegendo os padrinhos, criando coreografias, teatros e outros rituais. Tudo visando celebrar a união do casal. Porém, os dados do IBGE (2011) sobre o aumento do divórcio nos primeiros anos de casamento parecem indicar dificuldade no início dessa relação, fazendo esses mesmos casais que se conheceram, se apaixonaram e fizeram seus planos não conseguirem se entender ou não saberem superar os conflitos.

¹ Assim denominado atualmente por alguns.

No Brasil, embora existam pesquisas em torno da conjugalidade (Martins, 2009; Falcke, Zordan & Wagner, 2009; Jablonski, 2003; Féres-Carneiro, 1998), a população dos recém-casados, em específico, é pouco investigada (Lopez & Menezes, 2007). Talvez por acreditar que os anos iniciais sejam mais satisfatórios ao casal (Carter & McGoldrick, 2001). Porém, é o período de adaptação ao novo *status* social e quando ocorre a separação da família de origem para a construção da conjugalidade. Além disso, o casal pode se deparar com expectativas conjugais confirmadas ou não na vida junto ao parceiro (Lopes & Menezes, 2007).

Para compreensão desses fenômenos optou-se pela pesquisa qualitativa como ferramenta metodológica relevante no estudo dos contextos sociais, pois permite analisar casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais (Flick, 2009). A pesquisa qualitativa também possibilita a compreensão e interpretação das vivências, experiências, crenças e valores dos entrevistados (Alves-Mazzotti & Gewandsznajder, 1999) ao estudar o fenômeno em sua totalidade no cotidiano, partindo-se dos significados sociais e subjetivos dos participantes (Flick, 2009) em relação a suas experiências com a conjugalidade.

Esses significados são examinados por meio da Teoria das Representações Sociais (TRS) para compreensão das experiências conjugais decorrentes das mudanças ocorridas nos últimos anos. A TRS é quadro teórico interessante, pois em sua configuração teórica valoriza itens importantes na construção das representações sociais, como as experiências pessoais, os valores adquiridos, a cultura e o meio social, que, juntos, possibilitam atribuir ao objeto – no caso a conjugalidade – significados da realidade partilhada e construída com o grupo (Jodelet, 2001; Moscovici, 2003). Assim, sua utilização foi necessária, já que a vida conjugal apresenta essa rede de atributos influenciada por experiências pessoais,

princípios religiosos e fatores culturais, sociais e econômicos possibilitando a construção de significados em torno da vida de casal. Esses elementos da conjugalidade, ao integrarem a construção de representações sociais, conferem relevância cultural ao objeto desta pesquisa (Sá, 1998).

Ressalte-se que as representações sociais situam-se na interface individual-coletivo. São construídas, elaboradas e partilhadas pelo meio e o grupo social que possibilita a comunicação e tornam-se modos de conhecimento que se manifestam por meio de elementos cognitivos (Jovchelovitch, 2008; Moscovici, 2003; Doise, 2002).

Dentre as diferentes abordagens da Teoria das Representações Sociais optou-se pela perspectiva Societal de Doise (2002). Essa abordagem propõe estudar o fenômeno por meio de quatro níveis de análises: os processos intraindividuais, interindividuais e situacionais, intergrupais e societal. Essa escolha se baseia na possibilidade de alcance maior de discussão e entendimento do tema na experiência micro e macrosocial dos cônjuges (Doise, 2002).

Observa-se que algumas pesquisas, como a de Féres-Carneiro (1998) e Aboim (2004) inserem-se nos dois primeiros níveis de análise da abordagem societal (Doise, 2002). A pesquisa de Aboim (2004), por exemplo, buscou investigar a vivência da individualidade na vida amorosa de mulheres. Esse tipo de análise é intraindividual. Já Féres-Carneiro (1998) investigou em casais a administração da conjugalidade e a vivência da individualidade. Como esses aspectos pertencem à interação conjugal, relacionam-se ao segundo nível de análise: interindividual e situacional. Ademais, a administração da conjugalidade e a vivência da individualidade são tema recorrente e comum na maioria das pesquisas sobre casais (Santos & Scorsolini-Comin, 2010). A proposta societal de Doise (2002) tende a proporcionar maior entendimento da conjugalidade por possibilitar o

estudo, além dos dois exemplos referidos, de outros processos inerentes à experiência do casal.

Diante, então, do que fora discutido, pretende-se com esta pesquisa entender: como as representações sociais de conjugalidade influenciam a vida conjugal em casais recém-casados, considerando os quatro níveis de análise proposto por Willem Doise? Espera-se com esta pesquisa ampliar o estudo da conjugalidade ao partir dos quatro níveis. Com investigação maior das possíveis interferências na conjugalidade, espera-se compreender em profundidade as dificuldades vivenciadas neste momento por alguns casais nesses primeiros anos.

Os capítulos a seguir contemplam temáticas importantes para melhor compreensão da pesquisa. O primeiro item a ser discutido busca explicitar as mudanças socioculturais que inseriram a questão afetiva e a escolha amorosa na conjugalidade. Em seguida, aborda-se o tema sexo e gênero discutindo os conceitos e apresentando pesquisas que ajudam a compreender esses dois itens na experiência de homens e mulheres com a conjugalidade. O próximo capítulo contempla os novos elementos dessa relação, como: escolha conjugal, satisfação e qualidade da relação, conflitos, divisão de tarefas, divórcio e a tecnologia, bem como o namoro, etapa anterior que se pode relacionar à conjugalidade. Finalmente, caracteriza-se também, nesse capítulo, a população dos recém-casados.

O capítulo seguinte apresenta a TRS, a teoria utilizada nesta pesquisa. Nesse item um subtópico discorre sobre a abordagem de Willem Doise, abordagem da TRS utilizada para leitura e interpretação dos dados. Segue-se o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa. A metodologia utilizada, que aborda o método qualitativo, junto aos dados dos participantes, coleta de dados e análise. Encerra-se a pesquisa apresentando os dados, discutindo os resultados e fazendo as considerações finais.

1.1 A EVOLUÇÃO DO RELACIONAMENTO ÍNTIMO DO CASAL

O casamento e a conjugalidade, embora envolvam a relação do casal, têm significados diferentes (Menezes, 2006). O primeiro, ato jurídico, complexo e solene, cria deveres legais, de naturezas distintas, entre os cônjuges. Os deveres legais podem ser patrimoniais ou não; quando patrimonial, o cônjuge deve prover por meio do trabalho e seus bens a manutenção da família (Fábregas & Wald, 1991). Já a conjugalidade pressupõe o campo comum criado pelos parceiros por meio da intimidade, que favorece o clima emocional necessário à fusão das individualidades dos parceiros (Féres-Carneiro & Magalhães, 2003).

O presente tópico visa explicitar como os aspectos sociais, culturais e econômicos contribuíram para a concepção de conjugalidade. Segundo Menezes (2006), para se chegar ao que se entende hoje como conjugalidade foi necessária a junção dos conceitos casamento e amor, acrescentando ainda, nessa dinâmica, a escolha pelo parceiro e a sexualidade.

Homens e mulheres são objetos de desejo um do outro, características de uma conjugalidade, há pouco tempo. Os itens citados anteriormente, casamento, escolha pelo parceiro, amor e sexualidade, eram componentes da sociedade, porém não estavam presentes em conjunto. A vivência desses elementos relacionava-se às condições socioeconômicas da pessoa, seu gênero e *status* social. Assim, o casamento era escolha das famílias com poder aquisitivo para firmar laços econômicos e políticos. Segundo Giddens (1993), entre os pobres o casamento era um meio de organizar o trabalho agrário. O amor era repudiado no casamento, porém havia acesso a ele em outras relações. A sexualidade, por sua vez, era território masculino vivido com liberdade, enquanto para as mulheres era

uma dicotomia. Quando casadas eram vigiadas e punidas em relação a esse aspecto, mas, desde a Antiguidade, as cortesãs, as concubinas e prostitutas tinham acesso à vida sexual, porém não desfrutavam da proteção das esposas (Araújo, 1977). Quando o significado, então, desses elementos se modifica e se insere no casamento, por volta do século XIX, é que se configura a conjugalidade (Branden, 1982; Tannahill, 1982; Araújo, 1977).

Nas civilizações grega e romana o amor como valor importante, fundado na admiração mútua, era algo especial, experimentado somente numa relação espiritual entre homens (Branden, 1982). Esta prática comum, conhecida como pederastia, caracterizava-se pelo ato de um homem cuidar de um menino, passando a ele os ensinamentos e a moral da época, podendo ser um interesse sexual ou uma sublimação espiritual (Tannahill, 1982). As mulheres deste período não possuíam valor erótico para o universo masculino (Araújo, 1977). Portanto, o casamento na antiguidade clássica era a garantia de bens e acordos econômicos e políticos: homens e mulheres eram meros atores sem participação íntima e interesse afetivo-sexual. As paixões mais ardentes eram condenadas, pois se acreditava que o estado apaixonado prejudicava o exercício do poder e somente era vivenciado fora do casamento; mesmo assim, as relações com base no afeto eram mal vistas (Araújo, 1977; Tannahill, 1982; Branden, 1982).

No início do Cristianismo, sua literatura moral valorizava a virgindade e a continência, em homens e mulheres, como forma de renúncia e luta pela castidade. Acreditava-se que renunciar à carne possibilitava ganhar o Reino dos Céus. Assim, não se priorizava nem o casamento nem a família. Posteriormente, esse discurso dirigiu-se à mulher, para que permanecesse virgem. O casamento lhe era apresentado como vivência hostil, devido às dificuldades experimentadas com o marido e sua submissão carnal a ele (Vainfas, 1986).

O casamento possuía tom pessimista, pois impedia a elevação da alma pelo apego à carne (Vainfas, 1986); entretanto, se tornou necessário para controlar a vida e a sexualidade das pessoas (Araújo, 1977; Tannahill, 1982).

No final do Império Romano o casamento mantinha os mesmos elementos: vinculado à formação de descendentes, transmissão do patrimônio e incipiente importância do vínculo conjugal. O ritual do casamento não era ainda sacramentado pela Igreja, por isso se realizava no quarto nupcial envolto por testemunhas. Só a partir do século XI o rito passou a ser encenado na entrada da igreja e sacramentado nos séculos XII e XIII (Vainfas, 1986). O amor dentro do casamento tornou-se ideal altruísta, não sexual: elemento espiritual de aproximação ao divino e distanciamento da carne. O antifeminismo ainda presente na Idade Média contribuiu para vida de casal bastante desigual, com a mulher servindo ao homem, ao modo de um servo ao seu Deus. Essa desigualdade dificulta pensar em relação íntima como a que se observa na contemporaneidade (Branden, 1982; Araújo, 1977).

As ideias novas advindas de períodos como o Renascimento, o Iluminismo e a Revolução Industrial contribuíram para mudança gradativa de mentalidade. O primeiro propôs-se no século XV resgatar o Homem ao tirá-lo da dependência de um Deus soberano e trazê-lo para o centro de sua história com ideias seculares, ceticistas e individualistas (Branden, 1982; Araújo 1977).

Embora as ideias renascentistas se espalhassem gradualmente até intervir diretamente na atitude e comportamento das pessoas, a noção de liberdade se prolongou pelos séculos XVI e XVII (Araújo, 1977). Apesar das mudanças sociais e culturais que ele proporcionou, "a evolução no sentido de uma formulação de um conceito prazeroso das relações amorosas entre homem e mulher continuou sem, entretanto, ameaçar

fundamentalmente o anti-sexualismo e o antifeminismo subjacentes, que permeavam a cultura ocidental" (Branden, 1982, p. 33).

Este foi um período em que o casamento continuou agregado a interesses familiares e procriativos e de alívio da incontinência. O amor, porém já era defendido como requisito à relação; entretanto essa ideia estava restrita a literatura. A partir do Renascimento, contudo, a sociedade secularizou-se cada vez mais e, com a intensificação do comércio, a sociedade aburguesava-se (Branden, 1982).

O Iluminismo, movimento intelectual dos séculos XVII e XVIII, produziu novos conhecimentos com vistas à razão (Araújo, 1977), entretanto suas produções em assuntos existenciais, sofreram influência da visão de mundo da época mecanicista de causa e efeito, influenciando os intelectuais (Branden, 1982). Neste contexto, relação envolvida por sentimentos era anticientífico. A "dicotomia entre razão e paixão ressurgiu com toda força" (Branden, 1982, p.36), reforçando o desprezo pelas emoções. Assim, mesmo que crescesse no Renascimento uma valorização da construção do amor após o casamento, ou seja, a noção da felicidade matrimonial, o casamento ainda era realizado pelas famílias por questões financeiras, de segurança ou poder (Branden, 1982).

A Revolução Industrial e o capitalismo do século dezanove disseminaram mudanças econômicas. A economia, antes burocrática, cheia de controles e restrições governamentais da era absolutista, vivenciou mudanças que proporcionaram o livre mercado e o livre comércio dando mais liberdade às negociações. Foi nos Estados Unidos que essas transformações se intensificaram mais, permitindo à sociedade estadunidense "(...) um nível de liberdade, de progresso, de empreendimento, de riqueza, de conforto físico - um padrão de vida - sem igual e sem contrapartida" (Branden, 1982, p. 39).

Esta noção de liberdade no meio econômico se transferiu para o sujeito que passou a se sentir livre para escolher seu próprio caminho (Branden, 1982). O individualismo abriu espaço para a valorização de experiências pessoais embasadas sobre interesse próprio e satisfação pessoal, que, junto às mudanças sociais ocorridas, no século XX, desencadearam profundas modificações nos papéis entre homens e mulheres na concepção de amor, casamento e sexualidade. Por outro lado, o individualismo, com a valorização das questões pessoais, repercutiria na relação conjugal, com os cônjuges podendo valorizar mais suas peculiaridades em detrimento da conjugalidade (Oliveira & Smeha, 2013).

A pesquisa de Oliveira e Smeha (2013), sobre a percepção de jovens adultos acerca dos relacionamentos amorosos atuais, discute a possibilidade da relação não ser mais um valor supremo e natural do desenvolvimento humano, e sim próxima etapa depois de outros quesitos, como profissão e *status*. Antes, então, da realização do campo amoroso, como casamento, ou união estável, se torna necessário para esses jovens a concretização de outras demandas.

Chavez (2010) também discute as percepções dos jovens sobre os relacionamentos amorosos. Segundo o autor, a demanda do modelo capitalista, que exige indivíduo competitivo, competente e eficiente, faz os que ingressarem nesse contexto, preferirem relações mais curtas, sem compromisso, para não ter mais uma responsabilidade, junto as já exigidas pela sociedade competitiva de mercado. A valorização pessoal faria as pessoas se preocuparem mais com suas necessidades e satisfações, não se dispor a preocuparem-se também com seus parceiros (as). Isso interfere no próprio acordo relacional, de fidelidade, compromisso e respeito, que, quando descumpridos em prol de sua satisfação, traz desconfortos e incertezas quanto ao campo amoroso (Oliveira & Smeha, 2013). Essas

duas pesquisas mostram como os valores contemporâneos influenciados por economia de mercado capitalista têm influído na percepção dos jovens sobre o campo amoroso.

Os resultados da pesquisa de Oliveira e Smeha (2013) mostram a influência da liberdade e individualidade na vivência amorosa de "possíveis cônjuges". Segundo as autoras, foi possível observar nos discursos dos participantes sobre suas experiências amorosas que "eles anseiam muito mais por receber afeto e ter suas necessidades atendidas pelo parceiro do que disponibilizar seu tempo, sua atenção e dedicação para proporcionar satisfação, prazer e felicidade ao outro" (Oliveira & Smeha, 2010, p. 43). Os jovens também acreditam que o medo da responsabilidade e da necessidade de investir em uma relação pode dificultar o relacionamento.

Se o século XIX experimentou o auge da repressão sexual, na virada de século obras de artistas e intelectuais passaram a questionar a dupla moral e a apresentar o amor, a sexualidade e a mulher de maneira positiva e atraente (Araújo, 1977). Essa mudança, foi sendo construída ao longo do tempo, em decorrência também: inserção da mulher no mercado de trabalho, revolução sexual, amor como requisito nas relações afetivas, feminismo, direitos humanos e divórcio.

A partir da década de 1960, a crescente urbanização aumentou o setor de serviços, ramo da economia que absorveu o contingente feminino no mercado de trabalho. Desde então, algumas mulheres investem em suas carreiras, buscando qualificação profissional e melhores salários (Pinheiro, 2012). Porém, ainda há desigualdade entre os trabalhadores femininos e masculinos, tendo a mulher menor remuneração, mesmo mais escolarizada (Lelis, Silva & Teixeira, 2012). Ressalta-se, porém, que hoje o mercado de trabalho é composto por 43,6% de mulheres (IBGE, 2014).

Nesse contexto, reorganizam-se os papéis exercidos por homens e mulheres tanto no espaço público como no privado. No âmbito privado a saída da mulher de casa para trabalhar deixa menos tempo para as atividades domésticas e atenção aos filhos: os casais precisam redistribuir e negociar essas responsabilidades, seja contratando empregada doméstica, dividindo as tarefas da casa, colocando os filhos em creche em tempo integral, ou ainda solicitando a ajuda da parentela para os cuidados com as crianças. Cada opção varia conforme as condições socioeconômicas do casal. Essa reorganização também pode se configurar como dupla jornada feminina, com a mulher exercendo seu trabalho profissional e os afazeres da casa e com o(s) filho(s) (Jablonski & Silva, 2011; Itaboraí, 2003; Scavone, 2001).

Tendo sido lentas essas mudanças de papéis (Carter & McGoldrick, 2001), tais atribuições têm-se se configurado conforme cada conjugalidade, encontrando-se abertura incipiente do homem a elas. Jablonski (2010), constatou maior interesse do homem no cuidado com o filho e sua "ajuda" nos cuidados com a casa. Ambos como ações coadjuvantes, sem que se sintam corresponsáveis por elas, tendo pouca efetividade. Segundo Jablonski (2010), entre os jovens, aparentemente, a distribuição dos afazeres domésticos estaria mais igualitária.

No nível público, a entrada da mulher no mercado de trabalho possibilitou a valorização feminina na carreira e a contribuição financeira à renda do casal (Fleck & Wagner, 2003). Passam a ser negociados entre os pares o momento do casamento e o de ter filhos (Falcke, Zordan & Wagner, 2009; Gomes & Rios, 2009). Ademais, com os cônjuges trabalhando, surgem novas configurações de casais, embasadas na subsistência financeira: família nuclear tradicional, família de dupla renda e família de dupla carreira:

A primeira família caracteriza-se pela divisão rígida de papéis sociais e de gênero. Um dos cônjuges, normalmente o marido, envolve-se com trabalho remunerado, enquanto a esposa cuida dos afazeres domésticos e dos filhos. No segundo modelo, denominado de dupla renda, ambos os esposos estão envolvidos com o trabalho remunerado. Normalmente a esposa apóia e facilita a carreira do marido. Promove-o e percebe seu próprio trabalho como uma forma de auxiliar na composição da renda familiar. As tarefas de casa são ainda incumbência da esposa. O terceiro modelo familiar, composto pelo casal de dupla carreira, na verdade não deixa de ser uma família de dupla renda. O que o distingue do modelo anterior é o nível mais profundo de envolvimento com a carreira, preservado o desejo de manutenção de uma vida afetiva a dois. A distribuição das tarefas da casa, bem como o cuidado dispensado aos filhos, são mais compartilhados entre homens e mulheres do que nos modelos anteriores (Monteiro, 2001, pp. 174).

Segundo Diniz e Perlin (2005) a "opção pelo estilo de vida de duplo trabalho pode ser muito estressante devido à grande necessidade de mudanças e/ou adaptações em papéis que antes eram bem definidos" (p. 17). Assim, esse novo estilo vivenciado pelos casais, imposto pela situação de duplo trabalho, desafia os cônjuges e a Sociedade (Diniz & Perlin, 2005). A atuação da mulher no mercado de trabalho e sua qualificação profissional transformaram a conjugalidade. Em algumas situações, por exemplo, a mulher abdica de seus interesses pessoais em prol dos planos do cônjuge ou das necessidades da família.

Diferenças como estas na forma de conciliar família e trabalho, vividas pelos casais, podem afetar a satisfação no casamento, no trabalho e até o desempenho em diferentes áreas da vida (Diniz & Perlin, 2005). Com vistas a essas possibilidades, Diniz e Perlin (2005) procuraram pesquisar a satisfação no casamento e aspectos da vida pessoal, conjugal e profissional de parceiros e parceiras que optaram por relacionamentos de duplo trabalho. Os resultados apontaram que homens e mulheres estão satisfeitos com o casamento; os homens mais. Os autores atribuem tal resultado ao ônus feminino desigual na realização de múltiplos papéis e à exigência feminina em relação à satisfação conjugal e ao comportamento masculino em geral, em áreas como a sexual, a afetiva, a profissional. Assim,

elas tendem a não aceitar comportamentos de desleixo; ressentem-se com demonstrações de negligência na administração da vida doméstica – incluindo cuidado com os filhos, compras, etc; estão atentas à sua performance sexual, exigindo fidelidade, companheirismo, amizade, ou seja, investimento na relação. Tudo isso leva a crer que os critérios envolvidos na avaliação do casamento e o nível de exigência em torno do relacionamento conjugal sejam diferentes entre homens e mulheres (Diniz & Perlin, 2005, pp. 23).

Contudo, a maioria dos participantes do estudo acima citado mostrou-se feliz no casamento, e um dado importante foi a valorização dos parceiros com a conjugalidade. Evidenciou-se o compromisso dos casais com o relacionamento e sua manutenção: "homens e mulheres consideram o relacionamento conjugal como uma dimensão importante de suas vidas e estão interessados(as) em fazer tudo o que puderem para permanecerem em uma união estável e de qualidade" (Diniz & Perlin, 2005, p. 22). Os autores concluem que o casamento de duplo trabalho pode ser modelo bem sucedido de

relacionamento; e os cônjuges trabalharem fora pode colaborar para vivência mais funcional da individualidade e da conjugalidade. Segundo os autores também, embora a literatura aponte o duplo trabalho como desafiador à conjugalidade, podendo desencadear insatisfação no casamento, o contrário foi encontrado no estudo. Isso pode relacionar-se às mudanças na dinâmica conjugal. Embora esse estilo de vida implique menos tempo de cada cônjuge para a família, para a intimidade entre eles e para si, "os resultados dessa pesquisa indicam que os casais parecem desenvolver estratégias e recursos próprios para lidarem com esses e outros dilemas contemporâneos" (Diniz & Perlin, 2005, p.25).

Outro fator que influenciou as mudanças na dinâmica do casamento foi a revolução sexual. A revolução sexual ocidental a partir dos anos 1960 visava eliminar ou diminuir a repressão sexual, na busca de comportamento sexual sem preconceitos e tabus. Um avanço dessa época foi o desenvolvimento da pílula anticoncepcional, que ampliou às mulheres o acesso à contraceção (Araújo, 1977). Para a conjugalidade, contribuiu ao início da vida sexual antes do casamento, acentuando o erotismo na relação (Giddens, 1993). A pílula anticoncepcional também favoreceu a livre escolha da mulher quanto à gravidez (Gomes & Rios, 2009; Bonzon, 2003) e possibilitou aos casais o planejamento familiar (Gomes & Rios, 2009).

O amor também se tornou fundamental nas relações conjugais, requisito ao casamento na ordem burguesa, configurando-se desde o século XVIII, quando a sexualidade se destacou no casamento. Até então as uniões dos casais eram estabelecidas pelas famílias (Araújo, 2002).

A entrada do sentimento amoroso na conjugalidade repercutiu na interação do casal e nas perspectivas da relação e sua manutenção. A primeira mudança foi a possibilidade de escolha pelo próprio casal, em função dos afetos entre eles, saindo da aliança de gerações

(Araújo, 2002). O ingresso do amor como critério único e legítimo na formação e manutenção do casal trouxe consigo a importância da conjugalidade. Assim, valorizou-se a satisfação pessoal e a qualidade da relação, tornando o amor item importante na conceitualização do sujeito e de sua individualidade (Aboim, 2009).

O tipo de amor que ganhou força social na relação ente o homem e a mulher foi o amor romântico com a introdução dessa narrativa individual entre os parceiros, em que o outro se torna pessoa especial, sem a forte ligação com processos sociais mais amplos, com vistas à liberdade e à autorrealização. Essa vivência, porém se configurou diferente no comportamento de homens e mulheres. O amor romântico é feminino, coube à mulher promovê-lo. Mantiveram-se a distância masculina da intimidade e o casamento como escopo primário das mulheres. O amor romântico, por sua vez, subordinou a mulher ao lar e proporcionou o relativo isolamento do mundo exterior. Para o homem, introduziu a dualidade: do conforto doméstico da casa, promovido pelos ideais românticos, e o da vivência sexual com a amante ou prostituta. As consequências para a conjugalidade foram os ideais conhecidos como românticos que se introduziram na relação do casal: o apoio no outro e sua idealização, a projeção do desenvolvimento da relação e a ideia do amor verdadeiro eterno, uma vez encontrado (Giddens, 1993).

Del Priore (2006) investiga essas consequências no Brasil. A partir da década de 30, as mulheres acessavam manuais e revistas sobre como se comportar para "garantir" que seus esposos não arrumassem amante. A boa manutenção do lar e de sua reputação garantiria o conforto masculino. A manutenção do casamento, então, se tornou responsabilidade feminina.

A união do amor e da sexualidade na vida conjugal foram relevantes na transformação da intimidade e da vida pessoal dos cônjuges (Araújo, 2002; Giddens,

1993), uma vez que por um lado aproximou os cônjuges na intimidade e por outro proporcionou idealizações.

A aproximação dos casais pelo amor romântico, porém, não influenciou as diferenças de gênero na relação entre homens e mulheres, reforçando um papel feminino doméstico e de responsabilidade pela manutenção do casamento e o papel masculino na manutenção financeira do lar, com acesso ao trabalho.

O amor também, ao configurar-se requisito à conjugalidade, interfere na durabilidade da relação, pois a manutenção da relação passa a acompanhar as doses de amor entre o casal (Bauman, 2004; Jablonski, 2003; Araújo, 2002).

Esse novo ideal de casamento impõe aos esposos que se amem ou que pareçam se amar e que tenham expectativas a respeito do amor e da felicidade no matrimônio. Essa imposição teve muitas consequências e contradições. Uma delas é que acabou criando uma armadilha para os casais na medida que se acentuaram as idealizações e conseqüentemente os conflitos resultantes da desilusão pelo não atendimento das expectativas (Araújo, 2002, pp. 74).

Os casais, portanto, podem romper caso a relação se desencaminhe (Garcia & Tassara, 2003; Féres-Carneiro & Magalhães, 2003). O casamento ascendeu ao ponto de as pessoas não admitirem relação não feliz (Féres-Carneiro, 1998). Outra discussão defende que as expectativas positivas conduzem a resultados positivos nos relacionamentos, já que promovem funcionamento saudável da relação (McNulty & Karney, 2004).

O feminismo foi outro fator que contribuiu para mudar o casamento. O feminismo iniciou-se como movimento de emancipação que questionou os valores e a estrutura de determinada sociedade, atuando de maneira a corrigi-los ou transformá-los, garantindo às mulheres a busca da igualdade, equidade, emancipação, liberdade e autonomia (Soihet,

2012). Atualmente, encontram-se vários instrumentos para a expansão e proteção dos direitos femininos, alcançados historicamente com planos, acordos, tratados ou protocolos, frutos da mobilização de movimentos de mulheres e feministas. Dessas conquistas, surge a nova concepção de cidadania fundada no reconhecimento e na ampliação dos direitos femininos: civis, políticos, sociais, culturais, sexuais e reprodutivos (Epping & Prá, 2012).

O feminismo contribuiu para o reconhecimento dos direitos humanos das mulheres (Epping & Prá, 2012), fortalecendo a expansão dos itens mencionados anteriormente: sua participação no mercado de trabalho, vida amorosa por escolha própria e vivência de sua sexualidade, ou seja, vida desfrutada com os mesmos direitos dos homens, podendo construir sua própria história. Para a conjugalidade, autonomia da mulher junto ao parceiro possibilita construir a dois a história do casal, sem necessariamente cumprir moldes predeterminados e papéis definidos. Um espaço a dois onde homens e mulheres podem construir e vivenciar uma vida entre iguais, na qual ambos podem buscar qualificação e reconhecimento profissional, buscar sonhos pessoais, dividir os cuidados com a casa, arcar com as despesas do casal, cuidar dos filhos e da conjugalidade, entre outros aspectos.

Ressalta-se que, após a Segunda Guerra Mundial, com massacres e atrocidades, a Humanidade compreendeu o valor supremo da dignidade humana (Comparato, 2010). Assim, a perspectiva de que todos os homens são livres e iguais em dignidade e direitos foi utilizada em diferentes contextos, por vários atores políticos e sociais que pressionaram por uma "(...) Declaração de direitos humanos universal que (...) vai incorporar também preocupações, temas e modos de abordagem trazidos por diferentes atores políticos e sociais de diversas partes do mundo" (Reis, 2011, p. 103). Nesse contexto, determinados grupos, entre eles as mulheres, necessitam de proteção especial devido à sua

vulnerabilidade. A proteção particularizada busca promover seus direitos, que devem ser vistos nas especificidades e peculiaridades de sua condição social (Piovesan, 2005).

Esses avanços buscam garantir a não discriminação contra a mulher que seria sua exclusão, restrição ao "exercício, em igualdade de condições, dos direitos humanos e liberdade fundamentais nos campos políticos, econômico, social, cultural e civil ou em qualquer outro campo" (Piovesan, 2005, p. 48). Busca-se então garantir os direitos femininos e permitir às mulheres o exercício de sua cidadania, alterando e negociando as necessidades da vida do casal, permitindo, por exemplo, o divórcio.

O Brasil legalizou o divórcio em 26 de dezembro de 1977, quando foi sancionada a Lei 6.515/77. Até então o divórcio não era possibilidade para os casais, pois nas constituições brasileiras prevalecia a indissolubilidade do matrimônio, com rigoroso controle eclesiástico sobre o vínculo conjugal (Almeida, 2010). Anos depois, a partir da promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil em 1988, o divórcio sofreu alteração pela legislação brasileira, incluída no Código Civil de janeiro de 2002, no parágrafo do artigo 1.580. A consequência dessa mudança foi a possibilidade da solicitação do divórcio sem separação judicial, caso o casal já esteja separado de fato por mais de dois anos. Antes era necessário solicitar a separação judicial e aguardar um ano (Martins, 2009).

O divórcio é o último dos fatores mencionados que transformam a dinâmica do casal. Segundo Féres-Carneiro (2003), a separação é dolorosa. Em sua pesquisa de 32 sujeitos separados legalmente o divórcio tornara-se exigência exacerbada dos cônjuges, que veem tamanha importância no casamento que não admitem relação insatisfatória. Ressalta-se também que a maioria ingressou no segundo casamento, confirmando a importância atribuída ao relacionamento (Féres-Carneiro, 2003).

A satisfação torna-se, então, fundamental à continuidade da relação conjugal, exigindo dos casais novos padrões comportamentais para sua manutenção. Assim, o divórcio é tanto meio para a dissolução de relações disfuncionais, como meio que permite outra relação mais positiva. Pode também simbolizar a quebra de expectativas e idealizações dos cônjuges sobre a relação.

Esse cenário culminou na mudança de valor, da saída do casamento selado por acordo entre as famílias para a entrada da valorização da relação, em sua qualidade e satisfação (Féres-Carneiro, 1998). Destaca-se que a relação conjugal beneficiou os casais pela sua construção íntima, bem como colocando desafios à sua continuidade. Essas mudanças não foram lineares nem atingiram todos ao mesmo tempo (Branden, 1982), variaram conforme a classe social e a introjeção desses valores segundo a pessoa, a sociedade e a cultura.

1.2 O SEXO, O GÊNERO E A CONJUGALIDADE PARA HOMENS E MULHERES

Conforme comentado anteriormente, a relação homem-mulher ainda conserva resquícios de desigualdade. A divisão sexual biológica contribuiu para essa diferença de poder ao demarcar diferenças pré-determinadas com justificativas biológicas na identidade do feminino e do masculino (Nuernberg, 2008; Gonçalves, 2006; Pedro, 2005). Em vista dessa concepção é que determinadas crenças acerca do homem e da mulher foram construídas, ou seja, baseadas em suas naturezas. Assim, “ao mesmo tempo em que características subjetivas como a afetividade e a docilidade foram associadas às mulheres, vinculou-se a agressividade e a racionalidade aos homens, legitimando a distinção de duas formas de ser e agir conforme o sexo biológico” (Nuernberg, 2008, p. 19). Essas crenças delimitaram expectativas e comportamentos esperados em homens e mulheres, influenciando as relações, entre as quais a conjugal.

Esta concepção, que por muito tempo serviu para justificar a submissão feminina vinculada a uma “fragilidade” corporal, ligada a gravidez e à menstruação, por exemplo, ocupou o grupo feminista, em busca de outro entendimento sobre o porquê as mulheres eram vistas sempre inferiores em relação ao homem. Seguindo-se a várias ondas feministas, chegou-se ao termo gênero (Pedro, 2005).

O termo *gênero* surgiu com as primeiras americanas feministas que defendiam o caráter social fundamental nas distinções baseadas no sexo (Scott, 1989). Atualmente, segundo Scott (1989, p. 21) “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”. Seu uso extrapola simples descrição das experiências femininas e masculinas, podendo ser utilizado como categoria de análise ligando o passado às práticas atuais. O gênero, por exemplo, interfere nas relações sociais e dá sentido à organização e percepção do conhecimento histórico (Scott, 1989). Essa categoria de análise possibilita compreender de que modo homens e mulheres vivenciam os fenômenos a sua volta, por meio da influência da construção social, daquilo que é esperado para cada um. A seguir, são apresentadas algumas pesquisas das diferentes vivências no relacionamento entre homens e mulheres, atestando suas existências, porém não como divisão de poder, mas sim como experiências que podem ser diversificadas. Evidencia-se a proximidade sexo-gênero na medida em que para se compreender as diferenças entre os sexos o gênero pode ser solicitado como categoria de análise da experiência feminina e masculina construídas ao longo do tempo.

A conjugalidade se tornou elemento de realização pessoal (Florence, Hammerschmidt, Nogren, Sharlim & Souza, 2004). A felicidade conjugal dos parceiros, entretanto, pode variar conforme o sexo. Em pesquisa realizada por Bernard, (1972), citado por, Carter, Carter, Corre e Knox (2009), as mulheres relatam maior insatisfação,

frustração e sentimentos negativos com o casamento do que homens casados e mulheres solteiras. Quando se comparam homens solteiros e casados, os últimos exibem melhor saúde mental, física e progressão na carreira. O autor atribui a insatisfação feminina ao desequilíbrio de poder entre os papéis de gênero. Alguns pesquisadores sugerem que o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho resultou em novos desafios às mulheres casadas, interferindo na felicidade conjugal. Essa participação na força de trabalho, por exemplo, não coincidiu com mudanças iguais na distribuição do trabalho doméstico, o que acarreta às mulheres jornada extra, depois do trabalho (Carter & Carter et al. 2009).

Em alguns estudos o gênero beneficia mais a saúde do homem no casamento. Eles sofreriam menos do que as mulheres nos conflitos conjugais por dominarem a relação; ademais, as mulheres tendem a investir mais planos no casamento mais (Kulik & Wanick, 2011). Ressaltam-se, porém, várias razões para esse padrão de comportamento feminino, podendo ser realmente relações de subordinação, relacionamentos interdependentes, bem como outros motivos e razões inespecíficas. Ademais, algumas linhas de pesquisa indicam que elas se beneficiam mais de relações sociais do que os homens. Mesmo o casamento sendo fonte importante de apoio e intimidade para ambos, os homens contam mais com esse apoio do que as mulheres (Clark & Monin, 2011). Segundo Clark e Monin (2011), para a compreensão da premissa inicial importa contemplar os processos que cooperam e os nocivos à relação: sociais e interpessoais, dentro e fora do casamento, evidenciando a multiplicidade de fatores e correlações na dinâmica conjugal.

A ideia de que homens e mulheres se comportam diferentemente também é defendida por autores em relação aos afetos (Bredow, Huston & Schoenfeld, 2012). Entretanto, diferentemente de algumas teorias e do senso comum, mulheres e homens

conseguiram expressar seu amor por meio de comportamentos calorosos e íntimos. Os autores sugerem que a pressão social em delimitar determinados tipos de comportamentos, como a maneira correta de demonstrar amor, leva os homens a adotarem essa expressão mais encontrada no comportamento feminino. Concluem serem mais complexas as diferenças de gênero na demonstração do amor do que os achados nas abordagens evolutivas ou socioculturais. Além de sua manifestação variar culturalmente (Bredow et al. 2012).

Os resultados das pesquisas apresentadas apontam diferenças entre homens e mulheres na vivência amorosa - a diferença entre os sexos; algumas relacionam a categoria gênero a aspectos históricos e culturais na identidade de homens e mulheres. Inexistem conclusões embasadas nas diferenças biológicas, as diferenças envolvem a construção histórica sobre determinados conceitos para cada um em contexto cultural. Tais construções ainda interferem nas vivências amorosas e conjugais dos indivíduos.

1.3 O NAMORO, A CONJUGALIDADE E OS RECÉM-CASADOS NA ATUALIDADE

Conforme referido, os jovens estariam adiando a conjugalidade em busca de outras realizações, como a carreira e a vida profissional, por exemplo (Oliveira & Semeha, 2013). Possivelmente o namoro se torna etapa bastante vivenciada por eles, por vezes prolongada, à espera dessas conquistas iniciais, que servem até para a concretização da conjugalidade. Embora possam anteceder o casamento etapas como noivado e coabitação, o foco do presente estudo será o namoro, que é etapa prévia a todas as outras. Portanto, entender esse momento contribui para identificar como essa etapa pode se relacionar com a conjugalidade.

Conforme pesquisa de Barbará e Bertoldo (2006), sobre representação social e particularização por identidade sexual e experiência com o namoro, as relações íntimas

evolvem representações compartilhadas "e, apesar de homens e mulheres conservarem papéis sociais específicos de sua cultura, sustentam globalmente uma representação do namoro ligada à parceria, à amizade, revelando deste modo um pacto de mutualidade que dura enquanto a relação satisfizer a ambos" (Barbará & Bertoldo, 2006, p. 235). Esses elementos do namoro podem contribuir para a forma pela qual os parceiros predizem o curso da relação, pois namoro cheio de conflitos e afetos negativos normalmente resulta nos parceiros sentimentos ambivalentes sobre o relacionamento, acautelando-os contra assumir compromissos (Huston & Wilson, 2013). O namoro mostra-se então etapa de conhecimento mútuo entre os parceiros em que, ao interagirem e experimentarem os resultados da dinâmica estabelecida entre si, podem avaliar e decidir o curso da relação.

A relação do casal requer dos parceiros investimento afetivo (Diehl, Falcke & Wagner, 2002) e comportamentos adequados ao afeto compartilhado por meio do amor, carinho, atenção, respeito e companheirismo (Diehl, 2002). São os parceiros, portanto, que definem os critérios para a qualidade da relação (Torres, 2000). Ademais, é necessário negociar a divisão das funções, no exercício da autoridade e nos direitos e deveres concernentes à família, antes predeterminados (Sarti, 2006). A formação da conjugalidade, portanto, depende não só das condições materiais ou de existência, como partilha dos recursos e despesas, mas também da relação afetiva dos cônjuges que tende a culminar na identidade conjugal (Torres, 2000).

A conjugalidade é dinâmica, modifica-se em seu decorrer. Existem etapas que reconfiguram a vida conjugal: adaptação mútua, carreira e desenvolvimento dos filhos são exemplos de modificações ao longo da relação "que contribuem para criar realidades objetivas diferentes, que geram e impõem, por sua vez, escolhas, decisões e formas de agir" (Torres, 2000, p. 139).

A conjugalidade nos recém-casados, segundo Carter e McGoldrick (2001), apresenta especificidades da mudança de *status*. Configura o início da fase adulta diante do novo *status* familiar (Bee, 1997) que representa maturidade, responsabilidade e compromisso (Debert, 2010), no caso dos casais, experimentado no cenário conjugal. Essas mudanças pertencem ao desenvolvimento do indivíduo no seu núcleo familiar (Carter & McGoldrick, 2001).

Essa etapa configura o segundo estágio do ciclo de vida familiar denominado por Carter e McGoldrick (2001), a união das famílias no casamento: o casal. Nesse estágio os cônjuges formam nova relação unindo as famílias de origem. Seria a etapa de maior satisfação conjugal (Bradbury & Lavner, 2012; Bradbury, Johnson, Pasch & Sullivan, 2010; Carter & McGoldrick, 2001). O fato, por exemplo, de ser caracterizada como período romântico e de maior enlace entre os casais (Bradbury et al. 2010; Heilborn, 1993) pode relacionar-se a isso. Em contrapartida é período com altos índices de divórcio (IBGE, 2011; Venturini, 2011), o que pode estar relacionado às mudanças desse novo *status*, que requer dos casais negociações quanto às demandas da nova fase e do relacionamento com a família e amigos (Carter & McGoldrick, 2001).

Segundo a teoria de Carter e McGoldrick (2001) os problemas desse período caracterizam a fase inicial de adaptação ao novo *status*, que tem sofrido influência das transformações sociais. As mudanças no papel feminino, por exemplo, quebraram a tradição dos papéis desempenhados entre homens e mulheres, sendo necessário renegociar as funções, nem sempre divididas igualmente. Segundo os autores, havia menos divórcios quando os papéis delimitados eram vivenciados sem questionamentos. Assim sendo, a transição para a conjugalidade estaria difícil em contexto de busca por igualdade (Carter & McGoldrick, 2001). As pesquisas atuais com casais sobre a distribuição das tarefas de casa

e os cuidados com os filhos tem apontado incipiente mudança na distribuição dessas responsabilidades com os homens assumindo esses compromissos. A presença e responsabilidade feminina, porém, ainda prevalecem nessas atribuições, e o homem parece estar mais próximo do cuidado com o filho do que com as atividades da casa. Ressalte-se que em alguns casais essa desigualdade gera desentendimentos e em outros não (Falcke & Mosmann, 2011; Jablonkis & Silva, 2011; Jablonski, 2010; Mosmann, Predebon & Wagner, 2005), evidenciando que, dependendo de como se organiza cada conjugalidade, isso pode ou não gerar conflito.

Ademais, os parceiros enfrentariam os desafios das diferenças culturais entre os cônjuges, bem como a distância física das famílias, também consequência das mudanças socioculturais referidas, embora essas mesmas mudanças liberassem mais os casais das tradições das famílias para construir relacionamentos diferentes dos de seus familiares (Carter & McGoldrick, 2001). Os autores propõem, então, dois itens que podem dificultar a mudança de *status* no novo casal. Referem-se a fronteiras difusas do novo subsistema. Parentes ou familiares podem ser intrusivos, não sabendo o casal delimitar diferenças. Do contrário o casal pode voltar-se para si, ao ponto de não se ampliar a sociabilidade e se isolar (Carter & McGodrick, 2001).

Estudo realizado com recém-casados até dois anos de união visou compreender como as experiências na família de origem se refletem na vivência da conjugalidade nos anos iniciais da união. Os resultados demonstraram dificuldade de separação de suas famílias de origem para a construção da conjugalidade. Os resultados indicaram não só a dificuldade dos filhos em separar-se dos pais, como também dos pais em permitir que os filhos desenvolvam sua nova família. A formação da conjugalidade representava para os parceiros distanciamento familiar, necessário à individuação dos cônjuges e à construção

da identidade conjugal, pois o modelo dos pais é mais parental do que conjugal, dificultando os casais construir seus próprios relacionamentos a dois. Os cônjuges também apresentaram dificuldade em adaptar-se às experiências e vivências do parceiro, fazendo da cultura familiar de cada um tema recorrente de conflito. Esses dados confirmam a relevância das experiências na família na construção do relacionamento conjugal. O ideal é que os anos iniciais do casamento sirvam para o casal revisar as experiências com os núcleos familiares e construir sua própria família (Venturini, 2011). A negociação, portanto, envolve o que os parceiros permitirão de suas famílias na nova relação conjugal e o que construirão como identidade própria (Carter & McGoldrick, 2001).

Outra possível dificuldade são as expectativas e fantasias em relação ao outro. Garcia e Tassara (2003) investigaram os problemas matrimoniais em casadas há mais de 15 anos, da classe média, do Espírito Santo. Elas partiram da premissa de que o problema é construído socialmente por idealizações das relações afetivas, que, não sendo realizadas, definiriam o problema e a possibilidade de limite e superação. Os problemas identificados pelas parceiras relacionam o descumprimento do papel social esperado pelo companheiro, como o de provedor financeiro, de afetos, cuidados e o de parceiro sexual. Destaca-se, também, a falta de diálogo, o temperamento difícil do parceiro e divergências quanto à educação dos filhos (Garcia & Tassara, 2003). Os problemas que os autores perceberam na relação representam o afastamento do modelo idealizado de casamento. As mudanças de cenário social possibilitaram a construção de novas idealizações e expectativas conjugais, que, não sendo realizadas, parecem configurar conflitos conjugais atestando a influência psicossocial na dinâmica conjugal.

Neste período inicial, também, os casais precisam criar seu próprio território afetivo, seu jeito de ser e a maneira de se relacionar do casal, o que requer a construção da

conjugalidade. O início da conjugalidade "debaixo do mesmo teto" propicia que ambos construam sua própria identidade (Santos & Scorsolini-Comin, 2010; Lopes & Menezes, 2007; Aboim, 2006; Osorio & Valle, 2004, Féres-Carneiro, 1998), fundamental à formação do casal. Tal dificuldade, conforme mencionado, em especial o apego à família, tende a impedir esta construção (Cicco, Gomes & Paiva, 2005). Do outro lado, o espaço alheio deve ser respeitado, ou seja, a individualidade de cada cônjuge, com fronteiras estabelecidas. Esse dueto também desafia o casal contemporâneo quanto ao equilíbrio a se alcançar ou administrar (Lopes & Menezes, 2007; Aboim, 2006; Osorio & Valle, 2004, Féres-Carneiro, 1998).

A vivência da individualidade e a construção da identidade conjugal foi um dos itens pesquisados por Féres-Carneiro (1998) durante 3 anos, com 16 casais em terapia. Os resultados evidenciaram que a manutenção ou a ruptura do casamento, durante o processo terapêutico, vinculou-se à capacidade dos cônjuges de mudar na esfera da individualidade e da conjugalidade (Féres-Carneiro, 1998), "levando o casal a efetuar mudanças no jogo interacional conjunto, em busca de maiores espaços de crescimento" (Féres-Carneiro, 1998, p. 38).

Essas vivências podem diferir, evidenciando a complexidade de cada cônjuge e singularidade de cada casal (Aboim, 2006; 2004). Uma pesquisa sobre casais coabitantes e não coabitantes, antes e após o casamento (Lopes & Menezes, 2007) não mostrou padrão específico entre os dois tipos de casais. Assim, o equilíbrio conjugalidade-individualidade se mostrou difícil de atingir, com casais ora priorizando a individualidade, ora a conjugalidade, conforme o período pesquisado. Detectou-se, porém, tendência à estabilidade nos casais quanto à polarização na conjugalidade ou na individualidade (Lopes & Menezes, 2007).

Segundo Singly (2007), a vida conjugal requer renúncia de alguns territórios pessoais. A individualidade é necessária, segundo o autor, não significando fuga da relação ou do cônjuge e, sim, fator importante para a construção de si mesmo. O individualismo, contudo, quando excessivo na relação do casal, ou seja, quando um dos cônjuges, ou os dois, supervalorizam a vivência da individualidade, tende a fragilizar a relação (Levandowski, Lopes & Piccinini, 2009; Féres-Carneiro, 1998), já que a individualidade tende a priorizar os planos individuais sobre os que são ou deveriam ser o do casal, gerando conflitos, desentendimentos e enfraquecimento do laço conjugal. Satisfação pessoal é necessária com atividades separadas e partilhadas (Singly, 2000).

Surge nesses contextos, portanto, a necessidade de diferenciação: não só da família, mas entre indivíduos e casal (Rolim & Wendling, 2013). É o momento, então, de o casal negociar novos rituais e os relacionamentos com amigos e familiares (Carter & McGoldrick, 2001). Para Carter e McGoldrick (2001), o ideal é que os casais mantenham sua rede de amigos e não usem o relacionamento para complemento da individualidade e da autoestima; assim, os cônjuges conseguem diferenciar-se um do outro e responsabilizar-se por suas escolhas.

Conforme discutido em capítulo anterior, verifica-se que o casamento, ao sofrer influências socioculturais-econômicas, se diversificou com o tempo, possibilitando mudanças na dinâmica das relações conjugais. Assim, as inúmeras possibilidades de união dos casais, formatos de relação, tipos de famílias e de casais que se configuraram, tornou-se campo fértil de pesquisas. Não só na construção de conteúdo teórico para compreensão dessas transformações, mas também na construção de conteúdo que auxilia na produção de ferramentas de intervenção com casais em crise. Com isso, na temática seguinte, encontram-se pesquisas, sob vários vieses e abordagens do conhecimento, com vistas a

investigar a complexidade que se tornou a relação do casal (Lopes, Menezes & Silva, 2010). São discutidos adiante os seguintes temas: motivações na escolha do parceiro, satisfação conjugal, conflitos e divisão de tarefas.

Lopes et al. (2010) apontam a transgeracionalidade como um dos motivos para a escolha conjugal. Nesse caso, a escolha dos cônjuges seria motivada pelo modelo das relações parentais transmitido aos filhos em seus desenvolvimentos. Os modelos encontrados nos entrevistados são parentais, a serem seguidos ou rejeitados. Assim, os cônjuges levam para seus relacionamentos aspectos de suas famílias que identificam como positivo. Já os modelos identificados como negativos buscam fazer o contrário (Lopes et al. 2010).

Diferentes variáveis, porém, precisam ser consideradas (Lopes et al. 2010). A busca no outro pela complementaridade é variável defendida por alguns clínicos que estudam o tema (Anton, 2000; Costa, 2000, as cited in, Lopes et al. 2010). Esse item envolve a crença ilusória de que os cônjuges tornam-se um todo para satisfazer completamente as necessidades do outro (Whitaker, 1990, as cited in Lopes et al. 2010). Outro item encontrado na literatura é a busca, no outro, por similaridades consigo mesmo (Botwin & Schackelford, 1997; Aube & Koestner, 1995, as cited in, Lopes et al. 2010). Esses dois itens são confirmados na pesquisa de Lopes et al. (2010), já que foram também encontrados nas motivações da escolha conjugal junto à transgeracionalidade.

Féres-Carneiro (1997) identificou motivos da escolha conjugal em características desejadas pelos entrevistados no parceiro. Evidenciou-se a influência social na escolha. Um dos resultados aponta que homens não valorizam nas mulheres características culturalmente identificadas como masculinas - capacidade econômica, ambição e competência profissional. Além de a maioria dos homens de diferentes condições amorosas

– namoro, casamento (coabitação estável), separação ou recasamento - ver na atração física qualidade importante para escolher a parceira, e as mulheres a capacidade econômica do parceiro (Féres-Carneiro, 1997). Aspectos característicos de valorização cultural e distinções de gênero.

Os dados mostram a complexidade da escolha conjugal, com vários intervenientes (Lopes et al. 2010) relevantes, pois podem auxiliar na terapia de casais propiciando melhor compreensão das especificidades da relação amorosa na conjugalidade (Féres-Carneiro, 1997).

Se a escolha conjugal é tema relevante, a manutenção conjugal também o é. A conjugalidade tem sido apontada como importante para a saúde e qualidade de vida das famílias, não só por suprir as necessidades básicas do indivíduo, mas por influenciar seu bem-estar. Pesquisadores têm-se interessado em compreender a vida amorosa e conjugal e sua qualidade, não necessariamente a duração (Santos & Scorsolini-Comin, 2009; Florence et al. 2004).

A satisfação conjugal pode ser entendida como avaliação subjetiva da relação, na qual se compara a percepção do casamento com os modelos e expectativas construídos sobre ele a partir da Sociedade e da Cultura (Santos & Scorsolini-Comin, 2009). O casamento apresenta ciclo de vida familiar próprio, que se modifica com o tempo e afeta a satisfação conjugal, exigindo dos casais readequações (Florence et al. 2004). A satisfação conjugal é multidimensional e resulta de processo dinâmico e interativo do casal (Féres-Carneiro, Mosmann & Wagner, 2006). Nesse caso, a satisfação conjugal refletirá a avaliação de cada cônjuge da qualidade da relação. Três elementos parecem atuar nessa percepção: o contexto em que os cônjuges estão inseridos, os recursos pessoais e os processos adaptativos (Féres-Carneiro et al 2006).

Segundo Santos e Scorsolini-Comin (2012; 2009), quanto mais afetos positivos existirem na relação, menos serão os negativos e maior a satisfação pessoal com a vida. Isto contribui para a relação ao favorecer as trocas afetivas conjugais. A coesão com o parceiro pode melhorar a avaliação acerca do cônjuge. Conforme a análise de Santos e Scorsolini-Comin (2012; 2011), à luz da Psicologia Positiva, para a felicidade a dois os aspectos positivos devem prevalecer; sem anular as coisas ruins, pois elas também compõem a vida.

Outro estudo explorou as associações entre apego, ruminação, empatia, perdão e satisfação conjugal em casais coreanos, tendo por base a teoria do apego. Os resultados revelaram que o apego inseguro reduz a satisfação conjugal pela falta de perdão. Ademais, a ruminação excessiva do apego ansioso e a falta de empatia e perdão, encontrada no apego evitativo, também afetaram negativamente a satisfação conjugal. Segundo o autor, empatia é importante para melhorar a intimidade do casal e a satisfação conjugal pela atitude positiva para com o parceiro (Chung, 2014).

Uebelacker, Weinstock e Whisman (2004) estudaram a relação entre psicopatologias e a satisfação com o casamento: depressão e ansiedade associam-se fortemente a baixa satisfação conjugal, afetando mais o parceiro do deprimido (Uebelacker et al. 2004). Verifica-se, portanto, que a satisfação conjugal é campo de estudo complexo, com diversos itens podendo atuar nesse processo, isoladamente ou correlacionados.

A qualidade dos relacionamentos também está associada aos conflitos conjugais. Estudos têm demonstrado que a forma como os casais buscam resolvê-los influem na estabilidade e dissolução das uniões (Falcke & Mosmann, 2011). Falcke e Mosmann (2011), por exemplo, pesquisaram os motivos dos conflitos conjugais e sua frequência em 149 casais de nível socioeconômico médio do Rio Grande do Sul. Foram identificados os

seguintes conflitos principais: relacionamento com os filhos, tempo que o casal desfruta junto, questões financeiras, questões domésticas, acordos cotidianos, sexo e questões legais. Quanto à frequência dos conflitos e intensidade, prevaleceram as discussões calmas entre os cônjuges. Porém 75,8% dos casais afirmaram presenciar situações de agressão verbal, que 5,4% indicaram ocorrer com frequência ou sempre. "Ainda que a maioria dos participantes reporte estratégias positivas de resolução de conflito, através de discussões com calma, os números relativos à agressividade verbal ou física devem ser considerados, pelo impacto que podem ocasionar na vida dos cônjuges" (Falcke & Mosmann, 2011, p. 11).

Segundo Falcke e Mosmann (2011), os casais entrevistados vivem consideráveis desentendimentos, com agressões. Para elas, a ausência de resolução pode acarretar conflitos recorrentes ainda mais fortes, chegando à agressão verbal ou física. Esse estudo envolve o desafio da intervenção na conjugalidade, que contempla a complexidade das relações dos casais, pois as dimensões da qualidade conjugal são inúmeras. Daí a necessidade de identificar os conflitos mais comuns entre os casais para intervenções que abarquem a realidade conjugal auxiliando os parceiros na resolução de seus desentendimentos (Falcke & Mosmann, 2011).

Outro item que pode culminar em conflitos é a distribuição dos papéis desempenhados por homens e mulheres na conjugalidade: parece que a tradição da clássica divisão em que as mulheres se responsabilizam pela manutenção da casa e dos filhos, e o marido por seu trabalho, ainda predomina. Porém já há mudanças detectáveis nessas configurações. Mosmann et al. (2005) analisaram o exercício e a divisão de papéis e funções desempenhados pelos pais na criação e educação dos filhos em idade escolar. A divisão das tarefas referente à educação dos filhos é heterogênea, já que padrões clássicos e

contemporâneos coexistiam quanto à atividade. Ou seja, existem tanto pais que assumem atividades conjuntas com as mães, quanto casais em que as funções são delimitadas, a mãe com a função de nutrição e acompanhamento dos filhos nas atividades da escola, sendo o pai o responsável financeiro. Os autores afirmam que não se pode pressupor modelo ideal, igualitário e equilibrado de família. Entretanto, é fundamental conhecer seu contexto, a força de suas crenças, valores e atitudes na definição e distribuição das tarefas e papéis familiares (Mosmann et al. 2005).

No estudo de Falcke e Mosmann, (2011) a divisão das tarefas domésticas foi a quarta causa de conflito na relação conjugal, demonstrando como a disparidade nessa divisão pode gerar desentendimentos. Segundo Jablonski (2010), entretanto, as mulheres assumiram maiores responsabilidades com esses cuidados sem conflitos conjugais. O que demonstra que, dependendo de como a relação conjugal é estabelecida, a divisão das atividades do lar pode ou não gerar desentendimentos entre os parceiros.

Contra possíveis desafios à conjugalidade, a forma como os casais administram seus conflitos torna-se importante (Falcke & Mosmann 2011). Atualmente, os modelos embasados na teoria da aprendizagem social que enfatizam a forma como lidam os casais com os seus problemas têm sido investigados pela maioria das abordagens de prevenção e intervenções (Bradbury et al. 2010).

Bradbury et al. (2010) investigaram a associação entre resolução de problemas e o apoio social contribuindo para trajetórias na satisfação com o relacionamento e sua dissolução em 10 anos. Os casais foram observados resolvendo problemas e em discussões de apoio pessoal, logo após o casamento e um ano depois. Os resultados apontaram que o apoio social parece favorecer a satisfação conjugal. Quando o cônjuge apresenta habilidades de apoio isso pode gerar boa vontade e genuína intimidade entre os parceiros, o

que lhes permite enfrentar dificuldades no relacionamento com menos raiva e desprezo. Assim, recém-casados com poucas habilidades de suporte são menos felizes e mais propensos a divorciarem-se nos primeiros 10 anos de casamento devido, pelo menos em parte, a um aumento no comportamento negativo durante os conflitos ao longo do tempo. Por outro lado, os recém-casados com fortes habilidades de suporte apresentam função de proteção que ajuda os casais a agir menos negativamente ao discutir suas diferenças, elevando a satisfação e diminuindo as chances de dissolução (Bradbury et al. 2010).

Observa-se, então, que em meio às demandas da fase inicial da conjugalidade os casais podem apresentar fatores de proteção. Ou seja, os indivíduos que criam relação calorosa, solidária com seu parceiro podem ser mais tolerantes com os problemas de relacionamento e experimentarem relacionamentos mais gratificantes e duradouros (Bradbury et al. 2010).

As habilidades sociais também ajudam os casais a lidarem com suas dificuldades, pois têm se mostrado ferramenta importante no processo. “As habilidades sociais constituem uma classe específica de comportamentos que um indivíduo emite para completar uma tarefa social” (Gresham, 2011, p. 19). Ao se tratar de parceiros amorosos denominam-se habilidades sociais conjugais; configuram conjunto de habilidades interpessoais adequadas a bom relacionamento por auxiliarem o casal em sua convivência. Envolve assertividade, empatia, autocontrole, expressão de sentimento positivo, civilidade, comunicação e resolução de problema. O equilíbrio adequado dessas habilidades contribui para interação conjugal positiva. Percebe-se sua importância em comportamentos inerentes à satisfação conjugal, como: saber resolver os conflitos, boa comunicação, respeito, compreensão, empatia, intimidade, entre outros (Del Prette & Villa, 2012).

Estudos da conjugalidade, portanto, importam na identificação de ameaças (dificuldades de reorganizar papéis, separação da família de origem, dificuldade de consolidação da identidade conjugal, má administração de conflitos, entre outras) e apoios (afetividade, satisfação conjugal e as habilidades pessoais que contribuem para a relação do casal).

O avanço da tecnologia nos últimos anos, em especial, o aumento do acesso e a rapidez da internet, também têm afetado as relações humanas, afetivas e conjugais. As redes sociais têm proporcionado contato rápido e fácil, diante das limitações e da falta de tempo do cotidiano. O *Facebook*, por exemplo, entre outras redes sociais, permitem atualização constante (Munhoz & Nunes, 2013).

Uma vez que navegar na internet tornou-se uma atividade cotidiana, ela passou a influenciar o comportamento dos que passaram a usá-la no trabalho, lazer, contatos e até para iniciar relacionamentos amorosos (Munhoz & Nunes, 2013). Dela Coleta, Dela Coleta e Guimarães (2008) afirmam que a internet, “como telecomunicação, criou possibilidades de relacionamento interpessoal diferentes das antigas cartas e do não tão antigo telefone. Com o anonimato e a participação voluntária em *chats*, amizades iniciaram e algumas evoluíram para relacionamentos íntimos” (p. 279). A internet com suas ferramentas se tornou esfera interativa, na qual relacionamentos amorosos podem se desenvolver (Munhoz & Nunes, 2013; Cohn & Vieira, 2008). Assim, surgem dúvidas quanto à constituição e durabilidade desse vínculo construído no espaço virtual. Na pesquisa de Dela Coleta et al. (2008) com 50 usuários da internet sobre afetividade e relacionamento virtual, os participantes atestaram a possibilidade de relacionamentos virtuais na fase inicial, sendo fundamental posteriormente, a presença física do outro para a manutenção do vínculo. Na pesquisa de Donnamaria e Terzis (2009), com casais em que os vínculos

iniciaram-se por intermédio da internet, destaca-se a busca desses casais, posteriormente, da realidade, pelo encontro, assim consolidando o vínculo. Saiu-se, portanto, da relação virtual ao introduzir aspectos não verbais e outras vicissitudes do convívio pessoal (Donnamaria & Terzis, 2009).

O encontro torna-se importante porque o “desejo de transformar o relacionamento virtual em um vínculo presencial e a suspeita de não poder realizá-lo transformaram-se numa ameaça à sustentabilidade do vínculo, geradora de mal-estar” (Donnamaria & Terzis, 2009, p. 59). Essa sensação pode criar nos casais a necessidade da presença para a confirmação da realidade, ou seja, se o que se tem de contato, imaginação e fantasia, construído no virtual, se assemelha à realidade do outro.

Segundo Berenstein e Puget (1993), citados por Munhoz e Nunes (2013), o vínculo caracteriza-se por sentimento de pertença que pode nascer *online*, mas requer a presença do outro para o sustento da vida amorosa. Embora a internet favoreça a interação para a formação de laço amoroso, o risco de iludir-se supera o das relações presenciais (Munhoz & Nunes, 2013). Isso porque a “descrição num cadastro de perfil, a escolha do apelido com o qual o internauta participa de uma sala de bate-papo, todos sujeitos à seleção da consciência, e recortados de um todo, favorecem projeções, fantasias e ilusões, cuja repercussão, favorável ou desfavorável, estará implicada na manutenção ou rompimento do contato” (Donnamaria & Terzis, 2009, p.58). Na pesquisa de Dela Coleta et al. (2008), entretanto, 64% dos entrevistados disseram não perceber mudanças no relacionamento quando ele passou para o contato pessoal.

Posteriormente, quando juntos, os casais também podem ser influenciados pela tecnologia, já que continuam a utilizá-la em seu cotidiano. Em alguns casos, a rede social e os dispositivos tecnológicos podem gerar ciúmes, por meio de mensagens enviadas,

recebidas e recados trocados em redes sociais (Bezerra, Cruz, Freire, Machado, Queiroz & Vasconcelos, 2012). Com essas ferramentas, o parceiro que já apresenta ciúmes pode encontrar formas de controlar o outro, invadindo a privacidade do parceiro, como ao verificar *e-mails*. Isto reforça a insegurança alimentando supostas traições, pois comportamentos que parecem inofensivos podem ocultar outras intenções. Nesse caso, tem-se a crença de que ao mesmo tempo em que o outro pode estar checando *e-mails* e interagindo com amigos, o mundo virtual também oferece a possibilidade de se conhecer outras pessoas e se relacionar com elas, já que existe a ideia de que se não houve aproximação não houve traição (Bezerra et al. 2012).

Observa-se, então, que a conjugalidade apresenta diversos temas que podem ser estudados para a sua compreensão, como: escolha, satisfação, conflitos conjugais, suas resoluções e a tecnologia. Ao lado de dificultadores como os conflitos, identificaram-se fatores protetores (Bradbury et al. 2010) como sobreposição de afetos positivos sobre negativos (Santos & Scorsolini-Comin, 2012;2009). Portanto, as pesquisas apresentadas podem contribuir com os casais no manejo de seus dilemas. Sua importância influi, já que a qualidade dos relacionamentos íntimos reflete-se no bem-estar psicológico, físico e na vida profissional dos casais, afetando suas relações sociais (Florence et al. 2004) e parentais (Lopes & Menezes, 2007). Ademais destaca-se o impacto da tecnologia na vivência conjugal, podendo interferir negativamente na conjugalidade.

2. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais constitui modelo teórico, científico, para compreensão e explicação de como o conhecimento leigo é construído; portanto, estuda o senso comum, como ele é elaborado, construído e disseminado por um grupo a respeito de determinados objetos sociais (Santos, 2005). Já as representações sociais (RS) são mecanismo importante para o indivíduo e suas relações, são as responsáveis por tornar presente algo invisível ao sujeito; portanto, por meio das representações sociais o objeto ganha vida, mesmo ausente.

Alguns estudos na psicologia e ciências sociais focaram sua capacidade de produzir conhecimento sobre a realidade, limitando-se o representar ao cognitivo, como processo somente mental (Jovchelovitch, 2008). Para Moscovici (2003), contudo, as representações sociais não são criadas pelos indivíduos isolados, decorrem das ações e comunicações interpessoais; uma vez criadas apresentam vida própria e se esbarram, propiciando novas e antigas representações. Essa definição permite compreendê-las para além do individual cognitivo ao enfatizar também a dinâmica das interações sociais.

Embasando-se no conceito durkheimiano de representações coletivas, Moscovici elaborou seu conceito psicossocial de representações sociais (Jovchelovitch, 2008). Para Durkheim, as representações coletivas são representações únicas partilhadas igualmente pelo grupo. Visam manter os vínculos sociais e alimentar o pensamento e a ação. As representações coletivas atuam de maneira coercitiva por exercerem poder sobre o sujeito ao serem partilhadas e reproduzidas pelo coletivo atravessando gerações (Moscovici, 2001). Da perspectiva durkheimiana de representações coletivas, Moscovici manteve duas características: primeiro o seu caráter social e segundo a dificuldade das representações de mudarem devido às imposições institucionais (Jovchelovitch, 2008). Quanto à primeira característica, Moscovici (2003) também as entende como entidades sociais, pois sua construção e partilha são sociais (Jodelet, 2001). O segundo item discorre sobre a função prescritiva das representações, referindo-se a força irresistível presente, antes mesmo de a pessoa pensar, devido à tradição imposta sobre o que deve ser pensado, construída ao longo do tempo (Moscovici, 2003).

Diferentemente de Durkheim, que conservou a noção de representações como estáveis e uniformes no tempo, Moscovici as entende como dinâmicas, pois, uma vez criadas, adquirem vida própria, "circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão

oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem" (Moscovici, 2003, p. 41). Isso ocorre com o auxílio dos meios de comunicação de massa, que aceleram e multiplicam as representações, vinculando crenças pessoais e ações dos indivíduos sociais (Moscovici, 2003).

A Psicologia Social em seu campo de estudo aborda as RS a partir da relação indivíduo-sociedade. Nos últimos anos, seu conceito tem sido utilizado com frequência em diversas áreas (Arruda, 2002). Foi na Psicologia Social, porém, que seu conceito ganhou teorização, iniciada por Serge Moscovici e desenvolvida por outros pesquisadores.

Outro autor que influenciou Moscovici foi Piaget. O estudo de Piaget contribuiu para o entendimento de como o conhecimento se transforma, já que em sua concepção as estruturas do pensamento são como sistema que se transforma e muda constantemente, conduzido pelos processos de assimilação e acomodação (Jovchelovitch, 2008). Na teoria de Moscovici esse processo é realizado pela dinâmica entre a ancoragem e a objetivação, os mecanismos responsáveis pela construção das representações sociais.

A ancoragem é processo de classificação em que o objeto é enquadrado em categorias comuns preexistentes que se assemelham a ele. Essas podem ser comportamentos ou regras que embasam o que é ou não permitido; uma vez dentro delas, qualquer informação passa a referenciá-lo também (Moscovici, 2003). Nesse caso, quando novo fenômeno surge, a tendência é que se recorra a fontes parecidas e já conhecidas para classificá-lo como tal e assim compreender o ocorrido.

Na década de 1990, por exemplo, a AIDS foi proclamada pelos meios de comunicação de massa como praga homossexual; essa informação, ao ser veiculada, ancorou a AIDS a ameaça já conhecida, a praga bubônica (Joffe, 2003). Reconhecer em novo objeto elementos comuns a experiência já vivida possibilita sua familiaridade. Tal

classificação engloba a comparação, em que o novo é confrontado com modelo responsável por ser a referência do que é ou não normal; classificado o objeto, ele sai da invisibilidade e ganha forma e compreensão no grupo (Moscovici, 2003). Classificar e nomear, portanto, facilita a interpretação e a compreensão de novas informações, inicialmente desconfortáveis. O sujeito busca ancorar as ideias estranhas em sua rede de classificação e categorização comum, que para seu alívio apresenta algo familiar (Moscovici, 2003).

A objetivação é a verdadeira essência da realidade (Moscovici, 2003), quando o abstrato vira concreto, ao tornar conceito ou imagem núcleo figurativo (Santos, 2005), que passa a atuar em situações sociais, como meio de compreensão dos outros, de si próprio e de como agir (Moscovici, 2003). Para tanto, certas informações são privilegiadas e dissociadas de seu contexto original e ganham papel mais relevante do que outras ou diferente do que tinha (Almeida, 2005). Isso proporciona a construção social de elementos que passam a ser a realidade do objeto (Santos 2005).

Supõe-se no imaginário social, por exemplo, que toda mulher deseja a maternidade, o que constituiria a natureza feminina (Santos 2005). De toda realidade peculiar do que é ser mulher, "parece, então, que a sociedade faz uma seleção daqueles aos quais ela concede poderes figurativos, de acordo com suas crenças e com o estoque preexistente de imagens" (Moscovici, 2003, p. 72). Então essa objetivação passa a ser a realidade sobre a mulher e gera reações na forma de pensar e agir das pessoas, quando, por exemplo, determinada mulher não deseja ser mãe, podendo ser interpretada como tendo problema físico, ser considerada fria, egoísta ou como tendo problemas psicológicos (Santos, 2005).

As representações sociais, portanto, são responsáveis por ajudar o indivíduo a compreender a realidade à sua volta, "elas circulam nos discursos, são trazidas pelas

palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais" (Jodelet 2001, p. 17). Nessa dinâmica relacional é que as representações sociais surgem, devendo ser o conhecimento uma visão comum de determinado grupo sobre algo elaborado e compartilhado em seu meio social, com objetivos práticos de organização e controle da própria realidade; uma vez construídas, orientam condutas e comunicações (Jodelet, 2001). Ressalve-se que para se tornar objeto de representação social o fenômeno precisa ser relevante para o grupo (Sá, 1998).

Três aspectos contribuem quanto a sua forma de conhecimento social: a comunicação, a (re)construção do real e o domínio do mundo (Almeida, 2005). A comunicação se relaciona com as interações interpessoais; é nesse contexto que o universo consensual sobre determinado objeto é criado, interferindo na cognição dos sujeitos (Jodelet, 2001). Nesse dinamismo comunicação-representação está a reconstrução do real, em que os sujeitos encontram subsídios para criarem a realidade: assim, as RS constituem guias de interpretação, organização do real com ferramentas que auxiliam o sujeito a se posicionar e agir. Essas características possibilitam ao sujeito o domínio sobre o mundo, pois o conhecimento formado permite a compreensão de si mesmo (Almeida, 2005). Juntos, esses três aspectos ressaltam o papel das RS na conjuntura das relações e nas práticas sociais ao enfatizar suas diferentes funções (Almeida, 2005). Portanto, as RS apresentam caráter móvel, circulante, que lhes confere plasticidade, pois são estruturas dinâmicas conduzidas nas e pelas relações e comportamentos dos sujeitos frente às mudanças sociais (Moscovici, 2003).

Devido à própria abertura de Moscovici, a continuação de estudos sobre a Teoria, outros autores propuseram outras formas e enfoques de estudá-la. Foram eles: Denise Jodelet, Jean-Claude Abric e Willem Doise (Almeida, 2005).

A abordagem culturalista de Denise Jodelet é a que se mantém fiel à proposta inicial de Moscovici ao preconizar o engajamento dos aspectos sociais e culturais na construção das representações sociais (Almeida, 2005). Para Jodelet (2001), a noção de RS implica relação com processos da dinâmica social e psíquica: "deve-se levar em consideração o funcionamento cognitivo e o do aparelho psíquico, e, por outro, o funcionamento do sistema social, dos grupos e das interações, na medida em que afetam a gênese, a estrutura e a evolução das representações que são afetadas por sua intervenção" (Jodelet, 2001, p. 26). Assim, o sujeito psicológico apresenta a particularidade de "integrar na análise desses processos a pertença e a participação, sociais ou culturais do sujeito" (Jodelet, 2001, p. 27).

Jodelet (2001) atribui às RS uma forma de conhecimento prático que liga o sujeito ao objeto. Três questões colaboram para o conhecimento desse saber: 1) Quem sabe e de onde sabe? – Tal pergunta possibilita alcançar as condições de produção e circulação das representações. 2) O que e como sabe? – Essa pergunta possibilita a pesquisa dos processos e estados das representações sociais. 3) Sobre o que sabe e com que efeitos? – Essa opção visa à epistemologia das representações sociais, ou seja à relação representação-real (Arruda, 2002; Jodelet, 2001; Sá, 1998).

A abordagem de Jodelet enfatiza os suportes por meio dos quais as RS são veiculadas no cotidiano e de que modo formam-se as RS. Esses suportes correspondem aos discursos mantenedores das RS, aos comportamentos das pessoas, bem como a suas práticas sociais, podendo ser também "(...) os documentos e registros em que os discursos, práticas e comportamentos ficam institucionalmente fixados e codificados" (Sá, 1998, p. 73).

A proposta de Jean-Claude Abric é a abordagem estrutural das RS, enfocando a organização interna das RS, também denominada Teoria do Núcleo Central, segundo a qual as RS como estrutura orbitam um núcleo central que determina seu significado e organização e que tem à volta o sistema periférico. O primeiro apresenta elementos centrais das RS construídos pela história e difíceis de serem modificados, pois são resistentes à mudança. Sem mudança no núcleo central, a representação de determinado elemento se perpetua, pois para que uma representação mude é necessária modificação do núcleo central (Abric, 1998). O segundo, menos estável e permeável, é o sistema periférico, que possibilita as diferenciações individuais. Nessa dinâmica, a representação social é estável e instável, rígida e flexível; pode ser consensual ou marcada por diferenças interindividuais. A Teoria do Núcleo Central contribui para compreensão e explicação da transformação das representações sociais (Almeida, 2005; Abric, 1998).

Outra contribuição teórica é a proposta societal de Willem Doise. Como esta é a abordagem utilizada na presente pesquisa, o tópico seguinte discorrerá sobre ela.

Conforme apresentado, o tema da presente pesquisa, a conjugalidade, é fundamental na vida dos indivíduos, bem como da organização social como um todo. Portanto, é objeto de interesse de diversas instituições sociais, que discorrem sobre ela pelos meios de comunicação. Participam desse processo a Igreja, a família e a Sociedade, por exemplo.

Historicamente, portanto, formas de agir e pensar a conjugalidade foram guiadas e instruídas por essas instituições, sendo criadas por meio da interação entre as pessoas. Nos últimos anos, contudo, mudanças sociais possibilitaram novas formas de pensar e vivenciar a conjugalidade. Essa dinâmica permite a convivência de novas e velhas representações sociais sobre a vida conjugal.

A escolha da TRS como aporte teórico da presente pesquisa deve-se então à possibilidade de compreender a construção e a partilha do conhecimento que circula no senso comum, pois a compreensão da realidade não é isolada, é constantemente atravessada pelas questões sociais. As RS orientam ações no mundo e permitem ao indivíduo reconstruir o real para o domínio do mundo. Diante dessas questões, a escolha por esse referencial teórico permitirá identificar as representações sociais sobre a conjugalidade e como essas representações têm guiado os casais no curso de seus relacionamentos, considerando a influência sociocultural nessas representações.

Espera-se assim compreender melhor esse início conjugal, considerando elementos de representação envolvendo a conjugalidade. Ao identificar, portanto, a forma pela qual os recém-casados têm-se relacionado, busca-se compreender como isso pode interferir no curso do relacionamento, já que tem aumentado o número de separações nesse início de relacionamento.

2.1 A ABORDAGEM SOCIETAL DE WILLEM DOISE

A abordagem do Willem Doise é conhecida no meio acadêmico como a Escola de Genebra (Almeida, 2009), onde lidera grupo de estudo que “articula as RS com uma perspectiva mais sociológica, enfatizando a inserção social dos indivíduos como fonte de variação dessas representações” (Almeida, 2009, p. 719). Assim, enfoca a interação processos individuais-dinâmicas sociais para “(...) mostrar como o indivíduo dispõe de processos que lhe permite funcionar em sociedade e, de maneira complementar, como dinâmicas sociais, particularmente interacionais, posicionais ou de valores e de crenças gerais, orientam o funcionamento desses processos” (Doise, 2002, p. 28).

Para Moscovici, a realidade se constrói nas relações com os outros, nas quais é possível desenvolver o pensamento, o sentimento e a motivação humana (Doise, 2002).

Construir a realidade, portanto, significa unir elementos internos e externos ao indivíduo, por meio de recursos cognitivos e sociais que atuam em conjunto e formam a dinâmica de construção e reconstrução da realidade. Assim, não há priorização das análises oriundas somente da Psicologia, com foco no indivíduo; análises econômicas e sociológicas que abordam a Sociedade requerem para a construção da Realidade a junção desses dois elementos (Doise, 2002).

Para Doise, a importância das RS, enquanto parte da realidade social que as modula, está na relação das pessoas entre si e com os grupos. Nesse caso, as interações configuram troca simultânea com consciência de que os processos se desenvolvem nos dois lados:

os estudos sobre as representações sociais, iniciados por Serge Moscovici (1961), que me parecem atualmente fornecer o quadro mais estimulante para construir uma psicologia societal imbricando o estudo dos sistemas cognitivos no nível do indivíduo no estudo dos sistemas relacionais e societais. O estudo das representações sociais preconizado por Moscovici necessita que se coloque em relação os sistemas cognitivos complexos do indivíduo com os metasistemas de relações simbólicas que caracterizam uma sociedade (Doise, 2002, pp. 30)

Para acessar as representações sociais e suas relações com o objeto de pesquisa de maneira ampla, Doise (2002) propõe quatro níveis de análise, cada um com especificidade a ser compreendida no fenômeno estudado: os processos intraindividuais, os processos interindividuais e situacionais, os processos intergrupais e o processo societal.

O primeiro nível são os processos intraindividuais com o foco em analisar o modo pelo qual os indivíduos organizam suas experiências com o meio (Almeida, 2009; 2005 & Doise, 2002). Nessa análise, para a presente pesquisa o foco está nos elementos de

representação social que compõem a experiência individual dos cônjuges com a conjugalidade, ou seja, a experiência social do sujeito que perpassa sua cognição (Doise, 2002). As questões relacionadas a esse nível, que visam identificar os elementos de representação social, são: quais mudanças pessoais são representadas pelos cônjuges com a conjugalidade e como interferem neste início da conjugalidade? (Eu e a conjugalidade).

O segundo nível aborda os processos interindividuais e situacionais na busca de princípios que expliquem as dinâmicas sociais (Almeida, 2005; 2009; Doise, 2002). Assim, os indivíduos são considerados pessoas em interação, sendo possível acessar os princípios explicativos das suas próprias relações sociais. Assim, com os dados dos processos interindividuais e situacionais, enfocam-se os elementos de representação social envolvendo a interação dos cônjuges, contribuindo para vivências a dois. Ou seja, de que modo os sujeitos interagem e quais elementos de representação influenciam os indivíduos na construção de seus padrões de interação (Doise, 2002). Neste nível, o questionamento será: como a conjugalidade se organiza com o novo *status* social? (Eu e o outro - nossa conjugalidade).

O terceiro nível refere-se aos processos intergrupais e considera os diferentes posicionamentos dos indivíduos nas relações sociais, as características de determinada sociedade e como elas modulam os outros dois estados (Doise, 2002). Este nível de análise centra-se nos elementos de representação social que influenciam o posicionamento conjugal em relação aos grupos e sua influência nos dois outros níveis de análise. Nesta etapa são possíveis os seguintes questionamentos: com quais grupos os casais se relacionam e como interferem na conjugalidade? (Nós e os outros).

O último item, denominado societal, enfatiza os estudos nas produções culturais, de crenças, avaliações e normas sociais de uma sociedade ou grupo enquanto responsáveis por

produzir significados aos comportamentos criando diferenciações sociais em nome de um princípio geral (Almeida, 2005; Doise, 2002). A esse princípio geral dá-se o nome de metassistema, que pode se organizar no pensamento do adulto de maneira variada, ou seja, diferentes metassistemas podem coexistir, interferindo no funcionamento cognitivo que conduzirá a determinadas posições (Doise, 2014). Assim, o metassistema se configura mundividência influenciando representações sobre os objetos, bem como o posicionamento a respeito: a “atualização das regulações feita pelo metassistema social no sistema cognitivo constitui, em minha opinião, o estudo propriamente dito das representações sociais, desde que suas ligações com posições específicas em um conjunto de relações sociais sejam explicitadas” (Doise, 2014, p. 167). Esse item é o que a análise societal busca elucidar, como o processo societal regido por metassistema(s) pode explicitar os outros três níveis de análise e assim identificar representações construídas, desconstruídas e em construção por esses metassistemas, que influenciam a forma pela qual casais atualmente têm representado a vida conjugal e com isso se posicionado, consigo mesmo, com o parceiro, a própria dinâmica conjugal e os outros.

Este último nível é conduzido pelas seguintes perguntas: quais são o(s) metassistema(s) que possibilitam a construção de representações sociais que ajudam na compreensão dos outros níveis de análise? (Eu, nós, os outros e a cultura). Vale destacar que este conceito já havia sido proposto por Moscovici. Doise, a partir de seus estudos, o enfatiza, já que por meio dos conceitos de sistema e metassistema, lhe foi possível compreender melhor aspectos de seus trabalhos anteriores sobre a intervenção da marcação social no cognitivo (Doise, 2014).

O modelo apresentado por Doise foi utilizado na pesquisa de Bernardes, Keogh & Lima, (2008) para estudar como o gênero pode ser conceituado em cada tipo de análise:

intraindividual, situacional, posicional e ideológica. O trabalho relacionou as diferenças de gênero e dor em diversas pesquisas. A posição defendida pelos autores é a de que as diferenças quanto à percepção da dor entre homens e mulheres relacionam-se a fatores biopsicossociais. Sendo assim, o objetivo do trabalho foi enquadrar as teorias de gênero encontradas em suas justificativas quanto às diferenças de percepção da dor entre homens e mulheres, em cada nível de análise e posteriormente relacioná-las à dor (Bernardes et al. 2008).

O primeiro nível de análise - intraindividual - considerou as pesquisas em que o sexo é percebido como característica interna estável de um indivíduo. Assim, uma das teorias de gênero identificada foi a Teoria Psicológica da Androginia (Bem, 1974, 1975, citado por Bernardes et al. 2008), que introduziu a noção de androginia e sugeriu que um andrógino apresenta tanto traços de personalidade masculinos como femininos. Usar um ou outro depende das circunstâncias: o comportamento se ajusta ao requisitado. Essa visão transformou as conceituações do gênero ao desafiar a visão de que masculinidade e feminilidade são polos opostos de uma única dimensão. Ademais, questionou o ponto de vista de que os homens devem ser masculinos e as mulheres femininas, uma vez que seriam formas saudáveis e funcionais de se viver (Bernardes et al. 2008).

Partindo da análise intraindividual da relação gênero-dor, por exemplo, foram encontrados dois tipos de investigação. Uma procura identificar a relação entre personalidade, dor e gênero; a outra estuda as expectativas quanto à dor em função do gênero (Bernardes et al. 2008).

No segundo nível de análise - situacional - considera-se o gênero, dependente de fatores contextuais; ao contrário do primeiro nível, que considera características estáveis e duráveis, não as dinâmicas interpessoais. Neste caso, a perspectiva encontrada (Deaux &

Major, 1987, citado por Bernardes et al. 2008) considera a natureza da situação elemento desencadeador do gênero. Assim, o interpessoal é considerado estado dinâmico no qual as identidades de gênero são negociadas em certa medida, dependendo do contexto (Bernardes et al. 2008).

As pesquisas entre gênero e dor que partem desse nível de análise, portanto, enfocaram as relações interpessoais e seu contexto. Por exemplo, quando se investigam preconceitos relacionados ao sexo sobre as decisões médicas, tais diferenças podem em parte dever-se a preconceitos do observador que percebe as condições dolorosas entre homens e mulheres. Uma das pesquisas encontradas (Robinson & Wise, 2003, 2004, citado por Bernardes et al. 2008) foi um estudo experimental em que foram apresentados aos participantes imagens de vídeo de homens e mulheres com dor. Pediu-se aos observadores, após a visualização do vídeo, que o comentassem. Os observadores tenderam a avaliar os homens com dor menos intensa do que as mulheres, além de subestimarem a dor nos homens (Robinson & Wise, 2003, 2004, citado por Bernardes et al. 2008).

O terceiro nível de análise - posicional - foi ao encontro das teorias de gênero que focam o *status* social dos indivíduos e seus relacionamentos. Considera-se a posição social dos indivíduos e se ela é dominante ou não na Sociedade. O estudo que se encontra nesse campo de análise é a pesquisa de Lorenzi-Cioldi (1988) Bernardes et al. (2008) no contexto da identidade social. Destacou-se a posição que uma pessoa e seu grupo de pertença ocupam na estrutura social como podendo moldar identidades. São propostos dois tipos de grupos sociais. O primeiro tem posição inferior, pouco prestigiosa na hierarquia social. Geralmente percebem-se e são percebidos como mais homogêneos, ao dividirem conjunto de características coletivas que os definem, configurando identidade social coletiva. São menos propensos a perceberem a si mesmo de maneira individual e

autônoma. O segundo é definido como o que possui maior *status* e prestígio. São percebidos e percebem-se mais heterogêneos, como indivíduos autônomos, definidos por características idiossincráticas, embora associados ao grupo. Segundo o autor, aplicando-se essas definições ao gênero, há indícios de que as mulheres respondem como membros do primeiro grupo, e os homens do segundo (Lorenzi-Cioldi, 1988, citado por, Bernardes et al. 2008). O autor sugere que as diferenças de identidades sociais relacionadas ao sexo são, em certa medida, determinadas pela forma como a Sociedade coloca homens e mulheres, como grupos sociais amplos em termos de *status* e valor (Lorenzi-Cioldi, 1988, 1991, as citado por, Bernardes et al. 2008).

Embora o *status* possa ser fator importante para determinar experiências de dor e julgamentos, poucas pesquisas analisaram essas variáveis no contexto das diferenças relacionadas a sexo e dor. Exemplo é o estudo de Weisse *et al.* (2005), citado por, Bernardes et al. (2008) que examinou experimentalmente os efeitos da dor induzida sobre o sexo e a raça. Quando o pesquisador era do sexo feminino, os efeitos de raça foram evidentes; quando era do sexo masculino, não houve efeito. Da mesma forma, os efeitos do sexo sobre a dor evidenciaram-se em pesquisadores negros, enquanto nenhum efeito foi encontrado quando o pesquisador era branco. Os autores sugerem que sexo e raça do pesquisador influenciam apenas em relatos de participantes desfavorecidos ou grupos com história de opressão. Mulheres pareciam mais confortáveis em relatar níveis mais elevados de dor e desconforto com os pesquisadores negros, enquanto os participantes relataram mais desconforto com as pesquisadoras mulheres. Portanto, os autores abordam a temática de maneira posicional: os resultados sugerem isomorfismo de duas variáveis, sexo e raça, como podendo, em certa medida, refletir as assimetrias do *status* social (Weisse *et al.* 2005, as citado por, Bernardes et al. 2008).

O último nível de análise – ideológico – contemplou as pesquisas que entendem as ideologias dominantes como responsáveis pelas hierarquias sociais de poder, dominação e *status*. Nessas pesquisas predominou o domínio dos homens sobre as mulheres na função social e sobre a grande parte dos valores e crenças que o mantém, exemplificado nas pesquisas de Acker, 1992; Amâncio, 1997; Connell, 1987, 1995, 2002; Oeste e Zimmerman, 1987. Assim, esse nível de análise, salienta as assimetrias de poder e *status*, interpretando de uma forma mais ampla, como funcional e/ou estrutural de uma dada sociedade (Bernardes et al. 2008).

Assim, uma das pesquisas desse nível de análise baseou-se em estudo transcultural de autorelato com medidas de crenças, no gênero, dos comportamentos adequados sobre a dor. Os resultados mostraram que estudantes japoneses, europeus, americanos e indianos compartilham crenças de que as expressões evidentes de dor são mais apropriadas em mulheres do que em homens (Nayak *et al.*, 2000, Hobara, 2005, citado por, Bernardes et al. 2008). Esses estudos sugerem menor aceitação, nas culturas patriarcais, de comportamentos de dor nos homens do que nas mulheres (Bernardes et al. 2008).

O trabalho procurou compreender melhor as raízes psicossociais de homens e mulheres em suas experiências com a dor. Assim, a abordagem de Doise ampliou a visão sobre o tema, ao focar 4 tipos de vieses sobre a temática (Bernardes et al. 2008). A presente pesquisa também utilizará essa dinâmica com intuito de compreender os diversos fatores que atuam na conjugalidade.

A perspectiva de Doise, embora pouco utilizada no Brasil (Almeida, 2009), auxilia nas articulações e análises, já que conjuga vários níveis teóricos, tornando o estudo mais completo (Doise, 2002). As divisões em níveis “conduzem a uma melhor descrição de um

processo conceitualizado em um dos níveis, precisando, prioritariamente, as condições de sua atualização, a partir dos outros níveis de análise” (Doise, 2002, p. 28).

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Entender como as representações sociais de conjugalidade influenciam a vida conjugal em casais recém-casados, considerando os quatro níveis de análise propostos por Willem Doise.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as representações sociais sobre a relação conjugal pelo primeiro nível de análise - os processos intraindividuais.
- Identificar as representações sociais sobre a conjugalidade pelo segundo nível de análise - os processos interindividuais e situacionais.
- Identificar as representações sociais sobre a conjugalidade pelo terceiro nível de análise - os processos intergrupais.
- Identificar os metassistemas que colaboram na construção de representações sociais que perpassam a experiência conjugal no nível intraindividual, interindividual, situacional e intergrupai.

4. METODOLOGIA

A presente pesquisa utiliza abordagem qualitativa (Flick, 2009). Pesquisas qualitativas são relevantes devido à crescente transformação social que possibilitou mudanças nas relações humanas e com isso aumentou sua complexidade. Pluralizam-se, então, as esferas da vida, com diversidades de ambientes, subculturas, estilos e formas de se viver. Para dar conta dessas demandas a pesquisa qualitativa configura-se nova possibilidade para o estudo empírico das questões subjetivas (Flick, 2009).

Com esta abordagem, visa-se descobrir os significados sociais e subjetivos relacionados ao objeto (Flick, 2009); no caso, a conjugalidade em recém-casados. A subjetividade é o ponto de partida, tendo em vista, porém, que todo esse processo insere-se em uma produção social, já que esta pesquisa apresenta abordagem psicossocial, que entende o fenômeno em interação recíproca com o ambiente (Lane, 2004).

4.1 PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 10 casais recém-casados e casados no civil - a quantidade escolhida seguiu o critério de saturação para a delimitação da amostra (Gaskell, 2002). Foram considerados recém-casados os casais com até quatro anos de casamento. Foram identificadas pesquisas com recém-casados envolvendo casais com até treze anos de união (Bradbury & Lavner, 2012; Markman, Ragan, Rhoades, Stanley & Whitton, 2010; Karney & Neff, 2005). A opção por até quatro anos de união deve-se a algumas questões. Primeiro, alguns dados de pesquisa apontam esse período como ponto alto de satisfação conjugal (Markman et al. 2010). Em segundo lugar, dados do IBGE (2011) apontam crescimento considerável no índice de divórcio nesse período. Por último, nesse intervalo

os casados estão mais sujeitos a uma variedade de eventos estressantes, que tendem a acompanhar os jovens na transição para o casamento (Karney & Neff, 2005; Carter & McGoldrick, 2001).

Os critérios de inclusão dos participantes na pesquisa foram: eles deviam estar em seu primeiro casamento e sem filhos, considerando-se que filho muda a dinâmica conjugal (Lopes & Menezes, 2007), o que não era o interesse da pesquisa. Ademais, cada parceiro precisava ter morado com os pais antes do casamento. Isso foi considerado por significar a primeira ruptura com a família de origem (Carter & McGoldrick, 2001). Todos os participantes foram acessados por questão de conveniência (Flick, 2009) e deviam morar na região metropolitana da Grande Vitória (ES), devido ao critério de acessibilidade.

Casais de classe média constituíram o grupo investigado nesta pesquisa, pois no Brasil há extensa produção sobre as camadas médias urbanas em que se observam, "rupturas com os valores e as práticas tradicionais (...). A igualdade e o individualismo modernos teriam mais expressão entre estes grupos, favorecendo o florescimento de novas formas de casal e de família, baseadas na autonomia e na auto-realização" (Aboim, 2009, p. 109).

4.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Como procedimento de coleta de dados foi utilizado a entrevista semiestruturada (Apêndice I) (Flick, 2009; Gaskell, 2002) precedida de pesquisa piloto, o que permitiu os ajustes ao roteiro de entrevista, que contemplou os seguintes temas: vida de casado, diferenças entre o período de namoro e casamento, relacionamento dos cônjuges com familiares, atividades com o cônjuge e individuais, divisão das atividades domésticas,

redes sociais, trabalho do cônjuge, comunicação conjugal, relação com os amigos e percepção da relação conjugal.

As entrevistas, com duração de 13 a 51 minutos, foram gravadas com o consentimento dos participantes. Nove casais foram entrevistados em suas próprias residências, em separado. Somente para um casal foi mais conveniente a entrevista no trabalho de cada cônjuge.

4.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Os dados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2006). Essa abordagem visa analisar as comunicações por meio de conjunto de técnicas de análises com procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever o conteúdo das mensagens. Mensagem não isolada que transmite significado e sentido (Bardin, 2006). Ambos vinculados às condições contextuais de seus produtores (Franco, 2003).

Pesquisou-se então o significado pessoal para cada participante dos assuntos abordados (Franco, 2003). Pressupõe-se que por detrás do discurso dos entrevistados há significado, mensagem escondida que pode ser revelada: algo não aparente que, com metodologia adequada, busca-se desvendar.

Para a interpretação da mensagem a Análise de Conteúdo foi dividida em três fases: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados; inferência e interpretação (Bardin, 2006). A pré-análise organiza o material para as etapas futuras (Bardin, 2006). Com o material gravado das entrevistas seguiu-se a transcrição de cada uma, para elaboração de um *corpus* para análise. Seguiu-se a exploração do material (Bardin, 2006). Como a proposta de pesquisa envolve o quadro teórico de Doise (2002), que analisa o

objeto em quatro fases distintas, as etapas a seguir foram realizadas igualmente em cada proposta de análise. Primeiro codificou-se o material - em cada análise - "que corresponde a uma transformação (...) dos dados brutos do texto (...) que permite atingir uma representação do conteúdo (...) suscetível de esclarecer o analista das características do texto (...)" (Bardin, 2006, p. 97). Essa etapa possibilitou a transformação do material em categorias e subcategorias. O propósito da categorização é "fornecer por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos" (Bardin, 2006, p. 112). Em cada etapa proposta por Doise (2002) foi possível criar categorias e subcategorias capazes de reproduzir o significado da experiência individual ou conjugal proposta pela análise societal.

Por último, seguiu-se a interpretação e inferência dos dados. Essa etapa consistiu em averiguar junto às categorias e subcategorias encontradas o que estava ou não compatível com o referencial teórico proposto, assim como também foi possível identificar novos elementos da conjugalidade em recém-casados. A partir dessa etapa final foi possível elaborar quatro capítulos, cada um referente a uma análise, e por último as considerações finais sobre o *corpus* dos dados da pesquisa.

4.4 CUIDADOS ÉTICOS

A pesquisa seguiu os padrões éticos estabelecidos na versão de 2012 da Resolução do Conselho Nacional de Saúde 196/96 (Ministério da Saúde, 2012). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Espírito Santo, representada pelo número 33603314.1.0000.5542. Os participantes foram esclarecidos sobre a pesquisa e a entrevista e ficaram livres para se recusar a participar, com ciência de que a

participação era voluntária, podendo interrompê-la a qualquer momento e receber informações ou esclarecer dúvidas. Além de serem informados sobre o uso restrito dos dados da pesquisa e que a entrevista seguiria os padrões profissionais de sigilo, sem riscos. Os participantes também foram informados de que as entrevistas ficariam guardadas por cinco anos e após esse período seriam incineradas. Foi ressaltado também que não receberiam incentivo financeiro. Tais acordos foram firmados no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndice II).

5. RESULTADOS

Devido à quantidade dos participantes e para melhor compreensão dos resultados os casais e seus respectivos cônjuges, foram assim identificados: casal 1, casal 2 e assim sucessivamente. E esposo 1, esposa 1, esposo 2, esposa 2 até completar os dez participantes. Quando o cônjuge menciona o nome do parceiro na entrevista, o mesmo também é identificado com essa nomenclatura. Essa identificação foi escolhida por facilitar o reconhecimento dos casais, de cada parceiro, suas histórias e os trechos de suas falas. Esse critério de nomeação também garante o sigilo das entrevistas e o anonimato dos casais. As Tabelas 1 e 2 relacionam os dados sociodemográficos de cada casal.

A seguir serão apresentados os resultados da transcrição e análise das entrevistas. Os dados seguem a experiência única de cada participante, bem como a interação com o seu parceiro. Isso permite encontrar extratos de falas de um dos parceiros e extratos de falas do casal, de modo que um confirma a fala do outro sobre determinado assunto. Foi importante também, para determinadas categorias, analisar o casal para melhor entendimento dos dados.

Os resultados foram tratados a partir da abordagem societal da Teoria das Representações Sociais. Os dados foram examinados dentro de cada análise proposta por essa teoria. Portanto, o grande eixo temático analisado foi a administração da conjugalidade e em torno dele estão as categorias e subcategorias encontradas. Segue-se a numeração das categorias. 1. Responsabilidade. 2. Mudança interna afetiva. 3. Liberdade. 4. Vivência do casamento. 5. aprendizado pessoal. 6. Medo do casamento. 7. Atitudes e comportamentos na relação conjugal. 8. Namoro versus casamento. 9. Trocas afetivas nos casais. 10. As barreiras do cotidiano. 11. Maneiras de se resolver um problema. 12. Organização financeira. 13. Divisão das tarefas domésticas. 14. Individualidade na

conjugalidade. 15. Família de origem (relação dos cônjuges com seus familiares). 16. Família estendida (relação do cônjuge com os familiares do parceiro e vice-versa). 17. Trabalho. 18. Amigos. 19. Redes sociais (*WhatsApp*, *Facebook* e jogos virtuais). 20. Conjugalidade e os valores. 21. Planos para o futuro. A análise realizada tabelam-se suas categorias e subcategorias para melhor identificação de seu contexto.

As tabelas com o eixo temático, as categorias e as respectivas subcategorias serão apresentadas no início de cada processo avaliado. O resultado de uma categoria e algumas subcategorias estão com os símbolos ♀ e ♂. O primeiro representa o predomínio de resultados para as esposas e o segundo o predomínio de resultados para os esposos.

Algumas falas aparecem repetidas, pois em um mesmo discurso encontram-se diferentes categorias, o que revela a interligação de vários processos interferindo na conjugalidade e sua rede de significados, tal como confirma o caráter psicossocial da presente pesquisa. Seguem-se os resultados e a discussão.

Tabela 1
Dados sociodemográfico dos casais

	Casal 1		Casal 2		Casal 3		Casal 4		Casal 5	
	Esposo 1	Esposa 1	Esposo 2	Esposa 2	Esposo 3	Esposa 3	Esposo 4	Esposa 4	Esposo 5	Esposa 5
Idade	28 anos	28 anos	29 anos	27 anos	29 anos	24 anos	30 anos	29 anos	33 anos	24 anos
Escolaridade	Superior incompleto – em curso (Ciências Contábeis)	Superior completo (Pedagogia)	Pós-graduação (Engenharia de Segurança do Trabalho)	Superior completo (Psicologia)	Superior incompleto – Trancado	Superior incompleto (Engenharia Civil)	Superior incompleto – em curso (Engenharia Civil)	Pós-graduação (Paisagismo Arquitetura de Interiores)	Superior Completo	Superior Completo
Ocupação	Eletrotécnico	Professora (Educação Infantil)	Empresário	Psicóloga	TI	Estagiária (Engenharia Civil)	Operador de máquina	Professora, servidora pública e autônoma	Operador de Equipamentos	Coordenadora organizacional
Religião	Evangélico	Cristã	Católico	Católica	"Não tenho"	Evangélica	Católico	Católica	Católico	Católica
Tempo de namoro	10 anos e 2 meses		7 anos		1 ano e 6 meses		5 anos		8 anos	
Tempo de noivado	1 ano e 2 meses		1 anos				8 meses			
Tempo de casamento	1 ano e 3 meses		1 ano e 3 meses		2 anos		3 anos		5 meses	
Renda familiar	5 a 7 salários mínimos		Acima de 9 salários mínimos		5 a 7 salários mínimos		7 a 9 salários mínimos		5 a 7 salários mínimos	
Tipo de residência	Casa própria		Financiamento		Aluguel		Financiamento		Financiamento	

Tabela 2
Dados sociodemográfico dos casais

	Casal 6		Casal 7		Casal 8		Casal 9		Casal 10	
	Esposo 6	Esposa 6	Esposo 7	Esposa 7	Esposo 8	Esposa 8	Esposo 9	Esposa 9	Esposo 10	Esposa 10
Idade	25 anos	25 anos	29 anos	31 anos	31 anos	31 anos	32 anos	30 anos	29 anos	28 anos
Escolaridade	Superior incompleto – em curso (Engenharia Civil)	Superior completo (Administração)	Superior completo (Sistema de Informação)	Superior incompleto – em curso (Pedagogia)	Superior completo (Administração)	Superior Completo	MBA (Gerenciamento de Projetos e formação em Análise Bioenergética)	Pós-graduação (Marketing e formação em Lideranças)	MBA (Gerenciamento de Projetos)	Superior completo (Fisioterapia. Cursando Direito)
Ocupação	Técnico em Manutenção	Supervisora Administrativa	Analista de Sistema	Assistente de Educação Infantil	Administrador	Bancária	Gerente de Suprimentos e Psicólogo	Professora, servidora pública e autônoma	Coordenador de Planejamento	Servidora Pública
Religião	Cristão	Evangélica	Católico	Católica	Católico	Católica	Católico	Católica	Católico	Católica
Tempo de namoro	4 anos e 1 mês		6 anos		13 anos		10 anos e 1 mês		4 anos e 7 meses	
Tempo de noivado	7 meses		1 ano e 5 meses				11 meses		1 ano e 5 meses	
Tempo de casamento	3 anos		3 anos		3 anos e 11 meses		3 anos e 9 meses		3 anos	
Renda familiar	5 a 7 salários mínimos		7 a 9 salários mínimos		7 a 9 salários mínimos		Acima de 9 salários mínimos		Acima de 9 salários mínimos	
Tipo de residência	Casa própria		Financiamento		Casa própria		Financiamento		Aluguel	

5.1 PROCESSOS INTRAINDIVIDUAIS - EXPERIÊNCIA PESSOAL COM A CONJUGALIDADE

Com os dados dos processos intraindividuais identificaram-se os elementos de representação social que compõem a experiência individual dos cônjuges com a conjugalidade. Assim, os dados revelam os elementos de representação da experiência particular que a conjugalidade pode oferecer.

Tabela 3
Categorização dos processos intraindividuais

Categorias	Subcategorias
1. Responsabilidade	1.1 Cuidado com a casa 1.2 Contas a pagar
2. Mudança Interna Afetiva ♀	
3. Liberdade	3.1 Fazer coisas que não fazia na casa do pai ♀ 3.2 Sentir-se mais responsável por si ♀
4. Vivência do casamento	4.1 Vivência pessoal positiva 4.2 Vivência pessoal conflituosa
5. Aprendizado pessoal	
6. Medo do casamento ♂	
7. Atitudes e comportamentos na relação conjugal	

♀ Predominante ou exclusivo para as esposas. ♂ Predominante ou exclusivo para os esposos.

1. Responsabilidade

A primeira categoria é denominada responsabilidade. Abrange os discursos sobre novas atribuições na conjugalidade, inexistentes quando os entrevistados eram solteiros.

1.1 Cuidado com a casa

A responsabilidade dessa subcategoria relaciona-se à nova atribuição do casal cuidado com a casa, item que anteriormente não era motivo de preocupação, mas que

agora, vivendo em sua residência, precisam administrar. Tópico relatado por homens e mulheres.

Eu não tinha costume de ser dona de casa (risos), não fazia nada em casa. Depois que eu casei veio aquela responsabilidade, nossa, eu tenho que cuidar da minha casa, cuidar das coisas, né? (Esposa 6).

(...) mudou um pouquinho essa questão das tarefas do lar, as responsabilidades do lar, né? (Esposo 9).

1.2 Contas a pagar

Esta subcategoria envolve a responsabilidade que os cônjuges passam a ter, após o casamento, com a própria manutenção da conjugalidade, que envolve o pagamento das despesas e a realização dos projetos de vida do casal.

Porque a gente sai da casa dos nossos pais a gente não tem responsabilidade com nada, pagar água, pagar luz, pagar telefone, pagar condomínio, pagar apartamento, nada disso, o dinheiro é pra você comprar um sapato, uma roupa e a gente que é mulher necessita disso, né? Mesmo que não esteja precisando. (Esposa 7).

(...) Porque foi a vida toda vivendo com pais e mães, aí de repente tem que mudar completamente, de certa forma começar uma vida nova juntos. Então, é meio complicado de você tentar manter esta estrutura, porque além de você começar esta vida nova, você tem que começar a fazer aquele pezinho de meia, né? Começar a ter sua casa, se você tem a sua casa ou não, começar a montar ela, com isso tem muito trabalho, tem que correr atrás (Esposo 4).

2. Mudanças internas afetivas

A segunda categoria encontrada relaciona-se às mudanças internas afetivas. A vivência da conjugalidade muda os afetos dos parceiros em determinados sentimentos e contextos. Esses afetos podem ser tanto positivos como negativos. Mulheres relataram essa percepção. O casamento parece estabilizar a relação pelo sentimento de segurança quanto ao novo *status*. Pode representar também mudança afetiva com a conjugalidade, em decorrência do novo formato da relação pela maior convivência entre os cônjuges. Além de possibilitar percepção afetiva que a conjugalidade pode trazer, em decorrência da realização de expectativas quanto ao relacionamento.

Agora é... o tempo todo né? É é... dá mais que uma estabilidade... assim... no sentimento, mais segurança (Esposa 1).

Então, esse quase um ano foi muito bom. Tô conhecendo ele mais, cada vez mais o amor vai aumentando pela pessoa que ele é, entendeu?(Esposa 2).

Maravilhoso, maravilhoso, tudo o que eu sempre quis. É, se tem uma parte da minha vida que eu me sinto muito realizada, é na vida amorosa. (...) então eu soube muito bem o que eu quis e sou muito feliz assim, com o parceiro que eu tenho. Me dou super bem, então eu me sinto muito realizada (Esposa 10).

3. Liberdade

Na terceira categoria encontrada estão os dados referentes à liberdade que o casamento proporciona, quando se sai da casa dos pais para assumir a nova vida do casal. Este item foi relatado apenas por mulheres. A liberdade se refere à possibilidade de escolha, na qual se pode decidir de modo autônomo o que fazer, diferentemente de quando

se mora em local onde as regras a serem seguidas são as dos pais. Esta categoria pode representar também a liberdade que o casamento proporciona ao sujeito de gerir a própria vida, conforme suas escolhas.

É meio que uma liberdade, né? Eu não fazia o que eu faço, dentro da minha casa, na casa dos meus pais, foi muito bom. (Esposa 5).

(...) às vezes... assim... na nossa casa, na casa dos nossos pais e tudo. É, é claro que, assim, por mais que a gente ame, por mais que mãe e pai são maravilhosos, né, a gente quer seguir o caminho um pouquinho diferente do deles, né, na forma assim de conduzir tudo. Então eu me sinto muito livre, no casamento me sinto muito eu. (Esposa 9).

4. Vivência do casamento

Os dados a seguir estão na quarta categoria identificada, a vivência do casamento, de modo particular a cada parceiro. Essa percepção da relação pode ser tanto positiva como negativa, dependendo da experiência de cada cônjuge. Todos os casais relataram percepção positiva quanto ao seu casamento, embora o casal 3 demonstrasse em seu discurso relação conflituosa quando entrevistado.

4.1 Vivência pessoal positiva

Esta subcategoria representa a vivência pessoal positiva do casamento percebida pelos cônjuges.

Meu casamento é muito bom sabe, apesar de ter alguns pontos, né, difíceis, mas assim a gente tem um convívio muito bom, sabe? De companheirismo, de amizade de respeito, né, de... de amor, de carinho um pelo outro, é bem bacana (Esposa 7).

Eu defino um relacionamento hoje maduro que continue se desenvolvendo. Mas tem muito amor, muito carinho, muito, muito dengo... eu acho... assim... de... de... de cuidar um do outro, né? E diversão... assim... bom humor, isso é fundamental, pra gente, tem sido (Esposo 10).

4.2 Vivência pessoal conflituosa

Esta subcategoria representa a vivência pessoal conflituosa que os parceiros podem vivenciar em decorrência de seus conflitos.

Assim... diferente dos outros que eu já tive, eu acho que a gente ficando muito junto, eu acho um pouco cansativo pro relacionamento (Esposa 3).

Ah, eu acho que é um relacionamento muito bom, pode melhorar em muitas coisas, principalmente com comunicação. É, eu faço de tudo pra manter, esse relacionamento, apesar dela, às vezes, não se importar muito e, e ligar o foda-se e falar que vai embora e tal, mas... assim... se depender de mim vai dar tudo certo, sempre (Esposo 3).

5. Aprendizado pessoal

Para alguns cônjuges o início do casamento possibilita aprendizagem, que se configura em aprender a lidar com situações corriqueiras. Esse dado foi encontrado na quinta categoria.

Assim... a vida de casado pra mim é complexa, né? Mas aí, é aí o dia a dia que você vai aprendendo, não vem com manual de receitas, não vem com nada (Esposa 4).

(...) cada dia tá aprendendo a lidar com essas coisas, sempre é uma coisa nova a vida de casado. A gente não tem filhos ainda, então é um aprendizado, você tem que ao mesmo tempo tá aprendendo e tentando resolver as coisas pra conseguir manter uma vida, assim... agradável para os dois (Esposo 4).

Porque ele, porque assim, a gente tem que aprender né, a vida a dois, então eu tenho que saber, agradá-lo também, saber acompanhá-lo pra ele também me dá esse retorno. Acho... acho que é isso, pra gente não se desentender (Esposa 9).

6. Medo do casamento

A ideia do casamento pode gerar sentimentos e emoções como o medo, verificado na sexta categoria, que acaba desmitificado após a experiência conjugal. Esse item foi relatado pelo esposo 3, que alega também que a conjugalidade deu um norte aos seus objetivos de vida.

Eu tinha muito medo de casar; assim... achava que não era a coisa que eu queria pra mim, achava que não iria ser legal, acabou que... assim... eu acabei me casando meio que por obrigação, pelo fato dela morar longe e tal, só que eu costumo dizer que foi a melhor coisa que fiz em minha vida (...). E, e é meio que um foco também que dá no seu objetivo de vida, né? (Esposo 3).

7. Atitudes e comportamentos na relação conjugal

Os dados encontrados na sétima categoria são os elementos do discurso, que se referem à personalidade ou temperamento dos participantes, que os mesmos percebem influir na conjugalidade. Note-se que esses comportamentos e atitudes têm como parâmetro a família de origem.

(...) eu vejo assim: a minha mãe, ela é uma pessoa muito esquentada, então eu procuro melhorar muito nessa questão, procuro ter muita paciência, muita sabedoria, peço muito a Deus pra me ajudar (Esposa 1).

(...) o meu pai é muito fechado (...) e aí, eu tenho (...) essa tendência já, pela, pela criação que eu tive, que eu e meu irmão tivemos. Então, eu procuro fazer um pouco diferente né? Eu procuro tá mais em contato com ela (...) conversar mais com ela, procurar sair mais com ela, justamente pra agradar, porque se deixar eu me acomodo mesmo, e não quero fazer nada não (risos) (Esposo 2).

Eu acho que minha mãe comanda, eu também acho que eu comando. Eu acho que é um comportamento ruim, eu queria ser diferente mas não sou, sou meio explosiva igual a ela também (Esposa 3).

5.2 PROCESSO INTERINDIVIDUAL E SITUACIONAL - A CONVIVÊNCIA CONJUGAL

Com os dados do processo interindividual e situacional o foco está nos elementos de representação social envolvendo a interação dos cônjuges, contribuindo para vivências a dois. São encontrados, portanto, assuntos referentes à organização do relacionamento, do namoro ao casamento, e os recursos para manter a qualidade e satisfação da relação.

Tabela 4
Categorização dos processos interindividual e situacional

Categorias	Subcategorias
8. Namoro versus casamento	8.1 Estágio anterior ♀
	8.2 O casamento, uma extensão do namoro ♂
	8.3 O dia a dia juntos
	8.4 O desconhecido do parceiro que se revela com a conjugalidade
	8.5 Hábitos que desaparecem ou se mantêm com a conjugalidade
9. Trocas afetivas nos casais	
10. As barreiras do cotidiano	10.1 Diferença de opinião e ciúme
	10.2 Adaptação à organização da casa
	10.3 Despesas financeiras
	10.4 Conflitos irrisórios
11. As maneiras de se resolver os problemas	11.1 Dar um tempo ♂
	11.2 Diálogo
12. Organização financeira	12.1 Com planejamento financeiro
	12.2 Sem planejamento financeiro
	12.3 Contas divididas entre os cônjuges
	12.4 Dinheiro para pagar contas e dinheiro para interesse pessoal
13. Divisão das tarefas domésticas	13.1 Os casais tradicionais
	13.2 Os casais em transição
	13.3 Os casais igualitários
14. Individualidade na conjugalidade	14.1 Atividades sem o cônjuge
	14.2 Dificuldade em exercer a individualidade
	14.3 Abrir mão da individualidade em prol do outro

♀ Predominante ou exclusivo para as esposas. ♂ Predominante ou exclusivo para os esposos.

8. Namoro versus casamento

Nesta categoria são apresentadas as experiências do namoro e do casamento como duas fases distintas e complementares, já que representam momentos diferentes da vida dos casais, porém interligadas de alguma forma, como veremos adiante.

8.1 Estágio anterior

A subcategoria estágio anterior refere-se ao namoro como etapa que, ao anteceder o casamento, representa para os casais período de organização e adaptação de hábitos que tende a facilitar a conjugalidade posteriormente. Esse item foi relatado por mulheres.

Eu tinha a impressão que ele era muito rotineiro; eu, já não sou rotineira entendeu? Então, a gente durante o namoro... a gente já vinha discutindo assim: Pôxa eu gosto de fazer uma coisa diferente não somente no final de semana, mas ir num cinema durante a semana. Então a gente vinha, e eu vinha percebendo uma mudança de rotina da parte dele. Então, isso durante o namoro eu vinha percebendo também. Agora com o casamento a gente quase não briga por conta disso. Porque ele já sabe como eu sou, eu sei como ele é, então a gente vai ponderando né? Não é sempre do meu jeito, mas também não é sempre do jeito dele (Esposa 2).

(...) no início do namoro interferia muito porque, como eu te falei, eu era muito nova, e eu era muito ciumenta, muito. Não tinha nada pra fazer, nada pra ocupar a cabeça, ficava com ciúme, interferia muito, era até orkut na época, agora nem é mais (risos). (...). Ai, a gente viu que não era bem assim, que a gente acabava privando de, privacidade né? Logo quando lançou o Facebook a gente dividiu de novo, ele tem a senha dele no Facebook e eu tenho a minha, a gente não invade a privacidade um do outro (Esposa 5).

8.2 O casamento, uma extensão do namoro

Para alguns cônjuges, casamento é extensão do namoro, pois após a conjugalidade perceberam poucas mudanças.

(...) flui normalmente a nossa vida de casado, não teve muita diferença do que era antes de quando a gente namorava, não (Esposa 2).

Então... assim... a mudança, não tem muito, uma mudança muito drástica não, igual tem gente que vive saindo, passeando em barzinho, e eu nunca fui muito de ficar em barzinho, sair. Tinha a minha vida de solteiro, mas não... não. Então, não... não estranhei muito, né? Porque a gente costuma sair ainda, mas com pessoas casadas, que a gente já conhecia que era casado. Então a mudança não tem, não tem tanto efeito, tanta mudança na minha vida. Então, bem... bem normal pra mim (...) o restante a gente continua na... é muito parecido na época de namoro, não tem tanta mudança assim, não (Esposo 8).

Bom... super-legal, a gente não perdeu a essência do namoro, a gente sempre toma vinho junto, cozinha, faz programas de solteiro ainda, a gente sai bastante (Esposo 9).

8.3 O dia a dia juntos

Os casais relatam a convivência diária como novidade da conjugalidade que não existia no namoro e que aproxima o casal.

(...) mais contato né? Porque a gente, apesar de morar... éé... éé... próximo, no início do namoro, logo depois eu mudei, não pra longe, mas não era no mesmo prédio. Então, a gente não tinha tanto contato. Então, o contato em si aumentou muito, né? Sem dúvida (Esposo 2).

Outras coisas mudaram, pra... pra melhor, que a gente se vê todo dia, não necessariamente no namoro a gente se via todos os dias. Agora, a gente se vê todos os

dias. Então, o que mudou é que a gente tá mais junto, a gente realmente fica mais próximo (Esposa 10).

8.4 O desconhecido do parceiro que se revela com a conjugalidade

A convivência com o parceiro possibilita aos casais conhecer no outro características até então desconhecidas na época do namoro.

(...)ele é muito cabeça fechada pra algumas coisas, sabe, que eu não tinha percebido, mas não tinha como perceber antes porque a gente não se via todo dia. Mas, isso não é motivo de briga, não, eu até rio da cara dele; igual, a gente riu um com o outro e tal (Esposa 2).

Eu achava que a gente tinha muita coisa parecida, mas tem... temos sim algumas coisas, mas bastante coisa também que a gente tem que se acostumar um com o outro ainda (Esposo 5).

Todo mundo fala que eu não era bem organizada né, que eu era desorganizada e... e... ele sabia disso, mas ele nunca viveu isso na prática, nunca viveu no dia a dia, porque tinha minha mãe pra me ajudar, fazer tudo pra mim e tal. E... a convivência, né, aponta esses erros, essas falhas de cada um (Esposa 9).

8.5 Hábitos que desaparecem ou se mantêm com a conjugalidade

Alguns hábitos do cônjuge podem sumir após o casamento ou permanecerem, como relata a esposa 7.

(...)Igual... assim... acordar no sábado de manhã, custa você fazer a barba? Não custa, mas não vai, entendeu? Já é coisinhas assim, porque antes não, quando namorava sábado de manhã ia lá pra casa todo bonitinho, barba feita, cheiroso, muda completamente, entendeu? Já não tem mais aquela coisa de se arrumar. Eu não... eu não perdi isso, entendeu? Ele não, ele já perdeu. Não tem mais essa coisa de ficar se arrumando, de ficar cheiroso, isso e aquilo (Esposa 7).

9. Trocas afetivas nos casais

Esta nona categoria engloba os comportamentos afetivos de casal e como o sentimento amoroso pode mudar com a conjugalidade. Esta categoria mostra os dados que evidenciam a forma pela qual os casais buscam interagir entre si, na qual o afeto positivo está presente. Ressalte-se que, dependendo do momento que o casal vivencia, por exemplo atravessando conflitos, esse tipo de interação afetiva não aparece no discurso, como é o caso do casal 3. Os dados também revelam como o afeto se faz presente na conjugalidade como item essencial a seu desenvolvimento, daí a conjugalidade caracterizar-se por trocas nos casais de determinados afetos e comportamentos.

Acho que o respeito, o... o respeito e o carinho. O carinho... a gente é muito carinhoso, tá sempre abraçando, tomando conta um do outro, em questão de respeito... num sentido de... de... de tratar mesmo, de... de ver o tratamento, que tem a ver com o carinho né, essa forma de cuidar; então é isso aí: mais o carinho, mesmo. (Esposo 2)

(...) porque o que... que une mesmo o casamento é o amor, né? O respeito, o carinho, a atenção (Esposa 4).

A... enfim, aquela... a questão... assim... no início do namoro a gente fica muito apegado, né, muito junto... aquele... né, mimi todo, então aos poucos vai se livrando, vai diminuindo um pouco isso, vai crescendo, amadurecendo. Então isso é uma coisa que muda, né, de acordo com o tempo. Não só no namoro, mas no casamento também, né? (...) (Esposo 7).

Ah, cumplicidade mesmo. Nós somos cúmplices um do outro em tudo, a gente realmente se ama. Falar do Esposo 9... assim... é... até me emociona, sabe? Porque realmente é um parceiraço, é um amigo, é meu amor (...) (Esposa 9).

(...) a gente tem muito mais, acho que sintonia, também por conta do passar do tempo, mas pela convivência, por tá dormindo junto, por tá dividindo o mesmo teto, os problemas, e as alegrias, e os planejamentos da vida, eu acho que a gente... a gente tem mais sintonia. A gente tem mais... assim... de olhar pro outro, e entender o que que a pessoa tá passando, saber que... que a pessoa tá chateada, olhando assim. Já começa a ter essa... essa... como é que eu posso falar? Essa comunhão de... de... de... sentimentos, etc. (Esposo 10).

10. As barreiras do cotidiano

Esta décima categoria traz algumas das barreiras encontradas pelos casais na vivência da conjugalidade. Os conflitos, os desentendimentos ou desacordos são comuns na vida dos casais, porém a frequência e a intensidade variam conforme a interação de cada casal. Portanto, nos discursos alguns itens soaram mais fortes, mas nem sempre percebidos da mesma forma pelos parceiros.

10.1 Diferença de opinião e ciúme

Esta subcategoria demonstra como a diferença de opinião entre os casais pode trazer conflito para a relação. Ressalte-se que o fato é percebido pela esposa, seu companheiro apresenta percepção diferente do relacionamento. Outro item é o ciúme, que também gera conflito entre os dois.

A gente briga muito, eu acho um pouco difícil. A gente discorda com tudo, quase tudo. Praticamente com tudo, a gente não concorda com nada em si. A gente chega a um consenso, porque uma hora tem que chegar a um consenso, mas... assim... opiniões completamente diferentes relacionadas a tudo, começando por gosto musical a comida, tudo. Nossos gostos são muitos diferentes (Esposa 3).

A percepção do parceiro.

Ah eu acho que é um relacionamento muito bom, pode melhorar em muitas coisas, principalmente com comunicação. É, eu faço de tudo pra manter, esse relacionamento, apesar dela, às vezes, não se importar muito e... e ligar o foda-se e falar que vai embora e tal, mas... assim... se depender de mim vai dar tudo certo, sempre (Esposo 3).

O ciúme.

(...) acho que em questão de ciúmes, eu acho que desconfiança, que não deveria existir depois de casado, porque se você escolheu aquela pessoa pra tá junto, a pessoa não precisa desconfiar de você, mas sempre acontece (Esposa 3).

10.2 Adaptação à organização da casa

Esta subcategoria representa a dificuldade que os afazeres da casa podem representar. Não é algo percebido como conflitante, entretanto tem sido para alguns casais dificuldade a ser superada e que às vezes pode trazer desentendimento.

Ó, no início foi complicado porque eu, antes de casar, eu trabalhava o dia inteiro, de 8 às 18, depois eu ia pra faculdade. E ficava em casa apenas com a minha mãe e com meu pai, apenas no final de semana. E logo quando a gente veio pra cá, minha rotina... eu não fazia mais faculdade, tinha terminado, então fiquei. Eu trabalhava de 8 às 18, vinha pra casa, aí tinha que fazer janta, não sabia fazer (risos), tinha que lavar roupa, não sabia. Então tive que aprender na marra. Aí a gente divide meio que as tarefas, mas tá sendo ótimo (Esposa 5).

(...) não tem discussão... assim... às vezes quando tem, mas por causa disso mesmo, de serviço, ela pede pra fazer, eu acabo retrucando a princípio... assim... mas depois acabo cedendo, né? Só isso (Esposo 5).

(...) talvez as tarefas domésticas, mas é recíproco... assim... eu não querer fazer e ela também não querer. Mas a gente faz porque tá empurrado. (...) A gente faz porque é obrigado, a casa é nossa e a gente tem que fazer (Esposo 10).

(...) às vezes cozinhar, atividades domésticas, né? Essas coisas eu não gosto, não (risos). Então, o que eu tenho que fazer mesmo, me sinto na obrigação, porque a gente criou essa obrigação; é assim: se um vai fazer alguma coisa na casa, o outro tem que ajudar, nem que seja, de outra forma (Esposa 10).

10.3 Despesas financeiras

Esta subcategoria representa as despesas conjugais, que dentro do orçamento do casal pode gerar conflitos quando há dificuldade para cumprir os pagamentos. Este item traz estresse e preocupação, como é o caso do casal 7.

(...) a gente rala muito pra pagar esse apartamento, acho que, acho que o que mais traz conflito, mais causa conflito entre a gente, é a dívida desse apartamento, né? A

disponibilização do dinheiro pra pagar esse apartamento, porque não... não ficou barato pra gente né? Então isso, às vezes, causa um pouco de... éé... de... de brigas né? Ou ficar tão, tão caro, apertar nosso orçamento financeiro... então... assim... isso gera um pouco de dificuldade nesses dois anos que a gente tá junto. Esse apartamento é... assim... tem hora que dá vontade de... de... ah, vão vender esse aqui, vão comprar um mais barato porque tá difícil de pagar, mais. Fora isso não tem outra coisa né, que, que abale; é mais essa questão financeira mesmo, porque isso aqui ficou muito pesado pra gente (Esposa 7).

Porque como eu falei a gente tá pagando apartamento, então sempre a gente tá ali, né, com a corda no pescoço, bem apertado, a gente tem que fazer, rebolar daqui, dali, pra lidar com as coisas. (...) a gente tá evitando atropelar, pra gente não ficar em dificuldade financeira, que hoje em dia é um dos grandes problemas do relacionamento, questão de dívida, o estresse, enfim... então a gente tenta sempre manter o pé no chão, ir com calma pra não correr nenhum risco no futuro. Então, é mais questão financeira mesmo, a gente tem medo de sempre não conseguir tá pagando o nosso apartamento, a gente tem medo da gente não conseguir... ah, sei lá, amanhã ou depois tá sem emprego... não conseguir colocar as coisas dentro de casa, de manter a nossa vida, de evoluir né? Na verdade a gente não quer manter, a gente quer sempre evoluir, então essa é o nosso maior medo hoje em dia, é a questão financeira mesmo (Esposo 7).

10.4 Conflitos irrisórios

Nesta subcategoria os casais discorreram pouco sobre conflitos; quando relatam, não entram em detalhes, acham-nos irrisórios pela raridade.

(...) porque a gente, se a gente teve três brigas foram muito, foi muita briga, né? Quase não foram (Esposa 2).

Tenho, tenho os meus desentendimentos com a Esposa 10; ela comigo, raramente. Porque a gente mora no mesmo teto e... a gente não concorda em gênero, número e grau em tudo, mas a gente, com diálogo, com sabedoria, a gente costuma resolver as coisas muito rápido (Esposo 10).

11. Maneiras de se resolver os problemas

Foram verificados na décima primeira categoria dados envolvendo estratégias dos casais para resolver algum conflito.

11.1 Dar um tempo

Esta subcategoria contempla a estratégia de esperar o parceiro se acalmar para abordá-lo, diante de alguma situação. Esta estratégia foi relatada por homens.

(...) ela chega às vezes contando o que aconteceu no serviço e tal, aí eu já até sei, dependendo da cara dela, eu já até sei como foi o dia dela, aí eu procuro ficar quieto, não falar não, deixo rolar, ela tomar um banho, ficar tranquila pra depois perguntar as coisas a ela. Deixar ela baixar aquela... aquele desconforto dela, que ela teve no serviço (Esposo 5).

Do mesmo jeito que tem dia que ela chega estressada eu também chego, então cada um vai pro cantinho, sabe quando tá estressado, cada um espera passar aquele momento ali, depois volta (Esposo 1).

11.2 Diálogo

Esta subcategoria envolve o diálogo como uma das estratégias mais utilizadas pelos casais para resolver inúmeras situações.

(...) nós procuramos sempre conversar bastante; se tivermos algum atrito, não dormimos sem conversar um com o outro e sempre resolvemos tudo antes de dormir. Assim, nunca deixamos pra depois (Esposa 1).

(...) Acho que os dois têm que tá feliz, a gente sempre conversa entendeu? Pra tentar chegar a essa conclusão entendeu? E a definição que eu tenho é que a gente tá buscando sempre melhorar, sempre conversando, que eu acho que é o básico de tudo que eu acho que é a comunicação; sem a comunicação você não consegue saber o que a pessoa tá sentindo, o que tá errado (...) (Esposo 6).

12. Organização financeira

Esta décima segunda categoria representa a forma como os cônjuges têm administrado a renda do casal.

12.1 Com planejamento financeiro

Esta subcategoria mostra que alguns cônjuges buscam organizar suas finanças com planilhas, para acompanhar os ganhos financeiros e as despesas do casal e se organizarem para alcançar determinadas metas.

Ela faz os controles de planilha, por conta dos recebimentos dela que é um monte de... de... varia muito, né? Então fica por conta dela, que eu não dou conta de fazer a parte dela lá. Então, como a minha parte é mais fácil, ela planilha tudo, que a minha parte só inclui um valor. Mas não tem separação em dinheiro não, é tudo, tudo junto (Esposo 2).

Então é daquela forma, planilha de custos. Éé... a gente divide, a gente... éé... faz a... a perspectiva de quando a gente vai gastar, previsão e tudo, uma estimativa e tudo, deixa uma reserva, a gente faz sempre uma poupança. É... é tudo muito equilibrado. A gente já passou por um período de vermelho, logo no início... assim... do casamento e aí, logo depois isso passou. A gente tomou uma decisão: não, a gente não pode deixar isso acontecer, e aí a gente foi aperfeiçoando isso, aperfeiçoando nisso (Esposa 10).

12.2 Sem planejamento financeiro

Esta subcategoria mostra a dificuldade de alguns casais de administrar as finanças, com base em planejamento e organização financeira.

(...) eu acho que é uma renda boa, mas às vezes a gente administra mal, tipo assim, a gente consegue viajar, a gente consegue sair sempre, porém a gente... éé... a gente quase sempre tá endividado, ainda gasta mais do que ganha ainda, ainda consegue gastar mais do que ganha, às vezes a gente perde o controle um pouco por querer fazer tudo. E gasta mais às vezes um pouco, mas aí depois a gente recupera e não deixa ficar muito feio não, quando passa um pouquinho a gente já dá uma travada (Esposo 6).

Ai (risos e suspiro), a menina, isso daí é uma coisa assim que vive desregularizada, porque a gente gasta mais do que ganha, muitas vezes, porque cada um tem o seu, sua conta no banco, seu dinheiro e tal. Cada um tem suas responsabilidades, a gente dividiu, das contas, quem paga o que, mas... éé... éé... sei lá, uns meses lá que desanda, desanda mesmo, mês que a gente mais sai ou que a gente viaja, ou porque a gente comprou alguma coisa pra casa. Aí, a gente vai tranquilo, mesmo com ela meio desandada, mas aí quando dá uma apertada, não tem jeito. A gente para pra conversar (...) (Esposa 9).

12.3 Contas divididas entre os cônjuges

Esta categoria envolve a forma como os casais organizam o pagamento de suas contas. Todos os casais dividem as despesas.

Aí é assim, ele paga boa parte das compras, eu pago, por exemplo (...) eu ajudo, eu pago água e a luz e o carro, metade do carro, sou eu que pago, metade da prestação do carro, porque ele capotou com o carro dele no ano retrasado então a gente ficou só com o meu (...), então eu acho que é isso, ele é a comida e o aluguel (Esposa 3).

Como eu te falei, a gente divide algumas coisas, éé... determinadas contas: ah, pagar o carro e o apartamento é com ela, pagar empregada não sei o que lá, não sei o quê, conta de luz, água, energia, condomínio é comigo. A gente tem alguns projetos em comum: ah vamos trocar de carro, vamos fazer isso, vamos fazer uma viagem no final do ano, né?(Esposo 9).

12.4 Dinheiro para pagar contas e dinheiro para interesse pessoal

As despesas do casal em conjunto também requerem limite, de modo a sobrar determinado valor para que cada cônjuge supra seu interesse. Este dado é encontrado nesta subcategoria.

É bem repartido pra te falar a verdade... éé... a gente tenta sempre... assim... ter; por exemplo: eu pago conta, ela paga conta, mas sempre tentando deixar, é que sobre pelo menos (risos) um pouco, até bastante coisa do salário um do outro pra ter as individualidades de cada um. (Esposo 1).

Com as finanças da casa, por causa dessa questão da divisão... éé... acho que tá tranquilo assim, eu trabalho muito pra exatamente não depender dele financeiramente pra comprar minhas coisas (...) as contas pelo menos tá tranquilo, cada um paga a sua e o que... o gasto supérfluo aí cada um com o seu dinheiro, entendeu? Então isso não atrapalha, não (Esposa 4).

13. Divisão das tarefas domésticas

Na décima terceira categoria são analisados os casais em relação às atividades domésticas. Foram classificados em: tradicional, em transição e igualitários.

13.1 Os casais tradicionais

Nesta subcategoria são apresentados casais com divisão hierárquica de papéis entre homens e mulheres.

Dentro de casa eu procuro... assim... não encher muito o Esposo 1 essas coisas assim, porque eu acho... eu tenho esse pensamento... assim... que... não sei, o homem trabalha

muito, eu acho que cansa muito, então... assim... eu faço os meus afazeres de casa pela parte da manhã. De noite... assim... eu deixo... assim... uma louça pra ele lavar depois do jantar, estende uma roupa pra mim, pronto e acabou. Assim me ajuda. (...) No final de semana, se eu der uma (...) geral (...), ele me ajuda em alguma coisa; nada... nada demais. (...) Coisas que (...) antes a gente tinha uma mãe pra fazer né, uns luxos que antes tinham a mamãe pra ter pra fazer pra gente. Agora chegar do serviço, tem que cuidar do marido, cuidar da casa, né, nos cansar mais (Esposa 1).

Não, não a gente praticamente... lógico que arrumar a casa fica mais por conta dela, mas em relação a fazer compras, pagar contas, a gente faz as compras juntos, normalmente quando vai pagar as contas a gente divide, cada um paga um pouco. Acho que é isso (Esposo 1).

13.2 Os casais em transição

Nesta subcategoria os casais referidos como em transição compartilham as atividades da casa, porém com exceções. Ou a mulher se sente a responsável pelos cuidados com a casa, ou o homem pensa ser obrigação dela. A esposa pode não cumprir com algumas responsabilidades, diminuir a participação do esposo ou se surpreender com o comportamento do parceiro. Note-se que os homens preocupam-se em "ajudar" para que a relação dê certo e para não sobrecarregar a esposa.

Ah, porque agora a gente, como fala, lá no casamento, a gente é um só agora, então a gente tem que dividir as tarefas, tem que ajudar um ao outro, se não o casamento não dá certo. Se não vai ter briga, essas coisas, aí acaba atrapalhando (Esposo5).

Eu não tinha costume de ser dona de casa (risos), não fazia nada em casa, depois que eu casei veio aquela responsabilidade, nossa, eu tenho que cuidar da minha casa, cuidar das coisas, né? (...) as coisas de casa, a gente divide as tarefas, eu não sou boa com casa (risos), agora a gente tá pagando a faxineira pra vir né? Porque... era uma... uma briga, porque eu sou muito bagunceira e ele é muito organizado (risos); é o contrário normalmente: as mulheres reclamam do homem; aqui é o contrário, eu que sou a bagunceira. Eu sou superbagunceira e tal e ele é muito organizado. Aí de vez em quando dá um arranca rabo aí, ele briga comigo, porque eu sou bagunceira (risos) (Esposa 6).

Em casa? Não tem definido: tá, você lava a louça, você faz isso, você faz aquilo, o que a gente vê que tá precisando fazer, a gente é muito proativo, cada um pega, faz. A única coisa que só ela faz é passar roupa, que aí eu não gosto, eu não sei, não faço não. (...) Pra ajudar, porque se não, não aguenta, ela trabalha também a semana toda, eu da mesma forma, então é pra ajudar mesmo, pra deixar o relacionamento bacana, porque se deixar por conta dela, vai desandar, vai ficar nervosa, né, não tem como (Esposo 2).

Mas ele é mais bem organizado do que eu, às vezes ele pega as minhas coisas pra fazer porque eu esqueço, relaxei (Esposa 9).

Assim, a casa é um dilema, né, a gente tem uma pessoa que ajuda a gente aqui uma vez por semana, que passa roupa e dá um jeitinho na casa. No final de semana a gente tá meio que por aqui, então ele é meio preguiçoso. Ele ajuda, mas assim: você tem que determinar o que ele vai fazer, e é o dia inteiro aquilo lá, passa o dia inteiro pra fazer. Três copos ele gasta uma hora, duas horas, mas faz, eu não brigo. Às vezes ele vai arruma a cama, é de qualquer jeito, também não falo nada, não brigo, eu deixo, depois eu venho e conserto. Porque eu tenho medo de brigar e ele parar de fazer. Então, eu

deixo ele fazer do jeito dele, tudo que eu peço ele faz, não tenho problema com ele com isso não, ele faz tudo certinho. Ele é bem presente assim pra ajudar nas coisas de casa, faz comida, como ninguém, né, adora fazer uma comidinha. A gente leva comida pro serviço, então ele que prepara essa nossa comidinha à noite, quando ele chega é ele que faz (Esposa 7).

E... assim... eu não esperava que ele fosse me ajudar; igual, ele me ajuda, ele me ajuda muito, tudo; assim... por mais que tem aquele negócio, a mulher que faz, a mulher que faz isso. Ele me ajuda na limpeza, ele me ajuda fazendo as coisas na cozinha, ele sempre me ajuda muito (Esposa 8).

13.3 Os casais igualitários

Esta subcategoria inclui os casais igualitários, aqueles com divisão igualitária das obrigações entre os parceiros, sem discordância nos discursos, nem na percepção dos casais quanto à realização das atividades, e nenhum dos parceiros se sente o único responsável pelas atividades com o lar.

(...) arrumar a casa sempre, um exemplo, nosso cachorrinho suja a cozinha toda, então a gente, se tá os dois juntos, se um lavou ontem deixa pro outro então. A gente não tenta sobrecarregar um, então não somos aquela pessoa do casal, deixa que eu faço tudo entendeu, então a gente sempre tenta mesclar isso pra não deixar um sobrecarregado. A gente tenta dividir pra justamente... assim... éé... casado somos dois porém um ajudando o outro, da mesma forma (Esposo 4).

Então, uma regrinha que a gente fez, foi assim, por exemplo: se um cozinha, o outro lava. Algumas vezes a gente abre exceção porque os dois querem cozinhar ali e tudo.

Geralmente é essa, se um cozinha, o outro lava. Agora o restante a gente faz tudo junto assim, normalmente eu cuidava só das minhas roupas, por exemplo. Por exemplo, eu não passo as roupas dele, então ele passa as roupas dele, e eu passo as minhas. Então cada um cuida um pouquinho do seu e da casa a gente cuida junto, no geral (Esposa 10).

14. Individualidade na conjugalidade

Na décima quarta categoria são apresentados os dados sobre a forma como têm experimentado a individualidade na vida conjugal.

14.1 Atividades sem o cônjuge

Nesta subcategoria os dados evidenciam que um dos membros do casal, quando sem companhia do parceiro, realizam atividades físicas ou saídas com pessoas de seu núcleo mais próximo, a exemplo da família, trabalho e amigos.

Além de atividades esportivas né, eu prefiro correr sozinho do que com ela, mas eu faço happy-hour com meus amigos de trabalho, saio, tranquilo. Sem noia, assim... sem problema. Até porque, também não abuso, happy-hour, saio do trabalho vou tomar uma cervejinha, não é aquela coisa que eu vou esticar até 22, 23 horas da noite. A gente se respeita; ela, por ser publicitária, tem muitos eventos do trabalho dela, sai bastante também, sem crise (Esposo 9).

(...) realizo mas pouquíssimas, ih,ih ,ih, eu gosto muito da presença dele, entendeu? O que que eu faço? Minha academia, faço sozinha, né? Ah, alguma coisa assim que talvez ele não esteja a fim de fazer. Igual: eu gosto de ir no sábado à tarde na casa da minha

mãe, tricotar com as minhas tias, ele não tem paciência de ficar perto da gente. Então ele diz: vai que eu vou ficar aqui em casa dormindo (Esposa 9).

(...) às vezes eu saio com algum amigo, mas é muito pouco, né? Mas saio. A gente não tem isso não, quando quer fazer alguma coisa separado, sozinho, faz, numa boa, não dá confusão. Mas é... como eu trabalho o dia todo, saio de casa sete horas e só chego às seis e ela tem vez que chega... chega sete ou oito horas da noite, então o que a gente faz é praticamente tudo junto. Então quando a gente quer sair separado, se quiser sair com um amigo, alguma coisa, então não tem encrenca de um ficar emburrado com o outro não (Esposo2).

14.2 Dificuldade em exercer a individualidade

Nesta subcategoria encontra-se o dado referente à dificuldade de alguns cônjuges em exercer sua individualidade devido à não aceitação do parceiro.

Só ir para aula mesmo, me divirto muito com os meninos na aula e... assim... que a maioria hoje em dia ele conhece, né, mas (risos) é isso, só isso mesmo. Acredito que eu não faça programas, assim, sem ele. Ele não gosta que eu saia sem ele... assim... eu geralmente não me importo dele sair sem mim, geralmente eu falo: vai amor, pode ir. Ele não, geralmente ele não gosta, ele tudo quer fazer junto, então acho que é [difícil] (Esposa 3).

Jogar bola às vezes, quando ela tá de bom humor, né, deixa ir, né? (risos). (...) ah, ela acha que aquele momento... igual hoje: eu tinha marcado pra ir surfar com um colega meu, né? Ela: ah, mas é feriado, então tem que ficar comigo, não sei o quê. Aí tive que

desmarcar (risos)? Entendeu? Aí porque tem que ceder, né, porque se não... Às vezes dá pra ceder, às vezes não (Esposo 5).

14.3 Abrir mão da individualidade em prol do outro

Nesta subcategoria evidenciam-se os dados referentes às concessões mútuas. Ou seja, quando deixam de fazer algo ou fazem algo que não é do seu interesse para agradar o(a) parceiro (a).

(...) acho que tem horas, né? Tem horas que você não tá tão querendo sair, tem hora que você... não queria ir na casa da sua sogra, por exemplo, mas tem que ir, não é grandes coisas não. (...) querendo ou não, é... é um... uma prática boa pra ela, ela tem que tá junto da mãe dela, de vez em quando a gente tem que sair pra resolver um problema: mesmo cansado ou não querendo a gente tem que ir. Então, querendo ou não... assim... pelo... ou por necessidade, ou abrindo mão do seu querer assim na hora, pra fazer o bem pra ela você acaba fazendo. (Esposo 1)

Assistir futebol, eu odeio, e eu tenho que assistir toda quarta-feira à noite, eu sou obrigada a assistir futebol (risos). Porque quando a gente casa, eu acho, eu já até falei isso às vezes, mas a gente tem... éé... pra viver bem a dois a gente tem que renunciar algumas coisas, abrir mão de algumas, né, pra gente se dá bem. Então, eu abro mão de algumas coisas. Ah, também tem: às vezes eu quero ficar em casa sozinha, assim, e ele tá aqui, por exemplo, né? Não tem como, a gente tem que se adaptar, entendeu? Sei lá, vou ver um filme no notebook, às vezes quando eu quero ficar mais tranquila; então, eu acho que a gente tem que... casamento é isso: renúncia, a gente tem que renunciar algumas coisas pra viver bem e também porque é uma coisa que deixa ele feliz; então

se eu amo ele, quero vê-lo feliz, né? Então, se isso deixa ele feliz, né, vão fazer então (risos) (Esposa 6).

5.3 PROCESSO GRUPAL - OS GRUPOS E A CONJUGALIDADE

Os dados da análise do processo grupal referem-se aos elementos de representação social que influenciam o posicionamento conjugal em relação aos grupos que se relacionam e sua influência nos dois outros níveis de análise. Assim, apresentam-se os dados da forma como os casais interagem com os grupos e vice-versa, influenciando a vida pessoal e a dois.

Tabela 5
Categorização dos processos intergrupais

Categorias	Subcategorias
15. Família de origem (relação do cônjuge com os seus familiares)	15.1 A influência dos pais no relacionamento conjugal
	15.2 Características do parceiro semelhante ao pai ♀
	15.3 Proximidade com a família de origem
	15.4 Separação natural da família de origem
16. A família estendida (relação do cônjuge com os familiares do parceiro e vice-versa)	16.1 Relação boa
	16.2 Ciúmes da relação dos pais com o parceiro ♀
	16.3 Imparcialidade dos sogros na vida do casal
	16.4 Mudança da família com o filho
17. O trabalho	17.1 Relação boa do parceiro com o trabalho do cônjuge
	17.2 Excesso de trabalho ♀
	17.3 Trazer problemas do trabalho para casa
	17.4 O tipo de trabalho do parceiro ♂
18. Os amigos	18.1 Amigos do parceiro viram amigos do casal
	18.2 Proximidade com os amigos do parceiro
	18.3 Pouca vivência com amigos individuais
	18.4 Dificuldade na relação com os amigos da parceira ♂
	18.5 Os casais conhecidos
19. As redes sociais (<i>WhatsApp, Facebook</i> , jogos virtuais)	19.1 Sem interferência
	19.2 Rouba tempo da relação

♀ Predominante ou exclusivo para as esposas. ♂ Predominante ou exclusivo para os esposos.

15. Família de origem

A décima quinta categoria representa os dados da relação dos cônjuges com os seus familiares. Essa categoria apresenta como essa relação se configura após a conjugalidade e de que forma os casais percebem essa relação.

15.1 A influência dos pais no relacionamento conjugal

Verificou-se que para alguns parceiros a conjugalidade dos pais ou de um dos membros da família pode ser modelo a ser ou não seguido ou almejado. Os cônjuges também percebem semelhanças de características pessoais com a de seus pais, que percebem também interferir na relação, bem como a diferença de geração entre eles.

(...) a gente vem de... de pai e mãe separado, mas, então, a gente tendo esta experiência negativa de pai e mãe, a gente tenta não cometer os mesmos erros pra conseguir durar (Esposo 6).

Algumas pessoas falam: ah vocês podiam relevar isso. Eu já não quero essa imagem da minha mãe de engolir o sapo, eu não ia aguentar, uma hora ia estourar, então, eu prefiro falar com ele (Esposa 10).

Éé... semelhança. Acho assim: que meus pais sempre tiveram uma relação bem sólida, os dois sempre se respeitaram, se amaram, e nossa relação também é assim (Esposo 1).

(...) o casamento deles é muito maduro, muito bom, eu gosto da relação deles, sem ciúme, sem desconfiança, sem frescura, pra todo lado que um vai, o outro vai sem

reclamar, é o que for pra fazer junto faz, entendeu? Não, um não precisa do outro pra fazer alguma coisa: se minha mãe quer sair, ela sai, se meu pai quer sair, ele sai. Eles não têm aquela dependência um do outro, e queria que... tem essa diferença e eu queria que tivesse essa diferença no meu também (Esposa 3).

15.2 Características semelhantes do parceiro com o pai ou a mãe

Nesta subcategoria os dados apresentados aparecem no discurso feminino. As esposas percebem características do parceiro semelhantes às do pai.

E também... éé... sinto uma semelhança muito grande entre o Esposo 1 e o meu pai, é bem parecido, são pessoas muito sábias, muito pé no chão, que me sustentam muito (Esposa 1).

(...) é muito parecido com o meu pai, (...), você não tá entendendo, as brincadeiras sabe, eu vejo ele igual meu pai faz com a minha mãe, de implicar, sabe? De... sabe? Igualzinho o Esposo 2 faz comigo, é a mesma coisa, é incrível (...) (Esposa 2).

15.3 Proximidade com a família de origem

Alguns parceiros sentiram e sentem mais necessidade de estarem próximos da família de origem. Percebe-se também que familiares ao modo de pais e avós podem sentir também a necessidade desse contato. A proximidade da relação com a família de origem pode ocasionar alguns conflitos.

Às vezes, tipo assim... éé... tem uma coisa que ela quer ir ver a avó dela e eu não quero ir, ela quer ir lá, visitar. Às vezes eu não quero ir, acabo que eu vou, porque até isso a

gente faz junto. Muito difícil ela ir sozinha e eu não ir, então às vezes eu acabo indo sem querer, mas eu vou (Esposo 6).

(...) eu acabo indo lá só no domingo, né? Aí ele já acostumou também, que tem que ir lá no domingo, que se não a minha avó morre se a gente não for lá, então agora a gente não tem mais problema não, a gente conseguiu se adaptar, mas no começo foi difícil, no primeiro ano de casado a gente teve algumas brigas por causa disso (Esposa 6).

Só que o Esposo 7, Esposo 7, ele não tem muito aquele vínculo com a família igual eu tenho, né? Eu tenho... assim... um vínculo muito grande com os meus pais, com a minha família, eu gosto de tá junto, eu gosto de tá perto. Todo final de semana eu gosto de ir lá, ele não faz muita questão, entendeu? De ir lá nos meus pais. Até eu... eu reclamo com ele, às vezes: Esposo 7, você tem que ir mais na casa da sua mãe, você quase não vai lá (Esposa 7).

Então, teve um período que foi um pouco difícil de lidar com isso, principalmente no início do casamento. Eu tive várias assim, pra entender, eu não conseguia entender porque. Minha família, eu não ligava todo dia pra minha mãe, por exemplo, eu ligo uma vez por semana; agora a família deles, eles têm que falar todo dia. E no início eles se viam muito no skype, e eu achava que tava invadindo, que às vezes eu queria passar de toalha, de camisola, e... éé... eu achava... assim... um excesso de proteção e não entendia muito isso, no início do casamento. E eu tive que discutir com ele, falar que eu precisava de um momento, porque se eu tenho a noite com ele, eu não quero que ele perca tempo, pra, sabe, eu senti um certo tipo de ciúme talvez, no início, e eles com certeza devem ter sentido muito mais. (...) Então a nossa relação é um pouco diferente, então ele também aprendeu a entender que a minha família é diferente, e eu comecei a entender que a família dele também é diferente, que eles precisam desse contato todo

dia, porque o Esposo 10 é muito importante... assim... no dia-a-dia deles; então hoje a gente encara com maior naturalidade (Esposa 10).

15.4 Separação natural da família de origem

A maioria dos parceiros tende a se desvincular com naturalidade de seus pais em todos os aspectos, seja financeiro, seja afetivo.

(...) a gente tá naquela fase que a princípio a gente não precisa depender dos pais, né? Ficar pedindo ajuda em relação a dinheiro, sempre tá passando os nossos problemas pra tentar tá resolvendo. Então... assim... a gente tá conseguindo tanto da minha parte, como dela... assim: cada um com o seu emprego, muito bom (Esposo 4).

(...) E sinto que eu... éé... eu gosto de ter... assim... a minha família, eu e ele. A gente conduz as coisas do nosso jeito. Que às vezes... assim... na nossa casa, na casa dos nossos pais e tudo... éé... é claro que... assim: por mais que a gente ame, por mais que mãe e pai são maravilhosos, né, a gente quer seguir o caminho um pouquinho diferente do deles, né, na forma... assim... de conduzir tudo (Esposa 10).

16. Família estendida

Com a conjugalidade os cônjuges acabam se aproximando das famílias de seus parceiros e vice-versa, na condição de novos integrantes da família. Então, esta décima sexta categoria visa apresentar os dados de como se configura essa nova relação.

16.1 Relação boa

Esta subcategoria evidencia a relação positiva que os cônjuges costumam ter com seus sogros. Os dados mostram que os parceiros de seus filhos acabam se tornando membros da família, agora como algo "oficial" devido ao casamento.

Não, o relacionamento não sofreu e é muito bom. Gosto muito dos meus sogros, dos meus cunhados, a gente se dá muito bem, não mudou, não (Esposo 1).

(...) é ótima né? Os pais dele são... assim... maravilhosos, a mãe dele é bondosa demais, e é tranquilo assim: eles sempre... como eu sou... minha formação é Arquitetura, eles sempre, quando tem alguma reforminha lá, eles me consultam antes. É, quando a gente vai lá pro sítio, porque eles moram no sítio, a gente vai pra lá, me tratam mesmo como filha sabe, eu acho que é perfeito (Esposa 4).

É muito boa, minha sogra é maravilhosa, meu sogro é como se fosse um pai, né? Eles são bem acolhedores, não... assim: eles não se metem na nossa vida de casados, entendeu? Mas se a gente precisar eles estão ali prontos pra ajudar (Esposa 7).

16.2 Ciúmes da relação dos pais com o parceiro

Nesta subcategoria os dados evidenciam que o parceiro pode apresentar ciúme do relacionamento entre o cônjuge e os pais.

(...) Até mesmo meus pais, meu pai já comentou com a gente, não sei se foi uma forma brincando, mas toda brincadeira tem um fundo de verdade, praticamente ele ama mais (Esposa 4) do que eu (Esposo 4).

Assim... adoro minha sogra e meu sogro, brinco muitas vezes, a Esposa 10 tem ciúme de mim com o pai dela, porque ele... eles não... ele não teve filho homem, então eu cheguei na família, e eu toco violão, eu brinco, eu conto piada, eu imito. Éé... é

caricaturas assim de pessoas, dele mesmo, eu imito meu próprio sogro, eu imito minha esposa. É um contato muito bom (...) (Esposo 10).

16.3 Imparcialidade dos sogros na vida do casal

Esta subcategoria evidencia que sogros participam da vida do casal sem invadir sua privacidade e vice-versa.

(...) a minha sogra, a mãe do Esposo 6, ela é totalmente na dela, ela não se envolve muito, não, na nossa vida... assim... né, em questão de dar; igual: sogra que gosta de dar pitaco em tudo, ela não é assim não, ela é bem tranquila (...) (Esposa 6).

(...) são pessoas... assim... magníficas; que... que dão o apoio com muita imparcialidade... assim... no nosso relacionamento. Ah, vocês tão precisando de alguma coisa? Ah, vou trocar plantinha lá na sua casa que tá morrendo, vou mudar a terra. Então... assim... é um contato com muita imparcialidade que eles têm, de deixar a gente gerir a nossa vida, de cuidar da nossa vida, do nosso jeito. E são pessoas muito amáveis... assim... muito carinhosas, é um contato muito bom que eu tenho com eles. (Esposo 10).

16.4 Mudança da família com o filho

Nesta subcategoria os dados evidenciam a mudança dos pais com relação aos filhos.

Eu acho que aí... tanto pra deles e pra minha família... eu acho que ficou melhor porque a saudade, né, aquela coisa de visita, ser visita, éé... éé... assim... foi muito bom

pro relacionamento familiar. Ah, dá saudade, de ser, quando você chega lá, ah eu sou a visita, a pessoa não sabe o que faz pra você se sentir bem na casa dela, né? Do carinho, da atenção, do papo, né? Eu acho que é mais ou menos assim (Esposa 9).

Com eles, com... com a Esposa 10 eu não vejo que mudou muito. Talvez comigo tenha mudado um pouco, minha família. Minha mãe sentiu muito a minha saída de casa. Filho mais velho, nam, nam e etc, né? Ela sentiu muito a minha ausência, porque também eu saí numa condição... de... de... eu casei e não saí de casa, eu casei e fui embora, fui pra outro Estado (...). Teve um... eu acho que houve uma horizontalização, se assim eu posso dizer, da relação, porque... assim... antes, teoricamente, dentro da casa dos meus pais, devia obediência, satisfações a eles. E depois que eu casei, pra eles... é uma família quadradona tradicional assim. Não, agora você toma conta da sua vida... agora, né, você dá opiniões aqui em casa, agora né, a gente vai fazer uma obra aqui em casa, o que, que você acha? Não, agora eu opino, éé... éé... eles, digo assim, eles me ouvem muito mais talvez e levam em considerações o meu jeito de lidar com as coisas (...). E talvez um mimo maior depois que eu saí de casa, que eu não tinha tanta folga em casa. Você vai lá, lava o seu prato cara, então hoje... assim: não, deixa aqui, não mexe (Esposo 10).

17. Trabalho

O trabalho de grupo que interage com a conjugalidade e vice-versa influenciará a relação do casal sob vários aspectos dependendo de cada trabalho, de cada casal e cônjuge. Estes são os dados encontrados na décima sétima categoria.

17.1 Relação boa do parceiro com o trabalho do cônjuge

Esta subcategoria representa a boa relação dos parceiros com o trabalho do cônjuge.

Olha eu, eu não gosto de me envolver muito, não me envolvo muito. Embora eu conheço todo mundo que trabalha com ela né? Porque a patroa dela mora aqui no condomínio, então a gente se cruza, conversa. Eu já fui lá porque às vezes ela já pediu pra mim buscar ela, porque é aqui perto, então ela vai e volta ou de bicicleta ou andando, então uma vez ou outra quando ela sai mais tarde eu vou lá pra encontrar com ela, enfim... mas eu não me envolvo muito, não sou de me envolver muito no serviço dela não, afinal de contas não entendo muito, sou de outra área (risos). (Esposo 7).

Boa, me dou bem com todo mundo do trabalho dele em si... éé... sempre eu vou lá... assim... às vezes como eu saio do trabalho às 14 horas, aí às vezes ele fala assim: Amor, passa aqui pra gente ir pra casa junto, ou coisa do tipo, aí eu passo converso com todo mundo, brinco com todo mundo, inclusive com o chefe dele, nos damos muito bem. (Esposa 3).

17.2 Excesso de trabalho

Nesta subcategoria o excesso de trabalho é relatado por alguns parceiros como algo que interfere na relação. Os esposos relataram mais o excesso de trabalho de suas esposas.

(...) Independente se é, praticamente... é assim: se você não gosta, se você queria ela em um outro local... do... do trabalho, pra talvez ficar um pouco mais seguro, um pouco mais tranquilo, hoje em dia, às vezes é meio complicado, porque a gente não pode escolher (...) como a gente tá naquela fase de construção de reestruturação, de fazer o pé de meia, então às vezes a gente tem que aproveitar o momento onde cada um tá

porque a gente precisa de dinheiro (...). Às vezes... assim... igual pra Esposa 4: ela dando aula em duas escolas hoje, até ano passado tinha até a faculdade, mais a prefeitura... éé... éé... muito tempo se doando e... e... e participando, é muito tempo entregue pra isso, aí que que acontece, às vezes você precisa um pouquinho daqui, um pouquinho dali pra tentar ter uma renda que venha nos ajudar em casa, então você vê que é muita sobrecarga pra uma pessoa, já gera aquele estresse, aquele... vários fatores que possa vir até depois e interferir dentro de casa, então... assim... a preocupação é... é esse excesso de... de... de... de... trabalho, excesso de problemas (...) (Esposo 4).

(...) ela trabalha com a família dela, né? Porém às vezes me irrita um pouco o fato dela trabalhar demais. Chega em casa cansada, não tem tempo, chega muito desgastada do... do trabalho, aí eu reclamo um pouco com ela, dessa parte do trabalho dela. Mas fora isso é normal (Esposo 6).

Então, Esposo 7, além dele trabalhar numa empresa, ele traz, ele faz serviços de freelance, né? E às vezes ele precisa ficar até tarde, né? Ali trabalhando, eu me preocupo porque no outro dia ele tem que acordar cedo pra tá na empresa, então às vezes eu me preocupo, mas é uma coisa que a gente financeiramente precisa daquele dinheiro que ele vai receber daquele freelance, então... assim... eu fico mais é preocupada com a saúde dele, né? (Esposa 7).

17.3 Trazer problemas do trabalho para casa

Nesta subcategoria os dados apresentados evidenciam que os problemas do trabalho, trazidos para casa pelo parceiro, podem interferir na relação.

(...) essa influência que a gente deixa... assim... do externo e a gente leva pra casa. Essa parte... assim... do estresse principalmente, eu falo isso pela minha parte, né? Às vezes eu desconto isso aqui em casa, (...). Por que antes no namoro só estuda, não tem conta pra pagar, então... éé... acho que foi isso assim (Esposa 4).

(...) às vezes quando ele passa raiva lá, entendeu? Às vezes ele traz aqui pra casa, não sabe separar muito, não. Eu já sei quando ele teve problema no serviço. Eu acho que eu não consigo... num... num trago muita coisa pra dentro, eu pelo menos acho, que eu não trago muita coisa pra dentro de casa não, eu sei separar muito bem essas coisas, porque se eu trouxesse... (risos) porque meu serviço é muito estressante (Esposa 6).

17.4 Tipo de trabalho

Nesta subcategoria os dados mostram como o tipo de trabalho do parceiro tem também pode interferir na conjugalidade.

Como eu me relaciono com o trabalho dele? Olha eu não gosto, mas eu... como ele trabalha de escala, eu não gosto que ele trabalhe de escala, mas ele tá trabalhando de escala desde quando a gente se conheceu, há 8 anos atrás, então eu me acostumei, a gente meio que se acomodou com essa situação dele trabalhar de escala. (...) hoje é feriado, ele tá em casa, mas tem feriado que ele trabalha, carnaval, tem carnaval que ele trabalha, ano novo ele passa trabalhando, então é muito ruim, a gente acaba ficando longe um do outro nessas datas importantes, mas a gente se adaptou, a gente precisa (risos) (Esposa 5).

É tranquilo, né, porque assim meu trabalho é meio... meio doido, né? Eu tenho que... a gente tá conversando aqui, toca o telefone, eu tenho que parar aqui pra fazer alguma

coisa, né? Então... assim... na verdade o problema maior é a minha relação com o meu trabalho. Eu que já tenho que administrar isso, entendeu, mas ela, ela é tranquila. Sim, sim, com certeza porque às vezes... assim... muitas vezes eu sou privado de fazer coisas em detrimento do trabalho, aí você junta isso ao fato da empresa não... não reconhecer isso, né? Na verdade nem te pagar por isso, aí é foda. Você acaba ficando estressado, acaba ficando... com certeza gera... gera problemas, sim (Esposo 3).

18. Os amigos

Na décima oitava categoria encontram-se os amigos como integrantes da conjugalidade, seja na condição de companheiros sociais e de diversão dos casais ou cônjuges, seja por possibilitar aos casais sua própria delimitação como casal, ao se diferenciarem dos seus amigos ou percebê-los homogêneos, ou diferentes em alguns quesitos.

18.1 Amigos do parceiro viram amigos do casal

Em alguns casais os amigos do parceiro(a) tornam-se amigos do casal.

Meus amigos são amigos deles, e os deles são meus. Quando não são, eles se tornam, primeiro contato. Que... assim... a gente... acho que é muito igual, a gente se identifica com as mesmas pessoas sempre, isso que é legal, entendeu? Então, a gente tem muitos amigos (Esposa 8).

A gente tem muitos amigos em comum né? Então, o relacionamento, ele é muito bom. (...) a gente passou, tem mais contato com os amigos, antes não era tanto contato com os amigos em si, assim. (...) A partir do momento que a gente veio pra cá, a gente tem

mais contato com os outros amigos porque a gente tem mais liberdade, mais tempo pra fazer o que a gente quer (...). Então aumentou o contato com os amigos, mas são amigos em comum, não é nada separado (Esposo 2).

18.2 Proximidade com os amigos do parceiro

Nesta subcategoria evidencia-se que em algumas situações o parceiro se aproximou mais das amigadas do cônjuge, que viraram seus amigos também. Seu contato com os amigos pessoais é ocasional.

(...) são meus amigos também, não tem como... assim... foram oito anos juntos, então... assim... os amigos deles viraram os meus amigos, enfim, então(...). É, não acho que na verdade os... os amigos... na verdade fui mais pros amigos dele, do que ele pros meus amigos. Entendeu?(Esposa 2).

Tudo bem também não tem, ele não se dá mal com amiga minha ou amigo, é tranquilo. Houve a distância dos meus amigos que moravam em Cariacica, mas eu tenho muitos amigos também pela faculdade, pelo... pelo serviço, (...), tem muita amizade aqui na Serra, acaba que a gente se dá mais com os meus amigos, que agora são nossos, né, daqui da Serra do que os lá de Cariacica" (Esposa 5).

18.3 Pouca vivência com amigos solteiros

Alguns parceiros relatam pouca vivência com amigos pessoais solteiros: a convivência é maior com os amigos casais.

Mas normalmente são amigos em comuns. Não, com alguns amigos que a gente perdeu contato, principalmente com os solteiros... assim... a gente não tem mais tanto contato com esses amigos, com esses amigos sofreu um pouco. Agora, com outros que eram casados, ou que eram noivos ou que são casados hoje, a gente continua com o mesmo nível de relacionamento (Esposo 6).

(...) a gente tem muitos amigos em comum, a gente sempre... assim... privilegia atividades com outros casais. Eu realmente... assim... eu percebo que eu me afasto das amigas solteiras, entendeu? Mas... assim... eu faço... eu faço [amizade]... assim... mas é bem raro. (Esposa 10).

18.4 Dificuldade na relação com os amigos da parceira

Esta subcategoria representa a dificuldade que o parceiro pode ter de se relacionar com os amigos do seu parceiro, como é o caso do casal 3:

Ah, péssimo, o Esposo 3 é um tipo de pessoa que... ele não gosta de ninguém, assim... Ele, se eu gostar muito de uma pessoa, ele implica com ela. Eu não sei se isso é ciúmes, ou, eu não sei dizer, mas se eu gostar, me apegar muito a uma pessoa ele implica, ele não gosta. (...) Minhas amizades hoje em dia, é mais o pessoal da faculdade e do trabalho, né? Aquele que ele vê de vez em quando, ele gosta, aquele que eu gosto, que eu quero sair junto, que eu quero chamar ele pra fazer algum programa junto, ele não gosta. Implica, a pessoa é chata, a pessoa é isso não sei o quê, sempre implica, não sei porque (Esposa 3).

18.5 Os casais conhecidos

Nesta subcategoria, os dados apontam avaliação dos casais sobre seu relacionamento em relação ao de casais próximos.

Ah, tem uns amigos nossos mesmo, que você vê que é das antigas, que às vezes é... é um pouco mais estressado, tem meio que aquele... o mandante... ou às vezes o marido é um pouco... assim... autoritário em relação à mulher ou vice-versa, é meio que um pouco aberto às vezes, meio que uma discussãozinha... assim... meio que foge de brincadeira, zuação, mas se vê que é um pouco, né, relaxado... assim... não tem aquele... éé... éé... mais tipo uma forma de respeito: se você meio que brinca assim na frente dos outros, imagina então entre vocês dois. (Esposo 4).

Então... assim... o nosso ciclo de amizade é muito homogêneo, né? Então... éé... as características são muito parecidas, né? Tem um casal de amigos nosso que... que são nossos padrinhos, né? Que a gente tem mais contato, né? Eles... assim... têm a vida muito parecida com a gente, casou basicamente na mesma época, namorou o menos tempo que a gente, né... nós namoramos. Foi muito, muito bem parecido (...). Então... assim... é muito homogêneo... assim... as nossas reações, é um casal também sem filhos... éé... moram os dois, né... na casa, têm a vida deles, os dois trabalham fora. Então é muito parecida com a gente (Esposo 7).

Então eu acho que... os mais comuns comigo, que eu mais percebo... que eu percebo que são mais iguais... são as pessoas que são mais transparentes... nosso grupo de amigos são todos assim entendeu? Porque eu acho que vivemos muito tempo juntos... a gente convive mais com pessoas assim: namoro de doze anos, onze anos, dez anos, meu grupo de amigos, maior parte são assim (Esposa 8).

19. As redes sociais (*WhatsApp, Facebook, Jogos Virtuais*)

Na décima nona categoria são apresentados os dados da forma como os casais interagem com as redes sociais e suas consequências. Ao mencionar rede social eles entenderam ora como *Facebook*, ora o aplicativo *WhatsApp*, ora jogos virtuais.

19.1 Sem interferência

Esta subcategoria representa como para alguns parceiros as redes sociais não interferem no relacionamento.

Não, não interfere. Até mesmo porque eu tenho redes sociais, mas não fico muito ligado a isso. Ela gosta bastante, e ela usa muito, mas eu não acho que atrapalha na relação, não. (Esposo 1).

Não, de forma alguma (...). Tranquilamente, tomara que ele responda a mesma coisa, né, porque se não vou querer saber o porquê (risos). Eu até entendo, porque eu tenho uma amiga que ela desativou o facebook porque o namorado... eu entendo que contexto você tá falando. (Esposa 8).

19.2 Rouba tempo da relação

Nesta subcategoria estão os dados em que os casais relatam a rede social como item que rouba tempo de convivência que deveria ser do casal.

Não, interferir na relação, interfere não; às vezes, incomoda um pouco quando um tá... tá mais ligado... assim: deixa de dar atenção, porque os momentos que a gente tem, principalmente durante a semana, são poucos. Então, tipo assim, quando... quando eu chego da faculdade, às vezes, se ela ficar na... na... na... nas redes pro lado e eu do

outro, interfere um pouco; mais que isso não é comum, mas quando acontece interfere um pouco (Esposo 6).

Olha, uma coisa que tava me incomodando um pouco, mas eu já conversei com ele. Às vezes à noite, fica um no canto do sofá e o outro com o celular na mão. Mexendo em redes sociais, joguinhos e tal. É o único momento que eu acho que incomoda um pouquinho, porque é o momento pra gente conversar, ou... éé... não tem nada pra fazer, mas aí a gente fica assistindo televisão, juntos e tal. Mas, conteúdo, ah se eu tô com ciúmes, se eu vejo ele postando alguma coisa, isso não, lá em casa não tem isso, não. (Esposa 9).

19.3 Gera conflito

Nesta subcategoria os dados representam como para alguns parceiros a rede social gera conflitos e estresse.

Nossa, isso é um inferno na minha vida (risos). Com certeza; aliás, é uma das piores coisas que tá tendo na nossa relação, é isso aí, rede social. Na verdade o problema não é o uso da rede social, o problema é o excesso, entendeu? Ela é viciada nessa porra, fica o dia inteiro assim, qualquer coisa, qualquer coisa tá usando rede social, entendeu? Até falei com ela hoje: bicho, vai acabar com o nosso casamento porque você não tira o olho dessa porra desse celular, é... é um inferno (Esposo 3).

Sendo confirmado pela esposa:

Esposo 3 morre de ciúmes de tudo, agora pouco mesmo, quando a gente tava vindo, a minha amiga tava me contando uma coisa pessoal dela, algo que não era pra ninguém ler e ele querendo ver o que que ela tava contando, (...) aí ele: olha que nosso

casamento vai acabar por causa desse whatsapp; poxa, ela tava me contando coisa que não era pra ninguém ler, além de mim, se ela quisesse contar pra outra pessoa ela tava mandando pro celular dele e não o meu, só que ele não entende isso, ele acha que ele deve ver tudo que passa no meu celular, tudo que eu estou falando com as pessoas. E eu já não sou assim, eu não gosto de ficar fuçando as coisas dele. Interfere demais porque a gente acaba brigando muito por besteira, porque coisa que não tem nada a ver ele cria aquela fantasia de todo tamanho, simplesmente pelo fato que eu não quero que ele leia; mas eu não quero que ele leia porque tem algo a mais, eu não quero que ele leia porque é algo particular de uma pessoa que não tem nada a ver com ele, então interfere sim, muito (Esposa 3).

O que interfere é o joguinho, os joguinhos de celular; isso interfere, cartola, um outro aí, isso aí é um saco, tem hora que dá vontade... Interfere porque ele fica lá, entendeu? No celular, e eu fico do outro lado sabe, sem... atenção, sem nada, ele não liga; quando ele tá naquele celular dele ali, você pode esquecer, ele não faz nada, enquanto ele não termina aquele jogo dele. Eu fico p. da vida porque a gente tem coisa pra fazer, entendeu? (...) Eu tenho raiva por causa que é só esses jogos! Conversar com uma pessoa, eu sei que uma conversa vai acabar logo, entendeu? Mas jogo não, jogo é uma coisa que parece que não vai acabar nunca aquela porcaria; desculpa, mas eu odeio jogo (risos). Então... assim... ah, é um saco esse negócio de jogo (Esposa 7).

5.4 PROCESSO SOCIETAL - OS METASSISTEMAS

Na análise do processo societal os metassistemas participam da construção e reconstrução das representações sociais identificadas na vida dos recém-casados. As representações, portanto, tornam-se sociais: formam-se em contexto social. Assim, os

dados seguintes orientam a análise dos outros processos: intraindividual; interindividual e situacional; grupal.

Tabela 6
Categorização do processo Societal

Categorias	Subcategorias
20. A conjugalidade e os metassistemas	20.1 Padrões tradicionais
	20.2 Padrões emergentes
21. Planos para o presente/futuro	21.1 Filho

20. A conjugalidade e os metassistemas

A vida conjugal insere-se dentro de metassistemas possibilitando inúmeras vivências conjugais evidenciando valores misturados coexistindo. São estes os dados encontrados na vigésima categoria:

20.1 Padrões tradicionais

Nesta subcategoria são abordados os dados que evidenciam valores tradicionais na conjugalidade, ora reforçados pela Religião, ora pela Sociedade. Os princípios tradicionais são os padrões religiosos da divisão hierárquica pelo gênero, bem como valores culturais que reforçam esse padrão.

(...) lógico que arrumar a casa fica mais por conta dela (...) (Esposo 1).

E também eles não tinham... não sei, também a gente, eu e o Esposo 6, a gente tem... tem princípios diferentes. Nossos princípios são baseados assim no que a gente aprendeu na Bíblia, né? E o curso de casais, eu vejo que a minha mãe e meu pai não tinha princípio nenhum, pra eles era... era diferente. Podia separar a hora que

quisesse, né, não tinha aquela coisa assim: ah, tô casado, é para sempre, eu tô casado pra fazer ele feliz, né? E, alguns princípios que eu e o Esposo 6 a gente tem hoje; minha mãe e meu pai não tinha nada, até qual o papel da mulher, qual é o papel do homem (Esposa 6).

Então, eu e a Esposa 4, a gente tá casado, a gente se conheceu na igreja, até hoje vamos à igreja, então temos aquela base da religião de Deus na nossa vida (...). Então... assim... o tempo que a gente poderia tá com Deus, a gente aproveita esse tempo que poderia tá com Ele pra tá meio que descansando, então de certa forma, a gente, eu pelo menos entendo isso e acredito nisso, pelo menos, se você tá deixando Deus de lado, alguma coisa de ruim... não uma coisa de ruim acontecer, mas você já não tem aquela estrutura pra continuar bem, qualquer probleminha resolver (Esposo 4).

20.2 Padrões emergentes

Nesta subcategoria encontram-se os dados da inserção de valores igualitários vivenciados na conjugalidade.

(...) casais parentes nossos, que a gente olha assim: nossa, essa aí, coitada da mulher, sofrida, é... sabe, a pessoa é totalmente mandona ou o homem é mais, mandão aquela coisa toda, e a gente não vê isso na gente, sabe, a gente sempre vê um no mesmo patamar do outro, enquanto tem casamentos... assim... que a gente vê que um é soberano, o outro é submisso. (Esposa 4).

Então, a impressão que eu tenho é que praticamente meu pai não se comunicava com a minha mãe, e também por uma questão de tempo, ela assumiu um papel de submissão.

Então era bem diferente. A minha relação com a Esposa 9 é de igual pra igual. (Esposo 9).

21. Planos para o presente/futuro

Os planos futuros dos casais afetam a conjugalidade ao buscarem melhores condições de vida e padrão financeiro que lhes permitam confortos e lazer no presente e no futuro. Observa-se, então, que a maioria dos cônjuges busca qualificação profissional, querendo viajar e postergando filhos. Assim, os dados evidenciam casais buscando investimentos para manter a qualidade de vida do casal, pensando também no futuro. Há relatos da dificuldade para alcançar estes desejos.

É, a gente pensa em investir mais em questão de imóveis sabe? Sala comercial, ter um patrimônio... até porque eu sou autônoma; ele também é autônomo, né? Então... assim... acaba que a gente não vai ter uma renda de... sou funcionário público, então vou ter aquilo ali, então a gente pensa em investir nesse sentido assim. (Esposa 2).

(...) passear bastante. Mas... assim... passear bastante depois que a gente conseguir juntar um pezinho de meia, né? Ter um dois, três aluguéis... assim... pra ajudar a gente, enfim, continuar... uns três ou mais assim. (Esposa 2).

Eu trabalho de escala, então é um pouco mais... é um pouco mais light em relação ao tempo: não é tanto tempo assim, se matando no trabalho, porém é um pouco daquilo, né, proporção: se você trabalha muito, você ganharia mais. (...) até que entendo, a renda é o que a gente precisa hoje pra tá vivendo hoje tranquilo, só que de certa forma é aquilo: como a gente quer com o passar do tempo tá tendo aquelas viagens, tá tendo aquele sossego, momentos juntos? Tem que ter dinheiro sobrando, tem que ter o pé de

meia, tem que tá pagando apartamento... E então, quanto mais a gente conseguir melhorar, pra tá ganhando melhor, vai ficar mais satisfatório (Esposo 4).

A gente pensa em daqui a uns dois anos ter neném (risos), porque ano que vem eu vou fazer a minha pós-graduação, né? Então não dá... E ele tá fazendo faculdade agora. (...). Então a gente pensa em já ter neném daqui a uns dois anos. Ano que vem pretendo fazer a... a minha pós. O... o Esposo 6 pretende concluir a faculdade, né, de Engenharia. Profissionalmente a gente pensa assim: tem o desejo de ter o nosso próprio negócio, principalmente quando eu tiver filho... assim... pra eu ter mais flexibilidade de horário. Esses são os nossos projetos, nossos planos. (Esposa 6).

Ah, a gente tem expectativa de tá, né, primeiramente fazendo a nossa casa, né, deixando ela certinha. Ela, Esposa 7, terminando a faculdade dela, ela pretende tá abrindo uma escola, tá abrindo o próprio negócio, investindo nela, fazendo pós-graduação. A gente pretende... tem visão de tá viajando, de ter filhos futuramente... enfim, é mais essa visão assim. Porém tudo no seu devido tempo, né, a gente tá evitando atropelar, pra gente não ficar em dificuldade financeira (...). (Esposo 7).

A gente tá pagando apartamento, então sempre a gente tá ali, né, com a corda no pescoço, bem apertado: a gente tem que fazer, rebolar daqui, dali, pra lidar com as coisas (Esposo 7).

(...) a gente sempre tem o objetivo de comer bem, viver bem, guardando um dinheirinho pra gente trocar de carro, comprar um apartamento, viajar. A gente tem esses objetivos financeiros que acho que qualquer casal quer e a gente até hoje tem conseguido muito bem. Todos os objetivos que a gente quis. (Esposo 10).

21.1 Filhos

Esta subcategoria evidencia que os filhos tendem a chegar mais tarde, após a conquista de outros interesses e demandas financeiras.

Então a gente pensa em já ter neném daqui a uns dois anos. Ano que vem pretendo fazer a minha pós, o esposo 6 pretende concluir a faculdade, né, de Engenharia. Profissionalmente a gente pensa assim: tem o desejo de ter o nosso próprio negócio, principalmente quando eu tiver filho... assim... pra eu ter mais flexibilidade de horário. (...) (Esposa 6).

A gente pretende mais pra frente ter um filho (...) (Esposo 5).

Ah, meu Deus, expectativas... por enquanto nem vou falar em filhos (risos). A gente imagina um futuro... mais, mais, mais pra frente, a gente até tem, pensar em filhos, ter filhos, né. Não sei se é filho ou filhos. Mas por enquanto a gente planeja nossa vida mais, em relação ao que a gente pretende fazer; ou... questão de carreira... éé... o que... que ele pretende ser, o que... que eu pretendo ser (Esposa 10).

6. DISCUSSÃO

A TRS, a partir da perspectiva societal de Willem Doise, permitiu identificar os elementos de representação social envolvendo a conjugalidade em cada nível de análise proposto. Portanto, os resultados possibilitaram alcançar o objetivo da presente pesquisa: no caso, identificar RS em torno da conjugalidade e entender como interferem na relação dos casais, ou seja, guiam suas ações entre eles e os outros. Os casais, portanto, ao se relacionarem e posicionarem frente aos grupos, são influenciados por elas. Nesse caso a representação funciona

como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social, ela vai determinar seus comportamentos e suas práticas. A representação é um guia para a ação, ela orienta as ações e as relações sociais (Abric, pp. 28, 1998).

As categorias encontradas orbitam um único eixo temático: *a administração da conjugalidade*, incluindo pontos circundando a conjugalidade. As análises apontam vários itens de representação social: desde elementos pessoais dos cônjuges, aspectos da interação conjugal, seus relacionamentos com os grupos, até os macrossociais, culturais, que

envolvem a administração da vida em conjunto. Assim, discute-se a seguir como esses itens de RS relacionam-se com a vida de casado.

Recém-casados apresentarem elevado índice de separações pode extrapolar a identidade conjugal e a individualidade dos cônjuges, dilema conjugal bastante pesquisado (Santos & Scorsolini-Comin, 2010; Féres-Carneiro, 1998). Observa-se, na presente pesquisa, que outros fatores, junto a esses, atuam na vida do casal, exigindo inúmeras maneiras de administrar os elementos que interferem na relação do casal. Permeiam esses fatores RS e seus significados. Não saber administrar essas representações sociais e seus variados significados, somado a inabilidades comportamentais para isso, podem ser algumas das variáveis que levam casais a se separarem nesse início do desenvolvimento conjugal.

A TRS contribuiu ao permitir identificar a influência de itens importantes na construção das representações sociais, nesse caso, a influência de dois metassistemas: os padrões tradicionais e os padrões emergentes, que, juntos, contribuem para a construção de significados de diversas realidades (Moscovici, 2003; Jodelet, 2001) compartilhadas pelos casais sobre a vida conjugal. Não só em sua identificação, mas também na atuação das RS na forma como os casais se relacionam. Importa o contexto histórico nesses resultados, atestando a importância da abordagem psicossocial da presente pesquisa e sua relevância nos estudos em RS.

6.1 A CONJUGALIDADE, O DESENVOLVIMENTO DOS PARCEIROS E O CONTEXTO FAMILIAR

Na análise dos resultados do processo intraindividual, verificaram-se dois elementos nas representações sociais de conjugalidade. O primeiro é *a vivência do*

casamento relacionado a como avalia o cônjuge sua relação após a convivência diária, algo até então não experimentado. Nesse tópico encontram-se tanto elementos de representação social do parceiro da convivência como a representação social, de características da personalidade oriundas do seio familiar, que atuam na interação do casal. O segundo elemento de representação, que de certa forma também decorre dessa vivência, relaciona-se a *mudança do status social* - de namorados (solteiros) para marido e mulher (casados) - na qual os parceiros percebem as demandas novas: que agora são os responsáveis por cuidar, bem como, outras vivências que o casamento traz. Os dados também apontaram que, embora homens e mulheres possam compartilhar um mesmo elemento de representação social, como mudança de *status*, o significado para cada um (homem e mulher) pode diferir em alguns itens, devido à influência do gênero.

Foi possível perceber, então, que as representações sociais identificadas dificultam a conjugalidade em seu desenvolvimento. Saber administrar isso pode ser o caminho para uma boa convivência a dois.

Pela lente intraindividual, portanto, o início do casamento envolve representações sociais permeadas por valores culturais e características do segundo estágio do ciclo de vida familiar, representado pela entrada do jovem no mundo adulto, como proposto por Carter e McGoldrick (2001). Portanto, a conjugalidade propicia aos parceiros experimentarem a vida adulta em novos papéis, desenvolvendo a maturidade e a responsabilidade: a influência do casamento na experiência pessoal do cônjuge relaciona-se ao amadurecimento proporcionado pela conjugalidade, considerando as responsabilidades novas com o casamento e a busca pelo equilíbrio de aspectos da personalidade na convivência diária. A vivência dessas experiências tende a propiciar aos cônjuges amadurecimento pessoal representado pela entrada no mundo adulto.

Assim, como evidenciam alguns autores, mudanças sociais têm alterado as relações conjugais (Jablonki, 2010; Aboim, 2009; 2006; 2004; Carter & McGoldrick, 2001; Féres-Carneiro, 1998; Giddens, 1993). Portanto, os elementos de representação social envolvendo o novo *status* vêm aparentemente se modificando. Se antes era esperado que as mulheres assumissem o papel de dona de casa, enquanto o marido o seu sustento financeiro, atualmente, com as mudanças sociais, essa identidade pessoal está em transição. Percebe-se como, diante de mudanças culturais, antigas representações sobre determinados elementos coexistem com novas representações, criadas a partir de novos contextos.

Esse conjunto de representações (novas e velhas) influem, portanto, na forma como homens e mulheres experimentam a mudança de *status*. Constata-se então, nos dados apresentados, que homens e mulheres identificam como elemento novo da conjugalidade as responsabilidades financeiras e os cuidados com a casa. Para os homens, porém, esse último ainda não representado como responsabilidade do casal. Essa análise será discutida posteriormente em outro tópico. Ressalta-se, porém, que de alguma forma homens e mulheres se responsabilizam pela manutenção do lar, confirmando a afirmação de Jablonski (2010) de que os jovens estariam aparentemente com distribuição dos afazeres domésticos mais igualitária, com participação financeira da mulher na renda do casal (Fleck & Wagner, 2003).

Encontrou-se também como elemento de representação social no universo masculino o medo do casamento. Essa ideia vinculada aos homens associava o casamento a "força", "prisão", ao tirar a liberdade masculina, instaurando medo de "se amarrar" (Del Priore, 2006). Para as mulheres, diferentemente, o casamento era almejado (Giddens, 1993). Embora essa crença aparecesse no discurso de um participante homem, isso

simboliza que de alguma forma ela ainda é presente. Parece, entretanto, que tem cedido lugar a nova forma de ver e vivenciar a conjugalidade, já que a experiência do casamento tem sido positiva para os participantes.

Portanto, os casais apresentaram representação social positiva de seus relacionamentos, mesmo com algumas dificuldades, o que atesta a vivência de afetos positivos na relação, que a literatura científica aponta como fundamental ao relacionamento (Santos & Scorsolini-Comin, 2012; 2009; Féres-Carneiro & Neto, 2010), pois a conjugalidade é apontada como importante à saúde e qualidade de vida das famílias: não só por suprir as necessidades básicas do indivíduo, mas por influenciar o seu bem-estar (Santos & Scorsolini-Comin, 2009; Florence et al. 2004). Esse clima de afeto é fundamental à criação do campo comum aos parceiros por meio da intimidade, necessária à construção da conjugalidade (Féres-Carneiro & Magalhães, 2003).

Ressalte-se que somente um casal referiu conflitos na relação. Segundo Santos e Scorsolini-Comin (2012; 2009), a sobreposição de afetos positivos aos negativos na relação se correlaciona a maior satisfação pessoal com a vida e contribui com a relação conjugal ao favorecer as trocas afetivas conjugais unindo os parceiros, que podem fazer avaliação mais positiva do cônjuge. Observa-se neste casal prevalência dos conflitos. Não há como afirmar, já que a presente pesquisa não utilizou instrumentos para isso, que esse casal está insatisfeito com a vida e sem coesão entre si. Porém, o discurso dos parceiros não trouxe, como nos demais casais, as vivências positivas do casal. Também avaliaram o parceiro em suas características pessoais negativas, que atrapalham o convívio. Os dados, portanto, parecem indicar similaridades com o que foi encontrado por Santos e Scorsolini-Comin (2012; 2009).

Para o universo feminino apareceram elementos de representação social vinculados aos afetos. Verificou-se mudança de sentimentos após a convivência com o parceiro elevando a segurança no relacionamento e o amor; ou seja, com a conjugalidade o sentimento pelo parceiro aumenta. Esses elementos podem ser compreendidos à luz de contexto histórico que conferiu à mulher interesse maior e responsabilidade com a questão afetiva no casamento, enquanto fruto de sua identidade. Era comum a partir da década de 1930, o acesso da mulher a manuais, expressos em revistas, por exemplo, de como deviam se comportar para "garantir" seus esposos, estabelecendo nas mulheres essas preocupações e responsabilidades com a manutenção da relação (Del Priore, 2006). Para Giddens (1993) a mulher, envolvida pela perspectiva do amor romântico, esteve próxima, muito mais do que os homens, da relação afetiva. Esses só teriam se envolvido com ela posteriormente, ao verem nela a possibilidade de aproximação das mulheres. Os dados, como será discutido adiante, demonstram maior preocupação dos homens também com o curso do relacionamento, evidenciando mudanças na representação social da conjugalidade por parte dos homens.

Para o universo feminino, a conjugalidade também representa liberdade, com características também culturais. As mulheres comumente saíam de suas casas somente com o casamento, e suas vidas vinculavam-se à figura masculina do pai ou esposo (Del Priore, 2006), embora isso tenha variado ultimamente. Entretanto, como o critério da pesquisa foi a saída da casa dos pais direto para a vivência com o parceiro, a saída de casa simbolizou para elas liberdade de vivências autônomas e até a responsabilidade por si mesmas. Como esse dado não aparece no universo masculino, parece que para as mulheres a casa dos pais realmente simbolizava ausência de liberdade, que os homens parecem não vivenciar. Isso pode ser explicado pelo fato de, até então, não ser considerado necessário às

mulheres um *status* individual, dentro da família (Carter & McGoldrick, 2001), estando sempre sob a posse da figura masculina, representada pelo pai, irmão ou esposo (Del Priore, 2006). A representação das participantes, portanto, é permeada por esses elementos culturais. Sair de casa representa liberdade, contudo pautada na escolha pessoal pelo parceiro, na proposta de dividir a vida em conjunto; bem como a entrada para a vida adulta.

Quanto às atitudes e comportamentos percebidos pelos cônjuges como interagindo com a conjugalidade, percebeu-se a influência da transgeracionalidade na relação do casal. Esse assunto será discutido detalhado adiante, porém destaque-se que os próprios parceiros conseguem avaliar a relação com determinados traços familiares que precisam mudar para melhorar a convivência com o cônjuge; do contrário, essas heranças comportamentais podem prejudicar a relação conjugal. Isso atesta que cabe aos parceiros, nesse início conjugal, repassar os aprendizados familiares e avaliar o que cabe à conjugalidade que começa (Venturini, 2011; Carter & McGoldrick, 2001). O próprio parceiro deve reavaliar sua família, ou o casal deverá negociar. Observa-se preocupação dos cônjuges quanto a essa interferência na conjugalidade, atestando a importância que dão à relação; bem como a dificuldade em administrar esses comportamentos herdados, indicando que, apesar dessa percepção, devem desfazer-se desses comportamentos, o que não parece fácil.

Verificou-se, portanto, que o início a dois envolve antigas e novas representações sociais que compõem o dia a dia conjugal influenciando a experiência pessoal dos parceiros com a conjugalidade. Elas ajudam a compreender a Realidade, no caso o início da experiência conjugal, pois os elementos compartilhados são comuns ao grupo (Jodelet 2001). Esta convivência, portanto, propicia aprendizado aos casais, já que ao se depararem com situações novas deverão resolvê-las e administrá-las para o bom desenvolvimento da relação. Assim, representações sociais encontradas marcam as mudanças do novo *status*

influindo no início da vida adulta, representada por experiência de maturidade, responsabilidade e compromisso na convivência. Os cônjuges também avaliaram esta fase como positiva, verificando-se relação conflituosa somente em um casal. Destacam-se também as heranças comportamentais familiares negativas que os parceiros precisam administrar para a boa convivência com os cônjuges; é trabalhoso desvencilhar-se delas, porém os parceiros têm ciência das consequências dessas influências.

Os resultados encontrados colaboram com a discussão de que os elementos de representação social dos cônjuges sobre a fase inicial do casamento relacionam-se a aspectos socioculturais que permeiam a história do casamento e a outros que se inserem na conjugalidade. Administrar esses elementos de representação social, portanto, é que parece ser o desafio inicial. Nos dados apresentados, aparentemente os casais têm encontrado meios para equilibrar as mudanças, pois a maioria dos entrevistados percebe a relação de maneira positiva. Se a conjugalidade como um todo é administrar os itens que a envolvem, identificaram-se no processo intraindividual os seguintes elementos de representação social correspondentes a esse nível de análise: mudança de *status* revelando tanto diferenças quanto semelhanças entre homens e mulheres, bem como a influência familiar, bem presente na vida dos dois. Esses elementos surgem do convívio, até então inédito, do qual esses aspectos emergem.

Resultado inesperado foi homens e mulheres colaborarem com os afazeres da casa, bem como com a manutenção financeira do lar, embora a participação e o significado de representação social sobre isso difira entre os participantes, análise que será feita adiante. Tal resultado ultrapassa a clássica divisão de responsabilidades entre homens e mulheres, propiciando permuta nas diversas responsabilidades da conjugalidade visando a vivência mais igualitária.

Esses dados importam ao possibilitarem acessar a experiência individual dos cônjuges nesse início conjugal, correspondendo ao desenvolvimento individual na fase adulta. Este amadurecimento pessoal revelou forte influência familiar, nem sempre positiva à conjugalidade, como quando se absorvem dos pais atitudes negativas. Perceberam-se também significados da representação social podendo diferir para homens e mulheres. Essas diferenças podem ser explicadas pelas relações de gênero historicamente construídas determinando elementos pertencendo ao universo masculino ou feminino (Nuernberg, 2008; Gonçalves, 2006; Pedro, 2005).

Os dados mostram elementos culturais fundamentando a representação social do indivíduo, elementos esses que evidenciam a conjunção de elementos internos e externos ao indivíduo na dinâmica de construção e reconstrução da Realidade (Doise, 2002). A análise intraindividual, portanto, revelou elementos de representação social da experiência pessoal dos cônjuges com a conjugalidade e como essa interfere no início do casamento. Esses resultados contribuem para afirmar a importância das influências individuais na conjugalidade, confirmando que são construídas socialmente.

6.2 O RELACIONAMENTO CONJUGAL E AS INTERAÇÕES CONJUGAIS - UM PARÂMETRO DA VIDA DOS RECÉM-CASADOS

A análise desses resultados considera o processo interindividual - a relação conjugal - e situacional - que envolve as dinâmicas que influem na forma como o casal se relaciona. Elemento relevante identificado na organização da representação social que guia a relação conjugal foi: *a busca pela boa convivência*, ou seja, verifica-se que diante dos desafios à conjugalidade, os casais buscam equilibrar esses desafios e os aspectos positivos da relação, visando à manutenção satisfatória do casamento. Para tanto, a necessidade de

negociação é percebida pelos parceiros, indicando certa abertura a uma igualdade de gêneros na relação (Junior, Silva & Trindade, 2012), já que requer negociação, mas que convive ainda com determinados papéis tradicionais (Jablonski & Silva, 2011) observados nas representações sociais sobre a divisão das atividades domésticas, por exemplo. Observa-se nesta análise, portanto, que *a busca pela boa convivência* é permeada por elementos tradicionais e igualitários que, na convivência diária, os casais precisam administrar para o bom andamento da relação. Destaca-se que formas e significados das representações sociais apropriadas pelos cônjuges podem interferir positivamente ou gerarem conflitos. Quando os casais compartilham os mesmos significados o conflito é menor, do contrário surgem mais desentendimentos.

Toda dinâmica conjugal na *busca pela boa convivência* orbita os seguintes elementos de representação: conviver bem, fazer o outro feliz e evitar conflitos para que a relação dê certo. Existe, portanto, preocupação dos participantes em manter a relação com qualidade e satisfação, confirmando o achado de Diniz e Perlin (2005), que pesquisaram o compromisso dos casais com o relacionamento e sua manutenção.

O conjunto de dados evidencia duas questões importantes influenciando nas representações sociais de conjugalidade. A primeira também foi observada na pesquisa de Féres-Carneiro (1998) com participantes divorciados: o casamento é tão importante que não se permite vivência conjugal insatisfatória. A segunda também tem sido confirmada em diversas pesquisas, como as de Garcia e Tassara (2003), Falcke e Mosmann (2011), que demonstraram o impacto da insatisfação conjugal e dos conflitos na conjugalidade na dissolução do casamento. Os dados indicam que os parceiros consideram a relação elemento importante de suas vidas e querem fazer o que puderem para seu equilíbrio e qualidade (Diniz & Perlin, 2005). Os resultados atestam a importância da negociação na

resolução de conflitos para a estabilidade da relação (Falcke & Mosmann, 2011), bem como a importância das habilidades sociais para isso.

A vontade de envelhecer junto com qualidade de vida e criando os filhos revela aspirações à durabilidade da relação. Segundo Araújo (2002), essas seriam armadilha ao acentuarem as idealizações e possíveis conflitos resultantes das decepções pelo não atendimento das expectativas. Todavia, conforme os dados encontrados, essas expectativas alimentam os esforços dos casais pela melhoria do convívio. Assim, se por um lado as idealizações criam nos casais expectativas que possam decepcioná-los, elas também parecem contribuir para o compromisso dos casais com a relação. Isso revela outro elemento de representação social da conjugalidade que guia as ações dos parceiros; mas ainda são possíveis expectativas da relação não realizadas. Um mesmo elemento de representação, portanto, pode apresentar significados diferentes, conforme cada casal ou cônjuge. Karney e McNulty (2004) também encontraram expectativas positivas conduzindo a resultados positivos nos relacionamentos ao vitalizarem a relação.

O convívio diário no casamento permitirá aos parceiros construir a conjugalidade administrando proximidade inédita no namoro. Para alguns parceiros a boa convivência do namoro permaneceu no casamento, pois mantiveram os hábitos de solteiros, a exemplo dos entretenimentos. Parece então que para os casais o namoro significou parceria e amizade, pacto que os conduziu ao casamento (Barbará & Bertoldo, 2006), já que possibilita aos parceiros predizerem o curso da relação; ao contrário de namoro cheio de conflitos e afetos negativos, que normalmente acarreta nos parceiros sentimentos ambivalentes sobre o relacionamento, levando-os a cautelarem-se quanto a compromissos (Huston & Wilson, 2013). Nos casais entrevistados os relatos denotam representação social positiva do namoro e do casamento. O elemento de representação

social comum no imaginário social de que o casamento, em especial para o homem, seria algo ruim que o “prendesse” (Del Priore, 2006), atualmente tem dado lugar a visão de conjugalidade positiva, prazerosa e compensadora. A presente análise evidencia novos itens de representações sociais em relação ao casamento e confirma a participação masculina na construção da intimidade dos parceiros.

O namoro também possibilitou aos casais certa negociação anterior à conjugalidade, ou seja, eles encontraram estratégias para lidar com situações, para que na conjugalidade isso não viesse a atrapalhar, servindo como forma de os casais pensarem na relação e se comprometerem com ela: mais um dado que confirma a importância que os casais dão à conjugalidade (Diniz & Perlin, 2005; Féres-Carneiro, 1998), preocupando-se com os conflitos e o curso da relação.

Parece ter colaborado para esses aprendizados o tempo de namoro: a maioria desses casais, antes do casamento, esteve envolvida entre namoro e noivado, em média durante 7 anos. Esse longo período pode ter contribuído para constantes contatos, vivências e aprendizados um com o outro. Isso fica mais evidente quando os casais são comparados ao casal 3, que viveu conflitos conjugais, tendo namorado durante cerca de 1 ano e meio. Os parceiros do casal 3 se conheceram quando novos, em determinado Estado, e ficaram anos sem contato, quando a internet possibilitou reencontro. Desde então, começaram a se relacionar, até que em um novo encontro iniciaram o namoro. Importante relatar que até o casamento namoraram à distância. Devido a morarem em Estados diferentes, vendo-se apenas em alguns fins de semana, casaram-se naquele curto período. A pequena convivência, como no namoro presencial, impossibilitou conhecer sobre o cônjuge determinados aspectos que a conjugalidade revelou, dificultando-lhes sua administração, como visto nos resultados. Verifica-se nesse caso a importância da internet para a

aproximação do casal, confirmando pesquisas que apontam a influência da internet no início de relacionamentos. Assim como têm demonstrado a necessidade do encontro presencial para constituição do vínculo Munhoz e Nunes, 2013; Donnamaria e Terzis, 2009; Dela Coleta et al. 2008; Cohn & Vieira, 2008). Segundo Donnamaria e Terzis (2009), o “desejo de transformar o relacionamento virtual em um vínculo presencial e a suspeita de não poder realizá-lo transformaram-se numa ameaça à sustentabilidade do vínculo, geradora de mal-estar” (p. 59). Isso explica, por exemplo, o casamento precoce do casal 3, com tão pouca convivência segundo o próprio esposo.

O casamento parece ensejar também comparação com o namoro, pois a convivência revela hábitos dos cônjuges até então desconhecidos, além de hábitos que desaparecem com a conjugalidade. Pesquisas confirmam ou não expectativas na vida junto ao parceiro interferindo na relação (Lopes & Menezes, 2007; Araújo, 2002). Então, os parceiros precisam administrar essas expectativas. Segundo Garcia e Tassara (2003), expectativas e fantasias em relação ao outro atrapalham a relação.

Agora formando casal, os parceiros precisam organizar sua rotina em torno das demandas e necessidades de manter casa e relação. Envolvidos, conforme mostrado no tópico anterior, com elementos de representação social que influenciam as mudanças de namorados para casados, eles vivenciam situações novas como casa para gerir, responsabilidades profissionais, conjugais, sonhos, bem como as dificuldades que enfrentam na administração de tudo isso: barreiras do cotidiano, organização financeira, divisão das tarefas domésticas e individualidade na conjugalidade. Esses foram os desafios para a interação do casal, possuindo cada relação suas particularidades. Observa-se, contudo, que os casais se propõem a preservar a relação, buscando soluções para os conflitos, como será visto adiante.

Entre as barreiras do cotidiano, o ciúme e as diferenças entre os parceiros podem gerar desentendimentos e conflitos prejudicando a afetividade e comprometendo a relação dos casais. Isso se percebe no casal três. Conforme mostrado anteriormente, o casal tem sua interação afetiva comprometida pelos conflitos. Os outros casais apresentam dificuldades que podem causar desentendimentos, como adaptação à organização da casa e dificuldades financeiras; porém a afetividade permanece. Portanto, dependendo dos conflitos, sua frequência, intensidade e resolução, a afetividade conjugal pode diminuir, interferindo na relação dos cônjuges. Essa análise confirma Santos e Scorsolini-Comin (2012; 2009) sobre a importância dos afetos positivos para o desenvolvimento da relação, já que, mesmo os casais apresentando dificuldades, eles relatam uma avaliação positiva do relacionamento, confirmando que a satisfação conjugal não envolve ausência de aspectos negativos: é a sobreposição dos afetos positivos que equilibra a satisfação conjugal (Santos & Scorsolini-Comin, 2012; 2011). Um cônjuge, por exemplo, ao relatar sintonia e comunhão do casal, afora os aspectos positivos, relata partilha dos problemas. Em casal sem afetividade, provavelmente a satisfação conjugal encontra-se comprometida. Ressalte-se ainda que alguns casais relataram tão poucos conflitos que os consideraram inexistentes. Esses dados confirmam a importância da satisfação na interação entre o casal, fornecendo um ao outro elementos de bem estar como afetos e a partilha da vida em comum (Féres-Carneiro & Magalhães, 2003; Araújo, 2002).

A vantagem dos sentimentos positivos é que, ao configurarem habilidade social, contribuem para o relacionamento dos parceiros auxiliando as demandas na vida do casal (Del Prette & Villa, 2012), assim confirmando, por exemplo, a pesquisa de Florence et al. (2004) com casais antigos em que a expressão de afeto foi encontrada no grupo de casais satisfeitos. Outra habilidade social dos casais buscando melhor convivência é a

comunicação. A comunicação é um importante item para a resolução dos problemas (Florence et al. 2004). Verifica-se na fala dos parceiros, portanto como buscam preservar a relação utilizando esse recurso comportamental. Outra forma que tem sido utilizada é dar um tempo ao parceiro, quando se percebe que ele não está bem. Confirmam-se, assim, dados de pesquisa atestando a importância do diálogo, da empatia, da compreensão, das trocas afetivas, de saber ceder, lidar com os conflitos, entre outras habilidades, para o bem da conjugalidade (Chung, 2014; Santos & Scorsolini-Comin, 2012; Féres-Carneiro, 1997).

Como os casais procuram melhor padrão de vida e tranquilidade financeira futura, a administração financeira da casa se torna importante para a conjugalidade, pois também é o meio de o casal usufruir do lazer. Só que nesses anseios os casais podem se prejudicar caso não se organizem adequadamente. Para os casais que conseguem manter suas expectativas financeiras, com planejamento e organização, pensando no longo prazo, houve influência na relação. Já os cônjuges que não utilizam esses meios e por vezes gastam mais do que a receita do casal podem desentender-se, prejudicando a conjugalidade.

Atividades domésticas são comuns a todos os parceiros, segundo os dados. Homens e mulheres de alguma forma participam desses afazeres. Difere, porém, a forma pela qual os casais representam essa responsabilidade, alguns com elementos igualitários, outros com padrões tradicionais ou a mescla dos dois. A partir dos dados encontrados identificou-se três grupos de casais. No primeiro permanecem papéis tradicionais de homens e mulheres: mesmo o homem realizando alguma atividade, ambos veem a mulher como a responsável pelos afazeres e é quem acaba executando a maioria das funções. No segundo grupo há intercâmbio entre papéis igualitários e tradicionais: mesmo havendo divisões de atividades, alguns parceiros e parceiras ainda atribuem à mulher essa responsabilidade. Eles compreendem a necessidade da divisão, porém ainda percebem que o epicentro é a

mulher. Assim, cada casal apresentará suas peculiaridades dependendo dos significados que dão a isso. Há também esposas não "educadas" para as obrigações de casa que acabam com dificuldades para exercê-las; o marido executa as atividades, podendo até gerar conflito quando algo combinado não é exercido. Ressalte-se que a responsabilidade feminina, ora tão internalizada, sobre o cuidado com a casa, surpreende uma esposa ao observar que o esposo "ajuda tanto". Essa internalização, decorrente de representações sociais sobre as atividades da casa, também aparece quando a esposa desqualifica o que o marido faz, mas sem reclamar, temendo que ele pare de contribuir. Há, assim, representação social compartilhada por homens e mulheres de que os cuidados com a casa são responsabilidade feminina. Verifica-se, portanto, distribuição nas atividades; mas quando se precisa de um representante, a mulher é a responsável. Mesmo havendo aceitação pelos parceiros dessa divisão, pode haver conflito quando alguém não cumpre o acordado ou não apresenta iniciativa para fazer, tendo a parceira que delegar funções. Ressalve-se que alguns esposos falam dessa "ajuda" como alternativa para se evitar conflito e não cansar a esposa. Verifica-se, então, que os mesmos parceiros que realizam atividades na casa, para não sobrecarregarem as esposas e evitar o conflito conjugal, são os mesmos que não foram treinados para os serviços domésticos e apresentam dificuldades em exercê-los, evidenciando o modo pelo qual, atualmente, os casais se veem devendo administrar as perspectivas igualitárias em confronto com os papéis tradicionais (Jablonski & Silva, 2011; Diniz & Perlin, 2005).

No terceiro grupo encontram-se os casais igualitários. Nesses últimos ambos compartilham a representação da casa como território seu. Assim, dividem as tarefas porque assumem que são suas as responsabilidades e que ambos precisam realizá-las, e de tal forma que não sobrecarregue alguém. Para tanto, há negociação entre os casais quanto

às divisões, o que parece facilitar a realização das atividades e favorecer uma igualdade entre os pares, diferente de quando se entra em uma relação com a representação social de que um dos pares é o responsável, no caso a mulher.

Os dados encontrados ajudam a compreender como as mudanças culturais têm proporcionado a manutenção de antigas e novas representações sobre os cuidados com a casa, bem como o convívio de ambas na vida conjugal, influenciando os papéis de homens e mulheres. Ressalte-se que o conflito existe quando um dos cônjuges descumpre o acordado, e isso foi notado nos casais em transição, uma vez que para os tradicionais a divisão é feita de comum acordo, mesmo uma esposa relatando cansar-se mais devido às atribuições novas. Nos casais igualitários também há acordo entre as partes; enquanto os de transição por vezes entram em conflito quanto à execução das atividades. Esse conflito entre papéis parece realmente embaraçar a conjugalidade se mal administrado. Inere-se com esses dados que a concordância dos casais quanto aos papéis favorece a conjugalidade por evitar desentendimentos. Observa-se que não só a mulher se inseriu no espaço público, mas o homem também se tem aproximado do território privado por décadas habitado somente por mulheres.

Os dados encontrados, portanto, assemelham-se aos achados de pesquisas que mostram a abertura incipiente masculina nas atividades com a casa, porém como coadjuvantes. Foram também identificados esposos dividindo as atividades com as esposas não enquanto coadjuvantes, mas pensando ser ela a responsável (Jablonski & Silva, 2011; Falcke & Mosmann, 2011; Jablonski, 2010; Mosmann et al. 2005); assim como já se encontram jovens com perspectivas igualitárias quanto à divisão das atividades domésticas (Jablonski, 2010).

A forma de os casais administrarem o bem-estar da relação, em meio às vivências individuais, relaciona-se à representação social que apresentam sobre a conjugalidade. Diante do elemento de representação social *necessidade de manutenção da relação* é que a liberdade se apresenta como item que influenciará a forma como os casais se comportam frente a ela, já que suas posições frente à vivência da liberdade requerem concordar com o bem estar conjugal, o que acarreta acordo para sua administração. Sua falta traz conflito ao relacionamento. Tal posicionamento parece envolver também confiança no parceiro.

Os casais, conforme os dados, se envolvem em atividades com pessoas próximas a eles, mesmo relatando que isso ocorre com baixa frequência. O fato de saberem que podem e realizar essas atividades sozinhos, sem problema para o casal, pode importar mais do que a quantidade de vezes que são ou não realizadas. Assim, a vivência da liberdade envolve o elemento de representação social *manutenção da relação*. A esposa três, por exemplo, ao relatar não fazer nada sem a companhia do parceiro porque ele não gosta, demonstra insatisfação, mas acaba concedendo. Pode-se então pensar que o significado da conjugalidade para os cônjuges influi na forma como lidam com a liberdade. Quando ela apresenta um significado comum para os dois é mais fácil negociar; do contrário, surgem conflitos. No casal cinco, por exemplo, o esposo demonstrou certo desconforto em ter de pedir autorização da esposa para certas atividades esportivas, mas cede às vezes. Essas situações parecem negativas à conjugalidade quando seus significados diferem entre os cônjuges. Embora os casais priorizem a convivência, exercitam-se sozinhos; e havendo oportunidade saem com familiares e amigos próximos. Só foi identificado problema quando um dos parceiros não gosta que o cônjuge realize algo sozinho. Não ficou explícito, mas isso pode estar relacionado à confiança.

Em relação às pesquisas que investigam este tema, os dados apresentados se aproximam dos achados de Féres-Carneiro (1998), com casais em terapia; tanto entre os que mantiveram a relação como com os que a romperam, pois foi necessário aos cônjuges a capacidade de enfocarem ora a individualidade, ora a conjugalidade, visando espaço de maior crescimento para a relação. Os achados de Lopes e Menezes (2007) demonstram também dificuldade de equilíbrio nessas duas esferas, com os casais ora priorizando um, ora priorizando outro, ainda que, independentemente do lado que estejam, a relação tenha permanecido.

Na individualidade, há outro dado que atesta a importância que os casais dão à relação: quando relatam ceder, em determinados momentos, em prol do outro. Os dados encontrados contrariam algumas hipóteses de que as mudanças em torno do casamento, em especial a experiência da individualidade, afastariam os casais em prol dos objetivos individuais, como carreira e profissão (Semeha & Oliveira, 2013; Chaves, 2010). Os casais da presente pesquisa se preocupam com essas conquistas; de certa forma a estabilidade financeira foi um dos motivos que adiou por alguns anos o casamento; porém não afastou um do outro. A valorização da relação como expressão da individualidade e do bem-estar pessoal parece influenciar mais os casais em busca dessas conquistas pessoais em conjunto com o parceiro, já que as conquistas profissionais colaboram para os objetivos conjugais. Em meio a essas demandas os casais parecem utilizar a seu favor o que poderia ou pode ser um problema. Esses dados, portanto, confirmam a premissa de Singly (2007) de que a vida conjugal requer a renúncia de alguns territórios pessoais e se afastam de outra hipótese: de que a individualidade sobrepõe os planos individuais àqueles que são ou deveriam ser o do casal, gerando conflitos, desentendimentos e enfraquecimento do laço conjugal (Singly, 2000). Percebe-se então que a relação requer dos casais investimento na área afetiva (Diehl

et al. 2002) com a necessidade de novos arranjos comportamentais para a criação de um espaço onde o afeto seja compartilhado por meio do amor, carinho, atenção, respeito e companheirismo (Diehl, 2002); para os quais os critérios para a qualidade da relação são escolhidos pelos parceiros (Torres, 2000). Em contrapartida será necessário negociar a divisão das funções, no exercício da autoridade e nos direitos e deveres concernentes à família, que antes eram predeterminados (Sarti, 2006). A formação da conjugalidade, portanto, depende não só das condições materiais ou de existência, como partilha dos recursos e despesas, mas também da relação afetiva dos cônjuges que culmina na identidade conjugal (Torres, 2000).

A maioria dos casais parece administrar suas demandas e dificuldades em prol da boa convivência, pois percebem o relacionamento como positivo. Assim, se a satisfação conjugal pode ser entendida como avaliação subjetiva da relação, na qual se compara a percepção do casamento com os modelos e expectativas construídos sobre ele (Santos & Scorsolini-Comin, 2009), os casais demonstram satisfação em seus casamentos mesmo com as dificuldades de adaptação ao novo *status*. Do contrário, pode-se dizer que o casal 3 pode experimentar insatisfação devida aos problemas no casamento.

Com os dados encontrados infere-se que a dinâmica conjugal apresenta como elemento de representação social a vontade dos parceiros da boa convivência, manutenção da relação e sua qualidade. Assim, os elementos encontrados como parte da relação orbitam o bem-estar ou mal-estar que causam aos cônjuges. Observa-se que a própria convivência do namoro pode auxiliar esse momento, quando já se conversa e organiza entre os pares determinadas negociações em prol da conjugalidade. As expectativas quanto à durabilidade da relação parece fomentar nos casais determinados posicionamentos e compromisso com a conjugalidade. Quando, porém, algumas expectativas quanto ao

parceiro não são alcançadas, ou certos comportamentos desaparecem, isso gera um descontentamento. Identifica-se também que em meio às negociações das atividades domésticas o que traz conflito à relação não é se o casal divide ou não, pelo menos nos dados apresentados, mas se partilham a mesma representação social da mulher e do homem no casamento. Quanto à individualidade, percebeu-se que a liberdade relaciona-se à representação social de conjugalidade e supõe-se não interferir na relação; a forma como um dos cônjuges lida com ela pode vincular-se à confiança no parceiro. Se os parceiros apresentam um significado em comum, isso tende a não conflitar. Saber que tem a liberdade de fazer algo sem a companhia do cônjuge parece importar mais do que a realização ou não de atividades sem o parceiro, já que nesse período os casais demonstraram preferir a companhia um do outro.

Os dados tornam-se relevantes porque ajudam a compreender os elementos de representação social envolvidos na interação conjugal. Observa-se, portanto, como antigas representações do casamento que instaurava hierarquia de poder entre homens e mulheres têm cedido espaço para que ambos atribuam-lhe outros significados. Isso só tem sido possível devido às mudanças do casamento. Novos significados valorizando a relação refletem-se no comportamento dos casais em busca da administração necessária à boa convivência. Vários elementos se tornam importantes para sua conquista, daí as concessões mútuas, comunicação, a empatia, entre outros, com as representações sociais de conjugalidade organizando e guiando o processo. Todavia, nem sempre os cônjuges compartilham os mesmos significados quanto a determinados elementos; observa-se então que algumas áreas da conjugalidade se abrem a novas mudanças, porém outras não, como é o caso da divisão das atividades domésticas, em que foram identificados três significados diferentes. Algumas habilidades sociais conjugais foram consideradas importantes para a

boa convivência: os afetos positivos, a comunicação e a empatia, que parecem fundamentais para que os casais consigam lidar adequadamente com as demandas do cotidiano. Verificou-se também a importância da negociação no casal.

As contribuições dos resultados na abordagem aos casais podem ser configuradas como se segue: primeiro, colaborar para a compreensão das mudanças do valor da conjugalidade. Segundo, atestar a significância da relação para os casais e o quanto se envolvem na relação, como pontos fortes para sua continuidade. Terceiro, percebe-se a importância das habilidades sociais como apoio às demandas conjugais. Em quarto lugar, a força dos significados que a conjugalidade pode ter para os casais, influenciando suas ações. Tais elementos colaboram para a terapia com casais, bem como com programas que possam auxiliar a conjugalidade, até mesmo antes do casamento.

6.3 A CONJUGALIDADE E OS GRUPOS QUE A COMPÕEM

A análise do conjunto dos dados referentes aos processos intergrupais revela os elementos de RS que influenciam a tomada de posição dos cônjuges frente aos grupos com quem interagem e que conseqüentemente, influenciam os dois níveis analisados anteriormente. Neste caso, analisa-se como os recém-casados lidam com os grupos e estabelecem novas formas de se relacionar e se adaptar a eles. Os grupos importam por sua função na organização conjugal. A família como elemento social e suporte afetivo, o trabalho como meio de realização pessoal e metas conjugais, os amigos como demarcação da própria identidade e suporte afetivo, e as redes sociais como meio de comunicação e interação dos casais com a rede social ampliada. Identificaram-se então direções diferentes de influência das RS conforme os dados encontrados. Em relação à família e às redes sociais, percebeu-se sua influência na forma pela qual os casais representam o casamento;

isso é que influenciará o posicionamento deles frente a esses grupos. Quanto ao trabalho, os casais já trazem RS que influenciam a forma como lidam com ele. Já os amigos desencadeiam dois vieses: a forma como representam o casamento e os amigos solteiros.

A posição dos cônjuges frente ao grupo familiar relaciona-se à forma pela qual os pais vivenciaram o casamento. Portanto, a família configura modelo. Os parceiros veem seus familiares como modelos, em quem se espelham ou não ao identificarem características que avaliam como positivas ou negativas da conjugalidade. Diante da experiência dos pais e das representações sociais de conjugalidade, então, os casais se posicionam.

A família, ao significar para o cônjuge modelo a ser ou não seguido, influencia os casais a evitarem determinados comportamentos, que avaliam ter levado à separação, bem como comportamentos positivos que desejam em seus relacionamentos. Pode ser até algo que avaliam que falta em seu relacionamento, mas que almejam, pois observam como positivo na relação dos pais. Ao se pensar no significado de tais constatações para eles, mediante a tomada de posição que fazem de seu significado, verifica-se que fazer igual ou o contrário relaciona-se a algo que os casais avaliam como positivo para a manutenção do relacionamento, ou seja, a consideração sobre o modelo familiar e sua tomada de posição envolve a preocupação dos cônjuges com a manutenção do casamento, característica do segundo nível de análise. Estes dados apoiam pesquisas afirmando a influência dos padrões familiares na experiência conjugal (Venturini, 2011; Lopes et al. 2010).

A relação do cônjuge com seus familiares varia, e o que interfere nisso é o significado que cada cônjuge dá a sua família. Conforme o modelo familiar construído entre pais e filhos, os dados evidenciam que uns conseguem mais facilmente do que outros desvencilhar-se de suas famílias de origem. Nas pessoas com tal dificuldade, verifica-se

simultaneamente no discurso do entrevistado a dificuldade do familiar nessa separação. Identifica-se, portanto, que esse significado constrói-se nas relações familiares, já que as famílias dos entrevistados sem essas dificuldades tampouco a tiveram. Experiência com família pode então interferir na experiência pessoal do cônjuge e com o parceiro. Ressalte-se que essa dificuldade foi maior nos primeiros meses, até um ano de relacionamento. Posteriormente, a frequência das visitas à casa dos pais diminuiu, e os casais estabeleceram ritual, que geralmente é a visita à casa dos pais ou sogros, uma vez na semana. Essas dificuldades, também se assemelham aos dados de Venturini (2011), com três casais recém-casados. Todos os entrevistados, por exemplo, demonstraram alguma dificuldade na separação de suas famílias de origem interferindo na consolidação da conjugalidade. Os pais desses cônjuges influíram no processo, já que também apresentaram dificuldades com essa separação. Comportam-se de um jeito que não ajuda a independência do casal.

Essa dificuldade caracteriza o início do casamento (Carter & McGoldrick, 2001), mas mesmo essa mudança de *status* sendo difícil para alguns entrevistados, não implica conjugalidade não consolidada, pois os mesmos parceiros que apresentaram dados evidenciando problemas nesse processo também produziram dados atestando a identidade conjugal. Portanto, outros elementos colaboram para consolidar a conjugalidade, apesar da influência da forma como essas relações são estabelecidas com a família.

Na pesquisa de Venturini (2011), por exemplo, a influência familiar era no nível de intromissão na conjugalidade; moradias muito próximas, características familiares trazidas pelo parceiro não aceitas pelo cônjuge levavam os casais a muitos conflitos e desentendimentos. Essas influências estão presentes justamente porque os filhos apresentam como referência o modelo familiar dos pais, padrão de relação mais voltado aos filhos do que à conjugalidade. Espelhando-se, portanto, nesse modelo, os casais

acabam vivenciando conflitos. Nos casais da presente pesquisa o incômodo é a necessidade de constantes visitas e contatos telefônicos do parceiro com os familiares, que com o tempo diminuíram. Os casais, todavia, parecem administrar bem a relação com os sogros: todos relataram bom convívio com os pais de seus parceiros, evidenciando interação respeitosa, sem intromissões, segundo os próprios cônjuges.

Observa-se que os sogros e pais passam a constituir suporte ao casal, pois dispõem-se a ajudar caso precise. Isso pode dever-se ao fato dos parceiros dos filhos tornarem-se membros da família. Verifica-se então que, mesmo filhos e pais podendo apresentar certa dificuldade de separação no início do casamento, a relação entre eles e os parceiros torna-se relação de apoio quando necessitam. Nesse caso, o desvencilhamento da família de origem não é total: na relação todos continuam seu desenvolvimento preservando laços afetivos e de suporte. Este relacionamento se torna colaborativo quando os pais conseguem perceber o novo *status* do filho e reconhecer isso, dando-lhe outra posição na família, revelando a independência dos laços familiares e a horizontalização familiar, já que ambos são adultos, contribuindo para a consolidação das conjugalidade nos casais (Carter & McGoldrick, 2001).

A representação social de conjugalidade, portanto, juntamente com a experiência familiar, contribui para os posicionamentos dos casais frente à família. Os pais, modelo para os casais, são grupo fundamental à constituição da conjugalidade, seja para ser ou não seguido, ou como suporte para os cônjuges. Ademais a família pode ajudar ou dificultar esse início, quando o significado dessa relação não permite limites.

O significado do trabalho para os membros dos casais, que molda seus posicionamentos frente a ele, é o fato de ele *garantir a subsistência e qualidade de vida conjugal*. A representação social de trabalho, portanto, contribui para que busquem

equilíbrio ou adaptação quando ele traz consequências para a conjugalidade, já que também é necessário preservar a relação. Tal dado confirma a literatura (Diniz & Perlin, 2005; Monteiro, 2001). Assim, o desafio dos cônjuges é administrar trabalho e vida conjugal. Os entrevistados referiram os seguintes desafios: excesso de trabalho do parceiro, na maioria dos casos o homem queixando-se do excesso de trabalho da mulher; a relação do parceiro com o próprio trabalho, alguns cônjuges trazem problemas para casa que afetam a relação; e o tipo de trabalho do companheiro: por exemplo, os maridos que trabalham por escala. Viu-se que casais satisfeitos com o relacionamento produzem resultados semelhantes aos achados de Diniz e Perlin (2005): em meio às demandas de casal de dupla carreira os cônjuges têm desenvolvido estratégias e recursos próprios para lidar com os novos dilemas contemporâneos, incluindo esse. O trabalho é fundamental às necessidades dos parceiros. Os casais precisam administrar suas possíveis interferências com recursos próprios, como diálogo e afeto para o equilíbrio. Portanto, a representação social sobre a importância do trabalho é comum aos cônjuges, possibilitando administrar e entender sua interferência no relacionamento. Do contrário, se para um dos cônjuges o trabalho apresentasse significado diferente, isso poderia trazer constantes conflitos. As interferências do trabalho geram determinados conflitos, contudo compartilhar o significado de sua necessidade parece colaborar para o entendimento dos casais.

O posicionamento dos casais frente aos amigos relaciona-se ao modo pelo qual os amigos vivenciam e representam socialmente o casamento. Também parece interferir na relação a representação social de solteirice. A representação social, portanto, de que a conjugalidade *requer estar junto* influencia o posicionamento dos cônjuges frente aos amigos. Assim, o encontro com o outro demarca a própria conjugalidade e possibilita a convivência afetiva e o lazer, pois se reconhecem participantes do mesmo grupo

reforçando à relação. Isso porque os amigos casais “tendem” a apresentar comportamentos e lares compatíveis com a vida de casal, diferentemente dos interesses dos amigos solteiros. Parece que a mudança de *status* possibilita a entrada em um grupo ao qual os amigos solteiros não pertencem: o grupo dos casados. Esse afastamento envolve outras variáveis na vida do casal, como trabalho e os novos compromissos conjugais. Outra suposição é a RS dos amigos solteiros enquanto *uma* “ameaça” à conjugalidade, já que estão sozinhos. Esse dado foi encontrado na pesquisa de Martins (2009) com casais recasados ao relatarem a experiência de separação conjugal frente aos amigos que antes eram amigos do casal. Encontrou-se vinculação do elemento de estigmatização da pessoa solteira com o sexo. A mulher solteira é vista como “ameaça” pela amiga casada, que teme o marido interessar-se por ela, ou ela por ele. O amigo solteiro representa “ameaça” para as casadas, pois seu desejo em encontrar nova namorada pode conduzir o casado ao “mau caminho”. A autora destaca o fato de a ameaçada ser a mulher como aspecto de RS de homem ligada ao machismo (Martins, 2009). Ademais, eles valorizam a companhia de outros casais pois os amigos dos parceiros tendem a tornarem-se amigos do cônjuge e assim amigos do casal. Essa vivência acaba afastando os cônjuges dos amigos solteiros, resultando mais tempo de convivência com amigos casais.

Segundo Carter e McGoldrick (2001), umas das possíveis dificuldades dessa etapa seria a forte aproximação conjugal afastando-os de outros grupos. Na presente pesquisa, entretanto, observa-se a forte relação dos parceiros com seus familiares, de suporte e afinidade, bem como a vivência dos parceiros com casais amigos. Esses dados apontam que, embora a conjugalidade inicial envolva maior envolvimento e proximidade, os casais prezam e necessitam de interações com familiares e amigos.

Nem sempre, porém, tal convivência é harmoniosa: a esposa 3 relatou dificuldades do parceiro em se relacionar com seus amigos e demonstrou bastante desconforto com a situação. Esse dado parece confirmar a importância para a conjugalidade da boa convivência com os amigos dos parceiros, que se tornam amigos do casal e participam das descontrações de ambos. Os dados certificam a importância dos amigos na conjugalidade, tanto em momentos de interação dos cônjuges como na preservação de sua individualidade.

Os amigos casais parecem também significar demarcação e reforço da própria conjugalidade, uma vez que os casais conseguem diferenciar-se deles, quando comparam a própria relação com a dos amigos que apresentam comportamentos que não aprovam e não participam da vivência do casal. Por outro lado, percebem nos casais semelhanças. Assim, os casais se aproximam tanto de amigos com vivências parecidas com as suas quanto de hábitos diferentes. Demarcam a identidade conjugal do casal com o que desejam ou não para a relação e o que querem conservar para seu bem-estar, que é o mesmo mecanismo que verifica com relação a família como modelo. A forma como as representações sociais de conjugalidade se apresentam para os casais, nesse caso, destaca o elemento de representação *preservação da conjugalidade*, interferindo significativamente no comportamento dos casais frente aos amigos, sejam solteiros ou casados, influenciando os dois outros níveis de análise no relacionamento dos casais com os amigos casais; influência que pode ser positiva e possibilitar vivência harmoniosa entre eles, ou ser negativa, interferindo na experiência individual do cônjuge e da própria relação conjugal. Destaca-se a RS dos amigos solteiros que parecem, mesmo não havendo dados precisos, ser significativa no posicionamento dos casais frente a eles.

O último grupo encontrado mostra, assim como têm apontado pesquisas, a influência do avanço tecnológico, em especial redes sociais, na conjugalidade, interferindo nas relações sociais e atingindo também os casais, como mostram pesquisas (Munhoz & Nunes, 2013; Donnamaria e Terzis, 2009; Dela Coleta et al., 2008; Cohn & Vieira, 2008). A tecnologia afasta os casais, sendo a presença do parceiro reivindicada, já que o cônjuge acaba preterido. Portanto, a rede social representa para esses casais "objeto" de disputa da presença ou atenção do companheiro. A rede social, portanto, gera ciúmes no companheiro devido à atenção à tecnologia pelo parceiro. Esse dado difere dos dados encontrados por Freire *et al.* (2012), referentes a conteúdos de conversas como possíveis elementos de ciúme entre os parceiros acarretando desentendimentos. O último, em específico, apareceu somente no casal 3. Esses dados mostram que a forma como a conjugalidade é representada socialmente interfere na forma como os casais interagem com a tecnologia. Um elemento de representação que parece presente é a *importância do tempo de convivência entre o casal*, que parece guiar a ação do parceiro que a reivindica. Já que trabalham fora e ficam um tempo sem se verem, à noite seria o momento de estarem juntos, conversando, ou em alguma outra atividade.

Para alguns casais, porém, tal situação é resolvida com tranquilidade; para outros, gera conflito no relacionamento. Em determinadas situações, a avaliação dos cônjuges pode diferir quanto à utilização da tecnologia. Parece que quem é mais atingido sente mais o incômodo. Ressalve-se que para alguns cônjuges a rede social não traz problemas.

Família, trabalho, amigos e redes sociais formam conjunto de itens que interagem com os casais. Esses dados também evidenciam a complexidade com que se configurou a conjugalidade e o peso do cotidiano e da sobrecarga de múltiplos papéis que vêm acompanhados de estilo de vida em que os casais precisam conciliar vida pessoal,

conjugal, familiar e as demandas do mundo do trabalho (Diniz & Perlin, 2005), afora relações com amigos e redes sociais, apontadas pela presente pesquisa. Confirma-se, portanto, não só a complexidade da vida conjugal, mas dificuldades, caso os cônjuges não apresentem recursos comportamentais para administrar satisfatoriamente essas influências.

6.4 A CONJUGALIDADE E OS METASSISTEMAS

Para a compreensão das representações sociais identificadas nos três níveis de análise e suas influências na vida conjugal é fundamental conhecer os metassistemas envolvidos no processo (Doise, 2014). Nesta pesquisa dois metassistemas foram identificados na construção e reconstrução das representações sociais: *os padrões tradicionais*, que ao longo do tempo envolveu a dinâmica conjugal delimitando os papéis a serem representados por homens e mulheres e ditavam regras a serem seguidas por eles demarcando o casamento. E, em sentido contrário, mas coexistentes, *os padrões emergentes* quebrando as fronteiras dos papéis exercidos e promovendo a busca de igualdade na relação: nos níveis profissional, cuidado com os filhos, com a casa, entre outros. Assim, os metassistemas circundam a conjugalidade e se relacionam com ela de várias formas, dependendo de cada casal e parceiro, de modo que nos três níveis de análise encontram-se tanto posicionamentos influenciados por padrões tradicionais como por padrões emergentes. Aqui, os dados se aproximam de outros estudos que também têm observado essa mescla de valores em torno do casamento (Falcke, Zordan & Wagner, 2009, Diniz & Perlin, 2005; Mosmann et al. 2005; Fleck & Wagner, 2003; Féres-Carneiro, 1998).

As representações sociais formadas pelo metassistema-padrões tradicionais que circundam a conjugalidade, são construídas historicamente pela Sociedade e pela cultura,

que demarcaram os papéis exercidos pelos casais e por muito tempo sustentaram o casamento. Quanto ao metassistema padrões emergentes, decorrem da valorização da escolha amorosa, sentimento amoroso, satisfação individual, mudanças do papel da mulher, entre outros fatores, destacando a afetividade, a igualdade na relação e os casais se comprometerem com ela em busca de relação bem-sucedida. Assim, os metassistemas colaboram para a compreensão das análises anteriores, pois o tempo todo é possível constatar elementos da dinâmica conjugal envolvidos pelo metassistema tradicional, com o metassistema emergente coexistindo. Isso importa porque não é identificado nos entrevistados ou no casal só um tipo de metassistema em seus posicionamentos: ao contrário, ambos atuam em diferentes momentos do pensamento dos cônjuges. As posições dos cônjuges e do casal, portanto, baseiam-se em suas visões de mundo construídas pelos metassistemas. Seja a representação individual dos parceiros na avaliação dos cônjuges sobre o novo *status* social; seja a dinâmica conjugal, seja pela relação dos cônjuges com a família, ora mais distantes dos seus valores, ora com dificuldades de separação, no início do casamento, entre outros aspectos verificados com a pesquisa. Nenhum dos aspectos apresentados está isento dos metassistemas identificados: eles influem na forma como os casais constroem suas representações sociais sobre a conjugalidade e se relacionam com as redes sociais correspondentes.

Com os novos significados da conjugalidade decorrentes do metassistema emergente, os casais passam a escolher seus parceiros, e o compromisso passa a ser um com o outro em busca da manutenção e qualidade da relação. Aqui o metassistema emergente contribui para construir novas representações sociais sobre a vida conjugal favorecendo os casais se abrirem para relações mais igualitárias, pois os valores tradicionais acabam estabelecendo relação desigual entre homens e mulheres, que parece

só funcionar quando ambos representam da mesma forma essas ideias. Assim, em algumas áreas a igualdade entre os pares se encontra em construção, como por exemplo as atividades domésticas, com alguns cônjuges resistentes, mesmo participando em determinadas situações. Nesse caso, podem coexistir em um mesmo casal dinâmicas mais tradicionais e outras mais igualitárias. Observou-se que a esfera da atividade doméstica ainda se liga fortemente à figura feminina, mesmo com as mudanças apresentadas. Porém, é possível averiguar abertura dos casais a valores mais igualitários observados na afetividade, no companheirismo e relações constituídas de igual para igual, incluindo a vida profissional, na qual a renda de ambos é fundamental à manutenção do padrão de vida do casal. Assim, importa à conjugalidade que ambos se qualifiquem e conquistem melhores postos de trabalho.

Com a crescente valorização dos casais de padrão de vida melhor, a renda conjugal se tornou fundamental. Tanto homens quanto mulheres buscam qualificação profissional e assim aumentar a renda do casal para desfrutarem tranquilidade financeira. Esse planejamento demonstra como o novo significado da conjugalidade envolve a partilha da vida, influenciando a forma como os casais buscam se relacionar. Assim, os entrevistados se enquadram nos casais de dupla carreira, preservando envolvimento com a carreira junto ao desejo de manutenção da vida afetiva do casal. Ademais, devido ao investimento de ambos na vida profissional, a distribuição das tarefas da casa, bem como o cuidado com os filhos são mais compartilhados entre os parceiros do que os modelos tradicionais e de dupla renda (Monteiro, 2001). Percebeu-se a dificuldade de administrar esses anseios, já que o duplo trabalho desafia a conjugalidade com: redução do tempo que cada cônjuge dispõe para a família e filhos, para a intimidade entre eles e para si mesmo, que, junto à pressão social de investimento na carreira, profissão e aumento da renda, pode desencadear

insatisfação no casamento. Mesmo essas variáveis podendo fazer parte da conjugalidade na pesquisa de Diniz e Perlin (2005), os autores encontraram cônjuges satisfeitos com a relação. Na presente pesquisa também foi possível identificar a satisfação da maioria dos parceiros com o casamento. Assim, "os casais parecem desenvolver estratégias e recursos próprios para lidarem com esses e outros dilemas contemporâneos" (Diniz & Perlin, 2005, p.25), o que é confirmado pelos achados de Monteiro (2001):

"casais de dupla carreira, nenhum dos esposos está disposto a subordinar as expectativas do trabalho às expectativas familiares. Ambos estão comprometidos tanto com o investimento pessoal na carreira quanto com a vida familiar. Essa dedicação de ambos os cônjuges à família e à profissão sinaliza uma mudança fundamental desse tipo de casal em comparação com o relacionamento conjugal tradicional. O desafio do casal consiste em coordenar as aspirações de cada um dos cônjuges, sem a subordinação ou sacrifício de um em nome das aspirações do outro" (para. 191).

A conjugalidade, portanto, apresenta-se complexa, com vários aspectos influenciando a vida conjugal e de seus parceiros. Mas os aspectos que de alguma forma compõem o cenário conjugal são atravessados por metassistemas que interferem significativamente em como cônjuges e casais experimentam e se comportam frente à conjugalidade. Na presente pesquisa perceberam-se dois metassistemas interagindo na manutenção, qualidade e satisfação da relação, que para os casais se acompanham de qualidade de vida e realização profissional. Em busca desses elementos, portanto, os cônjuges procuram equilibrar realização dos sonhos – comuns e individuais - e preservação da conjugalidade. Contribuíram para esse desafio os afetos, determinadas habilidades conjugais e compromisso dos parceiros com o relacionamento. A dificuldade ou não de administrar a complexidade atual da conjugalidade parece relacionar-se à presença ou

ausência de habilidades comportamentais para equilibrar suas representações na convivência com o outro e os outros.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizar a Teoria das Representações Sociais pela perspectiva societal de Willem Doise foi importante, pois sua proposta, de quatro níveis de análise, possibilitou identificar as RS sobre quatro vertentes da vida conjugal. Foi possível não só identificá-las, mas

acessar os metassistemas que formam essas representações e guiam as ações conjugais: item possibilitado pela quarta análise.

A análise possibilitou compreender que a vida conjugal requer administrar diversos fatores que envolvem RS da conjugalidade. A mudança de *status* que permitiu aos cônjuges a entrada no universo adulto com todas as responsabilidades que esse novo universo contém. A convivência com o parceiro requer a organização da vida do casal (os conflitos e suas resoluções, organização financeira, atividades do lar, individualidade). Isso somado às representações sociais de conjugalidade dos cônjuges, que influenciam seu posicionamento frente aos grupos e interferem nas outras duas experiências, já que a relação com a família, o trabalho, os amigos e as redes sociais podem interferir, tanto na experiência pessoal do parceiro como na relação do casal.

Identificados, portanto, os elementos de RS, verificou-se que cada cônjuge e cada casal apresentam tanto significados parecidos como diferentes sobre a conjugalidade e que influenciam a forma como se relacionam. Um mesmo elemento de representação social pode apresentar significados ora construídos por valores tradicionais de casamento, ora por representações novas sobre a conjugalidade, decorrentes das transformações sociais identificadas, concebendo-lhe novos elementos para discussão. Assim, a conjugalidade é tema de interesse de instâncias sociais (religião, mídia, família, Estado) que constroem sobre ela discursos veiculados pelos meios de comunicação. As informações circulam, atingem a vida das pessoas, fomentam discussões, reflexões, fazendo novas e velhas representações coexistirem, conforme encontrado na pesquisa, e serem esquecidas, transformadas, ou surgirem novas (Jodelet, 2001).

Compreendeu-se, então, que cada cônjuge e casal, em seu contexto, organiza suas vivências conforme representa socialmente a conjugalidade. Entretanto, foram

identificadas diferenças nos cônjuges quanto ao significado de algumas representações. Estas diferenças acabam permitindo pluralidade de significados sobre um mesmo elemento de RS. Esse fenômeno é denominado por Moscovici de polifasia cognitiva (Jovchelovitch, 2014). Essa decorre de seus estudos de RS sobre a psicanálise. Moscovici verificou que as representações sociais da psicanálise que emergiram em seus estudos demonstraram “a forma como a comunicação e interação entre diferentes atores sociais produzem campos sócio-cognitivos plurais, marcados tanto por contradições e divergências internas como por coexistência e combinação de visões” (Jovchelovitch, 2014, p. 11). A polifasia cognitiva, portanto, significa para Moscovici “a coexistência de formas diferentes de saber no mesmo campo representacional” (Jovchelovitch, 2014, p. 11), identificada na pesquisa. Importa porque sua “noção captura a flexibilidade e plasticidade das estruturas psicológicas humanas e a expressividade social de campos representacionais, que em suas tensões e diversidade interna, constituem a sociogenia de novas representações” (Jovchelovitch, 2014, p. 12). Na presente pesquisa ela é observada na incongruência entre os indivíduos, já que permeiam a conjugalidade metassistemas tradicionais e metassistemas emergentes. Assim, administrar os elementos de RS que coexistem nas RS de conjugalidade faz essas questões serem geridas ora por RS tradicionais, ora por outras mais igualitárias. Nesse caso, alguns elementos são negociados por via mais tradicional e outros por via mais igualitária; e quando o significado da representação difere entre o casal, parece haver certa dificuldade em administrá-lo.

A influência dos metassistemas construídos segundo conjunturas históricas se mostrou relevante ao permear todos os níveis de análise da pesquisa. Destaca-se nesse item o intercâmbio entre as representações desses quatro níveis de análise. Embora separadas em quatro etapas, inter-relacionam-se dinamicamente. Identificou-se, por exemplo, a

influência da família na construção de representações dos cônjuges com a conjugalidade logo no primeiro nível de análise, melhor discutido em outro capítulo. A separação em várias análises é didática, pois em verdade os fenômenos interagem.

Diante, então, de administrar as demandas do início da conjugalidade, que podem dificultar a relação, percebeu-se que os casais apresentam recursos protetores que auxiliam na resolução dessas demandas, como diálogo, afetos, cumplicidade, empatia, entre outros; até o longo namoro parece contribuir para os casais se conhecerem melhor e até organizarem alguns itens da vida como casal, já no namoro. Esses recursos mostraram-se fundamentais na relação: o casal, por exemplo, que apresentou bastante conflito no período da entrevista mostrou afetividade comprometida e avaliações negativas acerca do parceiro, que são itens que tendem a comprometer o curso do relacionamento.

Os novos elementos que se inserem na conjugalidade, como amor, escolha pelo parceiro, individualidade, entre outros (Aboim, 2006, Giddens, 1993), conferiram à relação conjugal uma dinâmica diferenciada do que se conhecia até então. Observou-se que o antigo casamento, um acordo entre famílias, com papéis delimitados e com importância na durabilidade devido ao firmamento do contrato, cedeu lugar a noção de conjugalidade baseada na escolha afetiva e no amor dos casais. Sua durabilidade depende, portanto, da interação conjugal, não mais de acordo familiar. Os casais envolvidos por esse novo desejo de partilhar com alguém querido a conjugalidade buscam criar condições em conjunto, para que a relação dê certo, ou seja, tenha qualidade, os cônjuges estejam satisfeitos e consigam a dois realizar sonhos pessoais. Diante desses anseios os casais se veem devendo administrar diversos fatores (visto na pesquisa presente, por exemplo, sob quatro análises) considerando o curso do relacionamento. Esse desafio pode motivar alguns casais em busca de habilidades comportamentais que auxiliem no processo, como pode ser para

outros empecilho da boa convivência. Dependendo da forma como cada casal administra esses desafios é que se pode identificar os recém-casados que se separam nos anos iniciais de união em relação aos que permanecem juntos. A presente pesquisa identificou os fatores que parecem contribuir com a manutenção da conjugalidade: tempo de namoro, afetos, respeito, empatia, companheirismo, planos em comum, respeitar o espaço do outro, momentos de lazer juntos.

Para maior compreensão dessas nuances encontradas na presente pesquisa importa ampliar o número de casais em pesquisas futuras, já que a presente pesquisa entrevistou dez casais. Mudar a metodologia para acessar mais peculiaridades e estudar mais profundamente apenas um nível ou dois de análise, por exemplo, pode revelar mais detalhes sobre o início conjugal.

Considerando-se o aumento de divórcios de recém-casados, os dados permitem refletir que a conjugalidade sofre influência de diversos fatores que podem determinar a dificuldade da consolidação da conjugalidade. Ou seja, administrar os novos papéis de homens e mulheres, estabelecer novos relacionamentos com a família, a resolução de conflitos, o trabalho, as redes sociais, entre outros. Se os casais não conseguirem, nesse início conjugal, com outros elementos protetores da conjugalidade, como os afetos, a empatia e o diálogo, lidar com os diversos aspectos do casamento, esses aspectos podem se tornar, no longo prazo, grandes estressores para os casais, ocasionando insatisfações com o relacionamento. Assim, a conjugalidade se apresentou com fortes fatores dificultadores, mas também com fatores protetores do relacionamento, que nesse início a dois parecem prevalecer pelo romantismo. Importa, então, aos casais consolidarem e descobrirem entre si a forma de lidar com essas situações para que não se acumulem problemas.

A conjugalidade atual mostrou fortes ligações afetivas, junto à vontade dos casais de construção da vida em conjunto para a partilha do investimento na vida profissional em busca de padrão de vida melhor que lhes garanta tranquilidade financeira, lazer e boas condições para a criação dos filhos. O desafio está em equilibrar essas conquistas em meio aos diversos elementos que interferem na conjugalidade e na busca dessas metas.

8. REFERÊNCIAS

ABEOC BRASIL. Associação Brasileira de Empresas de Eventos (2014). Festas de casamento movimentam 13,7 bilhões no Brasil. Retrieved from

<http://www.abeoc.org.br/2014/02/festas-de-casamento-movimentam-r-137-bilhoes-no-brasil/>

Alves-Mazzotti, A. J., Gewandsznajder, F. (1999). *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Thompson.

Aboim, S. (2009). Da pluralidade dos afetos. Trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24(70), 108-122. doi:10.1590/S0102-69092009000200007

Aboim, S. (2006). Conjugalidade, afectos e formas de autonomia individual. *Análise Social* 41(180), 801-825. Retrieved from http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S000325732006000300005&script=sci_arttext

Aboim, S. (2004). Emoções e Rotinas: a Construção da Autonomia da Vida Conjugal. V Congresso Português de Sociologia, Lisboa. Retrieved from http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d1ab9eb22_1.pdf

Almeida, M. I. M. (2010). *Rompendo os vínculos, os caminhos do divórcio no Brasil: 1951-1977* (Tese de doutorado, Universidade Federal de Goiás). Retrieved from https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/ROMPENDO_PDF.pdf

Almeida, A. M. O. (2009). Abordagem societal das representações sociais. *Sociedade e Estado* 24(3), 713-737. doi:10.1590/S0102-69922009000300005

- Almeida, L. M. O. (2005) A pesquisa em representações sociais: proposições teórico-metodológicas. In L. A. Almeida & M. F. S. Santos (Eds.). *Diálogos com a Teoria das Representações Sociais*, (pp. 119-157). Recife, PE: Editora Universitária da UFPE.
- Araújo, M. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão* 22(2), 70-77. doi:10.1590/S1414-98932002000200009
- Araújo, M. L. M. (1977). História crítica da sexualidade. In P. Jurberg & J. J. Serapião (Eds.). *Sexologia: fundamentos para uma visão interdisciplinar* (pp. 24-66). Rio de Janeiro, RJ: Editora Central da Universidade Gama Filho.
- Arruda, A. (2002). Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa* 17, 127-147. doi:10.1590/S0100-15742002000300007
- Barbara, A., & Bertoldo, R. B. (2006). Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. *Psico-USF* 11(2), 229-237. doi: 10.1590/S1413-82712006000200011
- Bardín, L. (2006). *Análise de conteúdo*. Lisboa.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Zahar.

- Bonzon, M. (2003). Sexualidade e conjugalidade. A redefinição das relações de gênero na França contemporânea. *Cadernos Pagu* (20), 131-156. doi:10.1590/S0104-83332003000100005
- Bradbury, T. N., & Lavner, J. A. (2012). Why Do Even Satisfied Newlyweds Eventually Go on to Divorce? *Journal of Family Psychology* 26(1), 1-10. doi:10.1037/a0019666
- Bradbury, T. N., Johnson, M. D., Pasch, L. A., & Sullivan, K. T. (2010). Social Support, problem solving, and the longitudinal course of newlywed marriage. *Journal of personality and social psychology*, 98(4), 631-644. doi:10.1037/a0017578
- Branden, N. (1980). *A psicologia do amor romântico*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora.
- Bee, H. (1997). Desenvolvimento social e da personalidade no início da vida adulta. In H. Bee (Ed). *O ciclo vital* (pp. 412-452). Porto Alegre, RS: Artmed Editora.
- Bernardes, S. F., Keogh, E., & Lima, M. L. (2008). Bridging the gap between pain and gender research: a selective literature review. *European Journal of Pain* 12, 427-440. doi:10.1016/j.ejpain.2007.08.007
- Bezerra, L., Cruz, K., Freire, B., Freire, R. S., Machado, D., Queiroz, F., & Vasconcelos, A. J. (2012). *Paixão, ciúme e traição: A "liquidez" das relações humanas no ciberespaço*. Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, Caxias do Sul, RS. Retrieved from <http://bocc.ufp.pt/pag/aavv-paixao-ciume-e-traicao.pdf>

- Bredow, C. A., Huston, T., L., & Schoenfeld, E. A. (2012). Do men and women show love differently in marriage? *Personality and Social Psychology Bulletin* 38(11), 1396-1409. doi:10.1177/0146167212450739
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & G. McGoldrick (Eds.). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar* (pp. 9-29). Porto Alegre, RS: Artmed Editora.
- Carter & Carter, S. K., Corre, M., J. S., & Knox, D. (2009). Trends in marital happiness by gender and race, 1973 to 2006. *Journal of Family Issues* 30, 1379-1404. doi:10.1177/0192513X09336214.
- Chavez, J. C. (2010). As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em Revista (Belo Horizonte)* 16(1), 28-46. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000100004
- Chung, M. S. (2014). Pathways between attachment and marital satisfaction: The mediating roles of rumination, empathy, and forgiveness. *Personality and Individual Differences* 70, 246-251. doi:10.1016/j.paid.2014.06.032.
- Cicco, M. F., Gomes, I. C., & Paiva, M. L. S. C. (2005). Família e conjugalidade: o sintoma dos filhos frente à imaturidade do casal parental. *Psicologia e Clínica* 17(2), 53-63. doi: 10.1590/S0103-56652005000200005

- Clark, M. S., & Monin, J. k. (2011). Why do men benefit more from marriage than do women? Thinking more broadly about interpersonal processes that occur within and outside of marriage. *Sex Roles* 65, 320-326. doi: 10.1007/s1199-011-0008-3.
- Cohn, C., & Vieira, C. I. F. (2008). Amor contemporâneo e relações na internet. Ausência do corpo nas relações. *RBSR* 7(19), 72-117. Retrieved from <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/VieiraArt.pdf>
- Comparato, F. K. (2010). A afirmação histórica dos Direitos Humanos. Retrieved from http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/18490/mod_resource/content/1/CHY%20-%20Comparato%20-%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf
- Debert, G. G. (2010). A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 49-70. doi:10.1590/S0104-71832010000200003
- Del Prette, Z. A., & Villa, M., B. (2012). Fundamentação teórica e empírica. In Z. A. Del Prette & M. B. Villa (Eds.). *Inventário de Habilidades Sociais Conjugais* (pp. 15-26). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dela Coleta, A. S. M., Dela Coleta, M. F., & Guimarães, J. L. (2008). O amor pode ser virtual? o relacionamento amoroso pela internet. *Psicologia em Estudo*, (Maringá), 13(2), 277-285. doi: 10.1590/S1413-73722008000200010
- Diehl, A. (2002). O homem e a nova mulher – novos padrões sexuais de conjugalidade. In D. Falcke & L. Grzybowski (Eds.). *Família em cena* (pp. 135-158). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

- Diehl, J. A., Falcke, D., Wagner, A. (2002). Satisfação Conjugal na Atualidade. In D. Falcke & L. Grzybowski (Eds.). *Família em Cena* (pp.172-188). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Diniz, G. & Perlim, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clínica* 17(2), 15-29. doi:10.1590/S0103-56652005000200002
- Doise, W. (2002). Da psicologia social à psicologia societal. *Psicologia Teoria e Pesquisa* 18(1), 27-35. doi:10.1590/S0102-37722002000100004
- Doise, W. (2014). Sistema e metassistem. In A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos & Z. A. Trindade (Eds.). *Teoria das representações sociais 50 anos*. (pp. 163-210). Brasília: Technopolitik.
- Donnamaria, C. P., & Terzis, A. (2009). O amor caiu na rede: sobre a procura de parceiro e a evolução de vínculos amorosos na internet. *Revista da SPAGESP* 10(2), 56-61. Retrieved from <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v10n2/v10n2a08.pdf>
- Epping, L. & Prá, J. R. (2012). Cidadania e feminismo no reconhecimento dos direitos humanos das mulheres. *Revista Estudos Feministas* 20(1), 33-51. doi:10.1590/S0104-026X2012000100003.
- Fábregas, L. M., & Wald, A. (1991). O casamento. In L. M. Fábregas & A. Wald (Eds.). *Curso de Direito Civil brasileiro. Direito de família* (pp. 14-48). São Paulo, SP: Editora Revista dos Tribunais.

- Falcke, D. & Mosmann, C. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista da SPAGESP* 12(2), 5-16. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702011000200002
- Falcke, D., Zordan, E. P., & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista* 15(2), 56-76. doi:10.5752/P.1678-9563.2009v15n2p56
- Falcone, E. M. O., Ferreira, M. C., & Sardinha, A. (2009). As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 25(3), 395-402. doi:10.1590/S0102-37722009000300013
- Féres-Carneiro, T., & Neto, O. D. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. *Paidéia* 20(46), 269-278. doi:10.1590/S0103-863X2010000200014
- Féres-Carneiro, T., Mosmann, C., & Wagner, A. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia* 16(35), 315-325. doi:10.1590/S0103-863X2006000300003.
- Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2003). A conjugalidade na série identificatória: experiência amorosa e recriação do eu. *Revista de Psicanálise* 16(176), 41-50. Retrieved from http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/176_05.pdf
- Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia (Natal)* 8(3), 367-374. doi:10.1590/S1413-294X2003000300003

- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica* 11(2), 379-394. doi:10.1590/S0102-79721998000200014
- Féres-Carneiro, T. (1997). A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Psicologia Reflexão e Crítica* 10(2), 351-368. doi:10.1590/S0102-79721997000200012
- Fleck, A. C., & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo* 8, 31-38. doi:10.1590/S1413-73722003000300005
- Flick, U. (2009). Pesquisa qualitativa: por que e como fazê-la. In U. Flick (Ed). *Introdução à pesquisa qualitativa* (pp. 20-39). Porto Alegre, RS: Editora Artmed.
- Florence, K., Hammerschmidt, H., Nogren, M. B. P., Sharlin, S. A., & Souza, R. M. (2004). *Estudos de Psicologia* 9(3), 575-584. doi:10.1590/S1413-294X2004000300020
- Franco, M. L. P. B. (2003). *Análise de conteúdo*. Brasília.
- Garcia, M. L. T., & Tassara, E. T. O. (2003). Problemas no casamento: uma análise qualitativa. *Estudos de Psicologia* 8(1), 127-133. doi:10.1590/S1413-294X2003000100014

- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.) *Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático*. (pp. 64-89). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da Intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, SP: Editora Unesp.
- Gresham, F. M. (2011). Análise do comportamento aplicado às habilidades sociais. In A. Del Prette (Ed.). *Psicologia das habilidades sociais* (pp. 17-56). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Gomes, I. C., & Rios, M. G. (2009). Estigmatização e conjugalidade em casais sem filhos por opção. *Psicologia em Estudo*, 14(2), 311-319. doi:10.1590/S1413-73722009000200012
- Gonçalves, A. L. (2006). Anatomia e destino. In A. L. Gonçalves (Ed). *História e gênero* (pp. 45-78). Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica.
- Heilborn, M. L. (1993) Vivendo a dois: arranjos conjugais em comparação. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais (Campinas)* 10(1/2), 13-22. Retrieved from http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol10_n1e2_1993/vol10_n1e2_1993_2artigo_13_24.pdf
- Huston, T. L., & Wilson, A. C. (2013). *Journal of Marriage and Family* 75, 681-696. doi:10.1111/jomf.12031

- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2014). PNAD contínua. Retrieved from ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Fasciculos_Indicadores_IBGE/pnadc_201403_trimestre_caderno.pdf
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). Estatística de Registro Civil, v. 38. Retrieved from ftp://ftp.ibge.gov.br/Registro_Civil/2011/rc2011.pdf
- Itaboraí, N. R. (2003). Trabalho feminino e mudanças na família no Brasil (1984-1996): comparações por classe social. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 20(2), 157-176. Retrieved from http://www.rebep.org.br/index.php/revista/article/view/291/pdf_272
- Jablonski, B., & Silva, M. S. (2011). D(e)scolar de casa: dilemas contemporâneos dos casais de aeronautas. *Psicologia em revista* 17(2), 196-210. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682011000200003&script=sci_arttext&tlng=en
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275. doi:10.1590/S1414-98932010000200004
- Jablonski, B. (2003). Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In T. F. Carneiro (Ed.). *Família e*

casal arranjos e demandas contemporâneas. (pp. 141-168). São Paulo, SP: Editora PUC-Rio.

Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Ed.). *As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.

Joffe, H. (2003). “Eu não”, “o meu grupo não”: representações sociais transculturais da Aids. In P. Guareschi (Ed.). *Textos em representações sociais* (pp. 297-323). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Jovchelovitch, S. (2011). Representações sociais e polifasia cognitiva: notas sobre a pluralidade e sabedoria da razão em Psicanálise, sua imagem e seu público. LSE Research Online. Retrieved from http://eprints.lse.ac.uk/38411/1/_lse.ac.uk_storage_LIBRARY_Secondary_libfile_shared_repository_Content_Jovchelovitch,%20S_Representa%C3%A7%C3%B5es%20sociais_Jovchelovitch_Representa%C3%A7%C3%B5es%20sociais_2014.pdf

Jovchelovitch, S. (2008). *Os contextos do saber: representações, comunidades e cultura*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Junior, A. S., Silva, P. O. M., & Trindade, Z. A. (2012). As representações sociais de conjugalidade entre casais recasados. *Estudos de Psicologia* 17(3), 435-443. doi:10.1590/S1413-294X2012000300012.

Lane, S. T. M. (1984). A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. In S. T. M. Lane & W. Codo (Eds.), *Psicologia Social: O homem em movimento* (pp. 10-19). São Paulo, SP: Brasiliense.

- Karney, B. R., & Neff, L. A. (2005). To Know You Is to Love You: The Implications of Global Adoration and Specific Accuracy for Marital Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology* 88(3), 480-497. doi:10.1037/0022-3514.88.3.480
- Karney, B. R., & McNulty, J. K. (2004). Positive Expectations in the early years of marriage: Should Couples Expect the Best or Brace for the Worst? *Journal of Personality and Social Psychology* 86(5), 729-743. doi:10.1037/0022-3514.86.5729
- Kulik, J., & Wanick, R. (2011). Toward na understanding of gender differences in the impact of marital conflict on health. *Sex roles* 65. doi:10.1007/s11199-011-9968-6
- Lelis, C. T., Silva, N. M., & Teixeira, K. M. D. (2012). A inserção feminina no mercado de trabalho e suas implicações para os hábitos alimentares da mulher e de sua família. *Saúde em debate*, 36(95), 523-532. doi:10.1590/S0103-11042012000400004
- Levandowski, D. C., Lopes, R. C. S., & Piccinini, C. A. (2009). Individualidade e conjugalidade na relação de casal de adolescentes. *Psicologia em Estudo* 14(4), 679-687. doi:10.1590/S1413-73722009000400008
- Lopes, R. C. S., Menezes, C. C., & Silva, I. M. (2010). Em busca da “cara-metade”: motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de Psicologia* 27(3), 383-391. doi:10.1590/S0103-166X2010000300010
- Lopes, R. C. S., & Menezes, C. C. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê. *Psico-USF*, 12(1), 83-93. doi:10.1590/S1413-82712007000100010

- Markman H. J., Ragan, E. P., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Whitton, S. W. (2010) The Premarital Communication Roots of Marital Distress and Divorce: The First Five Years of Marriage. *Journal of Family Psychology*, 24(3), 289-298. doi:10.1037/a0019481.
- Martins, P. O. (2009). Vivendo casamentos, separações e recasamentos: um estudo sobre o campo representacional da conjugalidade (Tese de doutorado, Universidade Federal do Espírito Santo). Retrieved from http://www.bdtd.ufes.br/tesesimplificado/tde_arquivos/14/TDE-2011-06-02T092236Z-478/Publico/Tese%20de%20Priscilla%20de%20Oliveira%20Martins.pdf
- Menezes, C. C. (2006). A transição para o casamento (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Retrieved from <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7726/000554810.pdf?sequence=1>
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis, Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes.
- Moscovici, S. (2001). Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In D. Jodelet (Ed.). *As representações sociais* (pp. 45-63). Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.
- Mosmann, C., Predebon, J., Verza, F., & Wagner, A. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 21(2), 181-186. doi:10.1590/S0102-37722005000200008

- Monteiro, A. M. (2001). Avanços no estudo da conjugalidade: os casais de dupla carreira. *Psicologia: Ciência e Profissão* 21(3), 10-19. doi:10.1590/S1414-98932001000300003.
- Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde (2012). Resolução nº196/96 versão 2012. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_ENCEP2012.pdf
- Munhoz, T. N., & Nunes, C. F. (2013). Relacionamentos amorosos e facebook: uma revisão de literatura. *Em Tese* 10(2), 104-115. doi:10.5007/1806-5023.2013v10n2p104
- Nuernberg, A. H. (2008). Gênero e pesquisa em psicologia social. In. M. C. S. Lago, M. J. F. Toneli, A. Beiras, M. B. Vavassori & R. C. F. Müller (EDs.) Reflexões sobre o gênero e psicologia no Brasil (19-33). São Paulo, SP: Editora Casa do Psicólogo.
- Oliveira, M. V., & Smeha, L. N. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos jovens. *Revista Psicologia: Teoria e Prática* 15(2), 33-45. Retrieved from <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/4298>
- Osorio, L. C., & Valle, M. E. P. (2004). Fases da vida do casal. In: C. L. Osorio (Ed.). *Alquimia íntima. A nova química do casal* (pp. 21-42). Porto Alegre, RS: Literalis Editora.

- Pedro, J. M. (2005). Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História* 24(1), 77-98. doi:10.1590/S0101-90742005000100004
- Pinheiro, J. C. (2012). Trabalho feminino no Brasil. Análise da evolução da participação da mulher no mercado de trabalho (1950-2010) (Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Retrieved from <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/69992>
- Piovesan, F. (2005). Ações afirmativas da perspectiva dos direitos humanos. *Cadernos de Pesquisa* 35(124), 43-55. doi:10.1590/S0100-15742005000100004
- Reis, R. R. (2011). A América Latina e os Direitos Humanos. *Contemporânea Revista de Sociologia da UFSCar* 2, 101-115. Retrieved from <http://www.contemporanea.ufscar.br/contemporanea/index.php/contemporanea/article/view/42/24>
- Rolim, K. I., & Wendling, M. I. (2013). A história de nós dois: reflexões acerca da formação da e dissolução da conjugalidade. *Psicologia Clínica*, 25(2), 165-180. doi:10.1590/S0103-56652013000200010.
- Sá, C. P. (1998). A identificação dos fenômenos de representação social. In C. P. Sá. (Ed.) *A construção do objeto de pesquisa em Representações Sociais* (pp.45-61). Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.

- Sarti, C. A. (2006). Família e individualidade: um problema moderno. In M. C. B. Carvalho & H. Szymanski (Eds.). *A família contemporânea em debate* (pp. 39-50). São Paulo, SP: Educ e Cortez Editora.
- Scavone, L. (2001). Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface (Botucatu)* 5(8), 47-59. doi:10.1590/S1414-32832001000100004.
- Santos, M. A., & Scorsolini-Comin, F. (2012). A medida positiva dos afetos: bem-estar subjetivo em pessoas casadas. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 25(1), 11-20. doi:10.1590/S0102-79722012000100003
- Santos, M. A., & Scorsolini-Comin, F. (2011). Relações entre bem-estar subjetivo e satisfação conjugal na abordagem da psicologia positiva. *Psicologia Reflexão Crítica*, 24(4), 658-665. doi 10.1590/S0102-79722011000400005
- Santos, M. A. & Scorsolini-Comin, F. (2010). Relacionamentos afetivos na literatura científica: uma revisão integrativa sobre a noção de conjugalidade. *Psicologia para América Latina* (19), 0-0. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1870-350X2010000100009&script=sci_arttext
- Santos, M. A., & Scorsolini-Comin, F. (2009). Casar e ser feliz: mapeando a mensuração da satisfação conjugal. *PSICO*, 40(4), 430-437. Retrieved from <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4512>

- Santos, M. F. S. (2005). A teoria das representações sociais. In L. M. Almeida & M. F. S. Santos (Eds.). *Diálogos com a da representação social* (pp. 13-37). Recife, PE: Editora Universitária.
- Scott, J. W. (1989). Gênero: uma categoria útil de análise. Retrieved from https://archive.org/details/scott_gender
- Singly, F. (2007). Émile Durkheim e a "família relacional conjugal". In F. Singly (Ed.). *Sociologia da família contemporânea* (pp. 29-37). Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.
- Singly, F. (2000). O nascimento do "indivíduo individualizado" e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In V. Cicchelli & F. Singly (Ed.). *Família e individualização*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.
- Soihet, R. (2012). Mulheres moldando esteticamente suas existências: feminismo como alavanca para uma sociedade mais justa. *Projeto História 45*, 29-60. Retrieved from <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15006/11200>
- Spink, M. J. (1993). O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. *Cadernos de saúde Pública 9*(3), 300-308. doi:10.1590/S0102-3 11X1993000300017
- Tannahil, R. (1982). *O sexo na história*. Editora Francisco Alves.
- Torres, A. (2000). A individualização no feminino, o casamento e o amor. In V. Cicchelli & F. Singly (Eds.). *Família e individualização* (pp. 135-156). Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.

Uebelacker, L. A., Weinstock, L. M., & Whisman, M. A. (2004). Psychopathology and Marital Satisfaction: The Importance of Evaluating Both Partners. *Journal of Consulting and Clinical Psychology The Importance of Evaluating Both Partners*, 72(5), 830-838. doi:10.1037/0022-006X.72.5.830

Venturini, J. N. (2011). Conjugalidade nos anos iniciais do casamento. Experiências nas famílias de origem. (Dissertação de mestrado. Curso de Pós Graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo). Retrieved from <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/JoseleNadinVenturini.pdf>

Vainfas, R. (1986). *Casamento, amor e desejo no ocidente Cristão*. São Paulo, SP: Editora Ática.

9. APÊNDICE

APÊNDICE I

Dados Sócio-demográfico do participante

Iniciais:	Sexo:
Data de nascimento:	Escolaridade:
Estado Civil:	Profissão:
Religião:	Nível de part. religiosa:
Tempo de namoro:	Tempo de casado:

Renda Familiar:

<input type="checkbox"/> De 3 à 5 salários mínimos
<input type="checkbox"/> De 5 à 7 salários mínimos
<input type="checkbox"/> De 7 à 9 salários mínimos
<input type="checkbox"/> Acima de 9 salários mínimos

Cidade:	Bairro em que reside:
Telefone para contato:	

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1) Conte-me como vocês se conheceram?
- 2) Com base no que você já viveu como é a vida de casado(a)?
- 3) O que mudou e o que não mudou em relação ao tempo do namoro?
- 4) Como é o seu relacionamento com a família do seu marido? Esse relacionamento sofreu alteração após o casamento?
- 5) Como é o relacionamento da sua família com o seu cônjuge? Esse relacionamento sofreu alteração após o casamento?
- 6) Do ponto de vista financeiro como você avalia a família do seu marido comparada com a sua família?
- 7) Como é o seu relacionamento com os amigos do seu cônjuge? Houve alteração após o casamento?
- 8) Como é o relacionamento do seu cônjuge com os seus amigos? Houve alteração após o casamento?
- 9) O que vocês fazem geralmente juntos?
- 10) Há coisas que você gostaria de fazer junto com ele, mas que vocês não fazem?

- 11) Há coisas que não gosta muito de fazer, mas tem que fazer junto com ele? Por que você sente que tem que fazer essas atividades?
- 12) Você realiza atividades que são só suas? O que você faz sem a companhia dele? O que o(a) seu(a) cônjuge acha dessas atividades que você faz sem ele?
- 13) Em relação ao conjunto de atividades que um casal precisa realizar existe alguma divisão de atribuições?
- 14) Como vocês lidam com as redes sociais? Interferem de alguma forma na relação? Como?
- 15) Como é a sua relação com o trabalho do seu cônjuge?
- 16) Como é a relação do seu cônjuge com o seu trabalho?
- 17) Como vocês lidam com as finanças da casa?
- 18) Como é a comunicação entre o casal?
- 19) Vê pontos de diferenças ou semelhanças entre o seu casamento e o casamento dos seus pais? Quais?
- 20) Como você acha que seus amigos percebem o relacionamento de vocês? Por que?
- 21) Existe algo que diferencia seu relacionamento daquele que percebe existir em outros casais conhecidos? O quê?
- 22) Como você definiria o relacionamento que tem?
- 23) Quais são as expectativas do casal para o futuro? O que poderia atrapalhar essas expectativas?

APÊNDICE II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é **Juliana Pereira Torres**, sou Psicóloga e aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo orientada pela professora Dra. Priscilla de Oliveira Martins-Silva.

Para conclusão do meu mestrado, estudarei a dinâmica da vida conjugal de recém-casados. Para isso preciso entrevistá-los para que me relatem suas experiências.

As informações que pretendo obter poderão ajudar profissionais que trabalham com casais e contribuirão para aumentar a literatura existente.

Se o(a) senhor(a) puder colaborar, gostaria que respondesse a algumas questões formuladas em roteiro. Inexistem respostas certas ou erradas, apenas gostaria de conhecer um pouco de suas experiências relacionadas ao dia a dia da convivência com seu(sua) parceiro(a). Se necessário, posteriormente solicitarei esclarecimento referente à entrevista.

Gostaria de gravar a conversa para não perder as informações. Garanto ao(à) senhor(a) que essa gravação não será mostrada a ninguém, ficará sob a responsabilidade da pesquisadora por cinco (5) anos e depois incinerada. Informo também que esta pesquisa

segue padrões éticos e deixo claro que os dados de identificação dos participantes são sigilosos. Assim, os resultados obtidos da pesquisa serão publicados na dissertação, em periódicos e eventos científicos, sendo que o(a) senhor(a) não será identificado em nenhum momento.

A participação na pesquisa não envolve grandes riscos, pois apenas será solicitado que o participante relate verbalmente e voluntariamente suas opiniões e experiências. Afirmo que, se o(a) senhor(a) não quiser responder alguma pergunta, sua vontade será respeitada e poderá encerrar sua participação quando achar necessário, sem qualquer prejuízo.

Ao participar desta pesquisa o(a) senhor(a) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o tema. O(a) senhor(a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada lhe será pago por sua participação.

Após esses esclarecimentos, solicitamos seu consentimento livre e esclarecido para sua participação nesta pesquisa. Por favor, preencha os itens seguintes:

Eu, _____, RG _____ após receber as informações sobre a pesquisa concordo em participar deste estudo, com o título provisório: Representações sociais e recém-casados e estou ciente dos meus direitos abaixo relacionados:

- ✓ a garantia de receber informações a qualquer dúvida relacionada com a pesquisa;
- ✓ a liberdade de deixar de participar da pesquisa a qualquer momento;
- ✓ a segurança de não ser identificado, mantendo o anonimato das informações e a garantia de que serão mantidas e utilizadas somente para pesquisa;
- ✓ o conhecimento de que não receberei qualquer incentivo financeiro pela minha participação na pesquisa;
- ✓ a segurança de que não terei nenhum prejuízo ou punição, de qualquer natureza, por participar ou não desta pesquisa;

Tenho ciência do exposto e manifesto, livremente, meu desejo em participar da pesquisa.

Vitória, ES, _____ de _____ de _____.

Juliana Pereira Torres

Participante